

📍 Nova Venécia | Espírito Santo | Brasil



PEPTURES

ELEFANTE

PLANO DE ESTRUTURAÇÃO PARTICIPATIVA
DO TURISMO RESPONSÁVEL DA
APA DA PEDRA DO ELEFANTE

REALIZAÇÃO



APOIO



EXECUÇÃO



PEPTURES ELEFANTE – Plano de Estruturação Participativa do Turismo Responsável da APAPE (Área de Proteção Ambiental da Pedra do Elefante) é uma realização do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), executado pela SUBHIKE BRASIL LTDA, com apoio institucional da Prefeitura Municipal de Nova Venécia e do Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos (IEMA), no âmbito do projeto de estruturação do turismo de natureza na APA da Pedra do Elefante, Espírito Santo.

O objetivo do projeto é estruturar o turismo de natureza na APA da Pedra do Elefante e seu entorno, por meio de diagnóstico técnico, mapeamento georreferenciado, articulação participativa e planejamento estratégico, visando o desenvolvimento sustentável da região com base em seus patrimônios naturais e culturais.

Os beneficiários e as partes interessadas deste estudo são:

- Comunidade local e anfitriões do turismo de base comunitária da APA da Pedra do Elefante;
- Poder público municipal, estadual e órgãos ambientais (IEMA);
- Empreendedores, condutores e prestadores de serviços turísticos da região;
- Instância de governança local (Rede e Comitê Gestor PEPTURES Elefante);
- Sociedade civil e visitantes interessados no turismo de natureza responsável.

Aviso de direitos autorais

© Fábio Marques Cunha e Jayme Henrique Pacheco Henriques, 2026.

ISBN 978-65-02-25961-0

1. Ecoturismo
2. Áreas Protegidas
3. Planejamento Turístico
4. Conservação
5. Experiências Turísticas
6. Área de Proteção Ambiental
7. Trilhas Ecológicas



Copyright © 2026 • SUBHIKE BRASIL LTDA

Termos de uso e reprodução: A reprodução deste documento é autorizada, desde que citada a fonte, salvo indicação em contrário. É permitido copiar, baixar ou imprimir trechos do conteúdo do "PEPTURES Elefante" para uso próprio, bem como incluir excertos em documentos, apresentações, blogs, sites e materiais didáticos, desde que feita a devida referência à fonte e aos detentores dos direitos autorais. Nos casos em que for necessária autorização prévia para reprodução ou uso de informações textuais, tabelas e gráficos, tal autorização deverá ser solicitada previamente aos autores. Todas as solicitações para uso público ou comercial, bem como pedidos de tradução, devem ser enviadas para contato@subhike.com.

Por favor, cite esta publicação como:

SUBHIKE BRASIL. PEPTURES Elefante: Plano de Estruturação Participativa do Turismo Responsável da APAPE. Vitória: SUBHIKE Brasil. Edição: 1ª edição, 2026



Este trabalho foi produzido com o apoio institucional e financeiro do SEBRAE Espírito Santo. O conteúdo deste documento é de responsabilidade exclusiva da SUBHIKE Brasil e, em hipótese alguma, deve ser considerado como reflexo da posição do SEBRAE Espírito Santo, da Prefeitura Municipal de Nova Venécia ou do IEMA.

PEPTURES ELEFANTE

PLANO DE ESTRUTURAÇÃO PARTICIPATIVA DO TURISMO RESPONSÁVEL DA APAPE

O PEPTURES ELEFANTE (Plano de Estruturação do Turismo de Aventura e Ecoturismo da APA da Pedra do Elefante e Entorno), executado pelo SEBRAE e SubHike Brasil, apresenta neste documento a síntese técnica de todos os relatórios e resultados obtidos. Com foco na sustentabilidade e no planejamento participativo, a iniciativa consolidou a estruturação deste importante território.

Os principais resultados alcançados englobam a entrega do Inventário e Diagnóstico Turístico da APA, acompanhado de um mapeamento georreferenciado detalhado da região. No âmbito da governança e mobilização social, realizou-se a sensibilização dos atores locais, consolidada no relatório de engajamento territorial, culminando na pactuação e criação da Instância de Governança Local (IGL). O projeto também realizou o processo de hierarquização dos atrativos turísticos da unidade de conservação. Como entrega prática para o mercado, foram formatadas sete experiências turísticas com protocolos de execução definidos. Por fim, estabeleceu-se o Plano Estratégico de Turismo Responsável da APA, abrangendo o triênio 2027-2029, garantindo diretrizes seguras e sustentáveis para o futuro do destino.

Este plano materializa os resultados de um amplo processo de diagnóstico, mapeamento, avaliações e construção participativa e define o roteiro estratégico para a consolidação do turismo responsável na região.



Este trabalho é executado pela SubHike Brasil, empresa de consultoria e treinamento especializada em turismo de natureza, atuando na curadoria de experiências turísticas sustentáveis e seguras, contribuindo para que negócios e destinos adotem estratégias que valorizam o patrimônio natural e cultural.

EQUIPE TÉCNICA

Fábio Sabá - Coordenação Operacional
Jayme Henriques - Coordenação Institucional

COMITÊ GESTOR

Maria Alice Capucho - Fazenda Sta Rita
Maria Luzia - COAES
Suiana Silva Delazari - SEBRAE
Milla Boldrini Faria - Turismóloga
Anna Paula Lobo - SEBRAE
Parlei Prando - BNB
Lawrence Lubiana Zanotti - CEF
Prof. Ediu Carlos - IFES
Angela Zancanella - SENAC
Lazaro Brito - INCAPER
Maychon Amaral - Águias do Rapel
Ormino Neto - Espetaria P. do Elefante
Flamínio Grillo - Paróq. São Marcos
Camila Frisso - CDL
Samuel Gomes - Mega Zoom
Daniel Teixeira - NV Depressão
Otamir Carloni - PMNV/SECTUR
Capitão Damata - CBMES
Thales Lacerda - APAPE/IEMA
Tenente Corradi - CBMES
Marina Ribeiro - INOVE/IFES
Claudiane Souza - INOVE/IFES
Leonardo Zamprogno - Mobo Games

PARCEIROS INSTITUCIONAIS

Otamir Carloni - PMNV/SECTUR
Thales Lacerda - APAPE/IEMA
Paulo dos Santos Barbosa - SEBRAE
Anna Paula Lobo - SEBRAE
Daywidson Stabenow - SEBRAE
Ricardo Calmon - SEBRAE
Suiane Silva Delazari - SEBRAE

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	02
CARACTERIZAÇÃO GERAL DO MUNICÍPIO	03
CARACTERIZAÇÃO GERAL DA APA DA PEDRA DO ELEFANTE	05
CARACTERIZAÇÃO DA OFERTA TURÍSTICA	06
INFRAESTRUTURA E GOVERNANÇA	07
ATRATIVOS TURÍSTICOS	09
EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS TURÍSTICOS	19
INFRAESTRUTURA DE SUPORTE	21
ESTRUTURAS INSTITUCIONAIS	22
GEORREFERENCIADO DE DADOS	23
TRILHAS DAS APA DA PEDRA DO ELEFANTE	25
PRESSÃO ANTRÓPICA E SEGURANÇA DOS USUÁRIOS	27
GESTÃO E CONSERVAÇÃO DAS TRILHAS	28
ELABORAÇÃO DE ROTEIROS TURÍSTICOS	31
HIERARQUIZAÇÃO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS	32
EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS SISTENTÁVEIS (ETS)	35
LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA	36
ANÁLISE DIMENSIONAL DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS	37
ENTREVISTAS COM ANFITRIÕES	39
ETS 01: “PEGADAS DO ELEFANTE”	40
ETS 02: “AVES DO BARÃO”	46
ETS 03: “TRILHAS E TRADIÇÕES”	52
ETS 04: “SANTUÁRIO ECOLÓGICO”	58
ETS 05: “OAKES E O SABOR DO PIONEIRISMO”	64
ETS 06: “NOITE DE MODA DE VIOLA”	70
ETS 07: “BERÇO NATURAL - RAPEL NA PEDRA DO REGAÇO”	76

RECOMENDAÇÕES PARA VALIDAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO	82
SENSIBILIZAÇÃO E PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO	83
RESULTADOS ALCANÇADOS	84
CRITÉRIOS PARA FORMAÇÃO DA REDE E COMITÊ GESTOR	85
COMITÊ GESTOR EXECUTIVO DA REDE PEPTURES ELEFANTE	85
PONTOS DE ATENÇÃO E DESAFIOS ESTRATÉGICOS	86
ANÁLISE TÉCNICA	87
PLANO ESTRATÉGICO DO TURISMO RESPONSÁVEL DA APAPE	88
DIMENSÕES ESTRATÉGIAS	89
ANÁLISE SWOT	89
DIRETRIZES ESTRATÉGIAS	89
OBJETIVOS ESTRATÉGICOS	90
MACROPROGRAMAS E PROJETOS ESTRATÉGICOS	91
DETALHAMENTO DOS MACROPROGRAMAS	92
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	94



As imagens contidas neste documento são registros reais do território, representados artisticamente por meio da técnica de linoleogravura. Elas capturam a essência e as características autênticas da paisagem local sob uma perspectiva artística tradicional.

SUBHIKE BRASIL LTDA

Avenida Dante Michelini, n.º 551, sala 204, Jardim da Penha,
CEP 29060-235, Vitória-ES - E-mail: contato@subhike.com

APRESENTAÇÃO

O presente documento constitui a síntese técnica do PEPTURES Elefante — Plano de Estruturação Participativa do Turismo Responsável da Área de Proteção Ambiental (APA) da Pedra do Elefante, em Nova Venécia. O trabalho consolida os resultados de um processo de consultoria conduzido entre junho e dezembro de 2025, estruturado para diagnosticar, planejar e qualificar o turismo de natureza na região sob critérios de sustentabilidade e responsabilidade socioambiental.

A metodologia percorreu a caracterização do município e da APA, o mapeamento da oferta turística existente — infraestrutura, governança, atrativos, equipamentos e serviços — e a avaliação das trilhas quanto à pressão antrópica, segurança dos usuários e conservação. A partir desse diagnóstico, foram elaborados roteiros turísticos hierarquizados e sete Experiências Turísticas Sustentáveis (ETS), fundamentadas na lógica interna de quatro segmentos do turismo de natureza: cultural, rural, ecoturismo e aventura.

O documento apresenta ainda o processo de sensibilização e planejamento participativo, com a formação da Rede e do Comitê Gestor PEPTURES Elefante, além do Plano Estratégico do Turismo Responsável da APAPE, contemplando análise SWOT, objetivos estratégicos e macroprogramas de ação.

Este relatório traduz o esforço coletivo entre comunidade, anfitriões e equipe técnica na construção de um modelo de turismo regenerativo, capaz de conciliar conservação ambiental, valorização cultural e desenvolvimento econômico local.





CARACTERIZAÇÃO GERAL DE NOVA VENÉCIA

O diagnóstico de um destino turístico exige a análise integrada de seus aspectos socioeconômicos, geográficos e históricos.

Este estudo mapeia limites de infraestrutura, segurança e orçamento para orientar a qualificação profissional, a viabilidade de serviços e a inclusão social.

Ao mesmo tempo, investiga a geografia e a história locais para estruturar rotas culturais e de aventura ligadas à terra, definir o calendário ideal de visitação e apontar as restrições ecológicas e de saneamento essenciais ao crescimento sustentável da atividade.

Em 2022, Nova Venécia tinha 49.065 habitantes (12ª posição no ES), com projeção de 53.458 para 2026. A população rural é majoritariamente masculina (faixa de 30-59 anos). No mercado formal, 11.474 pessoas têm carteira assinada (média de 1,9 salário mínimo), e 36,9% da população vive com até meio salário mínimo per capita.

A urbanização, intensificada desde os anos 1980, gerou fragmentação espacial, com bairros como Aeroporto e Coqueiral apresentando infraestrutura inferior. Segurança pública depende integralmente da Polícia Militar, sem Guarda Municipal.

Na educação, a escolarização (6-14 anos) atinge 98%, com IDEB 2023 de 7,1 (anos iniciais) e 5,9 (anos finais), 3º e 6º lugares no ES. A rede conta com 5.979 matrículas no fundamental (54 escolas, 467 professores) e 1.890 no médio (7 escolas, 157 professores), além de campus do IFES desde 2008 com cursos técnicos, superiores e pós-graduação.

Na saúde, a atenção primária é municipal, com encaminhamentos via SUS para casos complexos; mortalidade infantil de 9,96/mil nascidos vivos e 24 estabelecimentos SUS (2009).

Economicamente, o PIB per capita foi de R\$26.396,41 (2021), com receitas de R\$299,15 milhões e despesas de R\$285,42 milhões (2023). Serviços representam 56,23% da economia; 87,34% das receitas dependem de transferências externas. IDHM de 0,712 indica alto desenvolvimento humano.

As análises identificam limites de infraestrutura, segurança e orçamento, orientando a qualificação da mão de obra, a inclusão social em áreas carentes e a viabilidade de serviços para estruturar um destino seguro e atraente.

O município de Nova Venécia, ES, possui seu território inserido no bioma Mata Atlântica, restando apenas 4% (5.347 ha) de sua cobertura florestal primária. Nesse cenário de fragmentação, destaca-se a APA da Pedra do Elefante (2.562,31 ha), criada pelo Decreto Estadual nº 794-R/2001 e tombada pela Resolução 04/84.

Com área urbanizada de 10,77 km², os indicadores locais apontam 64,5% de esgotamento sanitário adequado, 72% de vias arborizadas e 39% de urbanização adequada, demandando gestão territorial para mitigar riscos socioambientais que afetam 3.363 pessoas.

Historicamente, a ocupação estruturou-se em três períodos: o contato com povos indígenas originários (Botocudos); a colonização não-indígena (1870-1953); e a emancipação. O fluxo migratório inicial deu-se em 1870 com expedições de São Mateus e migrações cearenses em 1880. A partir de 1890, a chegada de imigrantes italianos consolidou o núcleo que viria a se chamar Nova Venécia, elevado a distrito de São Mateus em 1893.

A expansão econômica e urbana foi impulsionada pela infraestrutura de transporte. A implantação da Estrada de Ferro (que alcançou o distrito em 1928 e foi convertida em rodovia em 1941) e a conexão com o eixo Colatina-Vitória consolidaram a região como polo comercial e produtivo.

O desenvolvimento resultou na emancipação política do município, instituída em 11 de dezembro de 1953 pela Lei nº 767, e na

posterior criação de sua Comarca em 1956, consolidou-se a autonomia administrativa local.

Nova Venécia possui seu território estruturado sobre um substrato pré-cambriano rico em granitos ornamentais, dividido entre os Patamares com Afloramentos Rochosos ao sul e os Tabuleiros Costeiros ao norte.

O relevo ondulado, que abriga a icônica Pedra do Elefante (604 m), condiciona a urbanização e preserva fragmentos da Mata Atlântica em suas encostas. Na hidrografia, destaca-se a bacia do rio Cricaré, que corta a sede de oeste a leste, desempenhando papel vital na economia, além da sub-bacia do Cotaxé ao norte e do Barra Seca ao sul. O clima local é classificado como Tropical Atlântico (Aw), caracterizado por verões quentes e chuvosos (outubro a março) e invernos mais secos. A precipitação média anual é de 1.030 mm, concentrando 85% do volume no período úmido.

A temperatura máxima histórica atingiu 40°C em 2016 e a mínima chegou a 9,9°C em 2010. Eventos de estiagem severa são indicados por registros de umidade relativa de até 13%.

A estrutura fundiária é dominada por pequenas propriedades ligadas à agricultura familiar, que responde por 70% dos mais de 10.600 empregos do setor. Enquanto os latifúndios ocupam apenas 7% da área (focados em pecuária e silvicultura nos tabuleiros), os minifúndios nos patamares rochosos produzem café conilon, pimenta-do-reino e leite.

Esse cenário de forte base familiar foi consolidado por movimentos sociais entre as décadas de 1980 e 2000, tornando Nova Venécia o município capixaba com o maior número de projetos de assentamento de reforma agrária (nove totais e três parciais).



CARACTERIZAÇÃO GERAL DA APA DA PEDRA DO ELEFANTE

A análise desta unidade de conservação e de seu entorno identifica os limites ecológicos do território e suas vocações para o turismo. Essa caracterização viabiliza roteiros sustentáveis e criação de plano de ordenamento turístico que integra a preservação ambiental ao fortalecimento da economia familiar local.

A Área de Proteção Ambiental da Pedra do Elefante (APAPE), gerida pelo IEMA, abrange 2.562,31 hectares no município de Nova Venécia, ES, dentro da bacia hidrográfica do rio São Mateus.

Instituída em 2001 pelo Decreto Estadual nº 794-R, a unidade de conservação integra o Corredor Ecológico da Pedra do Elefante, atuando na conectividade de fragmentos da Mata Atlântica e na preservação de espécies raras, endêmicas e ameaçadas de extinção. Seu principal marco é a Pedra do Elefante, um afloramento de Leucogranito Carlos Chagas (Tipo-S, peraluminoso com granada, cordierita e/ou sillimanita) que atinge 604

metros de altitude. Formada a partir de fusão sedimentar no Orógeno Araçuai, a rocha possui relações de contato difusas e foi tombada como Patrimônio Geológico pelo Conselho Estadual de Cultura em 1984 (Resolução 04/84) devido à sua relevância paisagística e cultural. Os atributos ecológicos da área incluem vegetação rupestre adaptada às encostas graníticas e uma gameleira centenária (*Ficus* sp.) de cinco metros de diâmetro, que possui forte valor ecológico e apelo religioso local associado à Mãe Peregrina.

Socioeconomicamente, a APAPE apoia propriedades de base familiar dedicadas à pecuária, ao agroturismo e ao cultivo de café, pimenta, cacau, banana e mandioca. A convergência entre o rico patrimônio geológico, ecológico e histórico-cultural confere à unidade um elevado potencial para o desenvolvimento do geoturismo, ecoturismo e turismo de aventura.

O manejo adequado e o uso público sustentável da APA são indispensáveis para garantir a conservação da biodiversidade regional concomitante ao desenvolvimento econômico local.

CARACTERIZAÇÃO DA OFERTA TURÍSTICA

Este estudo adotou um inventário simplificado e adaptado para mapear os atrativos, a infraestrutura e os serviços turísticos da unidade de conservação e seu entorno, ordenando dados estratégicos para o planejamento turístico sustentável.

Essa abordagem sistemática fundamenta-se em critérios científicos validados, garantindo rigor metodológico e consistência técnica ao processo. Além da análise tradicional de oferta, o trabalho integra avaliações

de gestão da segurança e práticas alinhadas às diretrizes ESG, gerando um diagnóstico que apoia gestores e parceiros na qualificação de serviços e no direcionamento de investimentos locais.

Os resultados obtidos auxiliam o SEBRAE-ES e a prefeitura de Nova Venécia na gestão e governança futura. O estudo mapeou a dinâmica turística local a partir de quatro dimensões estruturais e seus respectivos componentes:

DIMENSÃO	ELEMENTOS
ATRATIVOS TURÍSTICOS <i>Locais, objetos, equipamentos, pessoas, fenômenos, eventos ou manifestações capazes de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los.</i>	• Recursos naturais • Manifestações culturais • Atividades econômicas características • Realizações técnico-científicas • Produções artísticas • Eventos programados
EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS TURÍSTICOS <i>Conjunto de serviços e equipamentos de hospedagem, alimentação, agenciamento, transportes, para eventos, de lazer e entretenimento etc.</i>	• Meios de hospedagem. • Estabelecimentos gastronômicos • Agências de turismo • Modalidades de transporte • Infraestrutura para eventos • Opções de lazer e entretenimento
INFRAESTRUTURA DE SUPORTE <i>Conjunto de obras, de estrutura física e serviços, que proporciona boas condições de vida para a comunidade e dá base para o desenvolvimento da atividade turística.</i>	• Condições de acessibilidade • Sistemas educacionais • Infraestrutura de saúde • Sistemas de comunicação • Mobilidade urbana e rural • Serviços de segurança • Sistemas de transportes • Abastecimento de água
ESTRUTURAS INSTITUCIONAIS <i>São os órgãos e entidades, públicos e privados, responsáveis pela gestão, promoção e desenvolvimento do turismo da região. Órgãos governamentais de turismo.</i>	• Conselhos regionais e municipais • Fóruns setoriais • Instâncias de planejamento turístico

A inventariação e o diagnóstico sinóptico constituem um processo sistemático e contínuo de levantamento de dados, essencial para documentar a infraestrutura, os atrativos e os serviços sob critérios de precisão técnica.

O trabalho descreve a situação atual do território para avaliar riscos, dinâmicas e potenciais integrados. Esse monitoramento contínuo gera subsídios valiosos, minimizando distorções para embasar intervenções futuras e o planejamento sustentável do destino.

A metodologia sistematiza a oferta turística via registro de identificadores (nome oficial, Cadastur, responsável) e classificação tipológica. O processo abrange localização georreferenciada, contatos, normas operacionais e infraestrutura de apoio.

Conclui-se com um diagnóstico analítico-reflexivo que integra dados qualitativos e quantitativos, oferecendo uma avaliação crítica para subsidiar estratégias de qualificação, preservação e desenvolvimento sustentável do recurso e seu entorno.

INFRAESTRUTURA E GOVERNANÇA

Para mensurar as variáveis estruturais e institucionais, aplicou-se a escala Likert, adotando uma parcela de 1 a 5, padronizando a mensuração do nível de atendimento e qualidade dos recursos analisados.

Essa abordagem garante objetividade metodológica ao diagnóstico, facilitando a comparação direta das potencialidades e limitações identificadas, permitindo a análise quanti-qualitativa dos critérios apresentados:

ESCALA DE AVALIAÇÃO		CRITÉRIOS DE CARACTERIZAÇÃO
1	INEXISTENTE	- O serviço ou infraestrutura não existe no território - Não há nenhuma oferta disponível - Ausência total compromete a experiência turística
2	INSUFICIENTE	- Serviço ou infraestrutura extremamente limitado - Oferta precária e de baixa qualidade - Atendimento muito aquém das necessidades básicas
3	SUFICIENTE	- Serviço ou infraestrutura presente com limitações - Oferta básica que atende parcialmente as necessidades - Funcionalidade mediana para a atividade turística
4	BOM	- Serviço ou infraestrutura bem estruturado - Oferta diversificada e de qualidade satisfatória - Contribui positivamente para a experiência turística
5	ÓTIMO	- Serviço ou infraestrutura excelente e referência - Oferta completa, diversificada e de alta qualidade - Diferencial significativo para a experiência turística

ESG NO TURISMO

Integrar práticas ambientais, sociais e de governança promove sustentabilidade e competitividade no setor de turismo. Este diagnóstico avaliou a maturidade dos empreendimentos locais nessas três dimensões, mapeando o panorama atual da sustentabilidade regional, sobre os seguintes critérios:

- **INOPERANTE:** Nenhuma ação relacionada a ESG; sem estratégias ou práticas definidas.
- **INICIAL:** Consciência do conceito; algumas ações pontuais e isoladas; sem sistemática definida.
- **EMERGENTE:** Práticas parciais; estratégias em construção; comprometimento inicial.
- **ESTRUTURADO:** Processos definidos; práticas regulares; mensuração de resultados.
- **INOVADOR:** Estratégia completamente integrada; práticas consolidadas; inovação e liderança no tema; impacto positivo mensurável.

A análise qualitativa revelou um cenário crítico em que os empreendimentos turísticos locais encontram-se no nível "Inoperante" em todas as dimensões do ESG.

Identificou-se ausência de práticas de gestão ambiental e de valorização social, além de transparência na governança, que comprometem a competitividade regional, demandando a implementação urgente de programas de capacitação e políticas públicas para reestruturar a gestão da sustentabilidade do setor.

SGS NO TURISMO

O Sistema de Gestão da Segurança (SGS) estrutura procedimentos para mitigar riscos operacionais no turismo de aventura conforme a norma ABNT NBR ISO 21101. Este diagnóstico avaliou a maturidade dessas práticas em empreendimentos locais, mapeando os protocolos de segurança adotados na região, sobre os seguintes critérios:

- **NULO:** Ausência total de protocolos; não possui documentação; Sem treinamento da equipe; sem equipamentos de proteção; sem plano de emergência.
- **BÁSICO:** Protocolos mínimos; documentação incompleta; treinamento inicial; equipamentos básicos; plano de emergência rudimentar.
- **PARCIAL:** Alguns protocolos estruturados; documentação parcial; treinamento periódico limitado; equipamentos homologados; plano de emergência com lacunas.
- **AMPLO:** Protocolos abrangentes; documentação completa; treinamento regular e aprofundado; equipamentos certificados; plano de emergência detalhado; registro e análise de incidentes.
- **TOTAL:** Protocolos avançados; Documentação auditada; Treinamento constante e especializado; Equipamentos certificados; Plano de emergência com simulações; Sistema de gestão de riscos; Cultura de segurança consolidada.

A análise qualitativa revelou cenário crítico: os empreendimentos operam ao nível "Nulo" de SGS. Essa conjuntura gera graves riscos, exigindo medidas vitais para mitigar acidentes operacionais e salvaguardar a competitividade do destino turístico.

O objetivo central desta inventariação simplificada foi identificar e caracterizar recursos turísticos atuais e potenciais, focando na análise qualitativa e estratégica dos elementos de valor. O foco buscou compreender atrativos e serviços capazes de gerar fluxo de visitantes e atrair o mercado.

O mapeamento integrou elementos materiais e imateriais da comunidade, gerando novas dinâmicas de hospitalidade. A análise avaliou a capacidade dos recursos de sustentar o turismo local com foco em sustentabilidade operacional e segurança.

ATRATIVOS TURÍSTICOS

A identificação dos atrativos documentou sua autenticidade, singularidade e sustentabilidade. A metodologia associou dados métricos a aspectos subjetivos e simbólicos, reconhecendo valores intangíveis e narrativas que qualificam o território.

PEDRA DO TUBARÃO

C.1.1.1. RELEVO CONTINENTAL

A Pedra do Tubarão, também conhecida como Pedra do Sapo, é um atrativo natural de interesse geológico, com potencial para caminhadas e para técnicas verticais, como o rapel. O percurso até o cume atravessa áreas de pastagem, capoeiras e lajedos rochosos, frequentado por visitantes experientes.

A visitação ocorre durante todo o ano, mediante agendamento prévio e autorização do proprietário, sem horário fixo, restrita a visitantes experientes ou participantes de eventos organizados. As atividades são conduzidas por monitores da empresa Águias do Rapel, com cobertura de seguro contra acidentes. Devido à ocorrência sazonal de

animais peçonhentos, o acesso deve ser feito com condutor qualificado e avaliação prévia das condições climáticas.

O atrativo não possui sanitários, alimentação nem sinalização informativa, contando apenas com estacionamento improvisado entre a estrada e o curral da fazenda, próximo ao início da trilha. A restrição de acesso e a falta de estrutura mantêm o local preservado, mas limitam o turismo sustentável e seguro, sendo um desafio equilibrar a proteção ambiental com a oferta de suporte básico, orientação e agendamento, a ser inserido em políticas integradas e no futuro plano de manejo.

PEDRA DA TORRE

C.1.1.1. RELEVO CONTINENTAL

A Pedra da Torre é um atrativo geológico, natural e paisagístico da zona rural do município, inserido na APA da Pedra do Elefante, com torre de telefonia celular instalada em seu topo. Funciona como mirante e ponto de passagem para off-road, montanhismo, caminhadas de longo percurso e motociclismo, com vista privilegiada do conjunto de formações rochosas do entorno, permitindo avistar a Pedra do Elefante sob ângulo diferenciado, além das florestas que preenchem vales e encostas.

O acesso ocorre durante todo o ano, sem horário fixo, de forma autônoma e esporádica, realizado por praticantes de aventura, proprietários locais e equipes de manutenção de antenas, sem exigência atual de autorização formal. O trajeto tem trafegabilidade difícil, com relevo acidentado e drenagem insuficiente que se agrava no período chuvoso, recomendando-se visitas diurnas e acompanhamento técnico, não sendo indicada a visitação sem esse suporte.

O atrativo não possui sanitários, alimentação nem sinalização turística. O estacionamento é improvisado, na mesma área usada pelas equipes de manutenção de telecomunicações.

PEDRA DO ELEFANTE

C.1.1.1. RELEVO CONTINENTAL

A Pedra do Elefante é o principal atrativo natural de interesse geológico e paisagístico da região, inserida na APA homônima, reconhecida pela beleza cênica e pelo desafio de seu acesso. De uso múltiplo e fluxo expressivo, recebe praticantes de trilha, montanhismo e motociclismo, além de grupos religiosos e de bem-estar, em percurso de nível moderado a difícil mesmo para caminhantes experientes.

O entorno está sob proteção legal, contemplado por decreto estadual que institui a Área de Proteção Ambiental e por

tombamento como Monumento Paisagístico Natural, reconhecimento que reforça seu valor arqueológico, paisagístico e científico como patrimônio estadual.

Não há exigência formal de guias para a subida, mas recomenda-se pleno domínio do percurso e atenção às condições climáticas. O uso compartilhado por caminhantes e motociclistas, sem estruturas de apoio e segurança, gera conflitos e riscos aos visitantes; por se tratar de propriedade particular, o ordenamento do uso já motivou notificações de órgãos ambientais e do Ministério Público.

Apesar do aparato jurídico de proteção, o local carece de estacionamento organizado, banheiros, sinalização adequada e serviço de segurança, contando apenas com painel educativo ao longo da trilha, insuficiente diante do volume e do perfil diversificado de frequentadores. Estão em andamento



projetos para aprimorar o acesso e a sinalização, com consolidação prevista no futuro Plano de Manejo da Unidade de Conservação.

PEDRA DO REGAÇO

C.1.1. RELEVO CONTINENTAL

A Pedra do Regaço é um atrativo natural de interesse geológico e paisagístico, inserido na APA da Pedra do Elefante. Integra roteiros de off-road, montanhismo e caminhadas, conectando a subida da Pedra do Elefante, a Pedra da Torre e a Trilha do Barão, além de abrigar rapel no próprio local. O percurso atravessa estrada vicinal, pastagens, capoeiras, floresta densa e lajedos rochosos.

A visita ocorre todo o ano, sem horário fixo, de forma eventual e autônoma, dependendo de autorização do proprietário ou da participação em eventos das Águias do Rapel. O acesso exige veículo tracionado, conhecimento do trajeto e verificação prévia da trilha. Não há normas de uso nem estruturas de segurança, sendo necessário acompanhamento técnico.

O atrativo não possui sanitários, alimentação nem sinalização informativa. O estacionamento é improvisado, entre a estrada e as cercas locais, próximo à trilha.

GAMELEIRA

C.1.6 UNIDADE DE CONSERVAÇÃO

A Gameleira é um atrativo natural de interesse botânico, histórico e religioso, inserido na APA da Pedra do Elefante. Trata-se de uma árvore centenária da espécie *Ficus*, com mais de 15 metros de altura e 5 metros de circunferência, cujas raízes superficiais ultrapassam 1,80 metros de altura, formando assentos naturais. Sua origem remonta ao final do século XIX,

quando as terras da região foram desbravadas pelo Major Antônio Rodrigues da Cunha, o Barão de Aymorés, tendo testemunhado a derrubada de mata para o plantio de café, com uso de mão de obra escravizada, e a chegada de migrantes nordestinos e imigrantes italianos.

Em 1990, o local tornou-se destino de devotos da Mãe Peregrina, com imagem fixada entre suas raízes, marcando o início do Santuário de Nossa Senhora Peregrina, cujo acesso inclui as estações da Via-Sacra e escadaria de mais de 400 degraus até a capela no alto da escarpa rochosa. A visita é livre e espontânea durante todo o ano, recebendo romeiros, devotos, caminhantes, ciclistas e motociclistas, que também utilizam os bancos naturais das raízes para palestras, cânticos e partilhas.

Apesar do fluxo expressivo, a infraestrutura é insuficiente: não há sanitários, alimentação ou Wi-Fi, a sinalização é precária, restrita a placas de conscientização, e o estacionamento é improvisado no recuo entre a estrada e a cerca. A ausência de ordenamento favorece o descarte inadequado de resíduos e o pisoteio do solo, comprometendo as raízes expostas, além da carência de acessibilidade adequada.

MIRANTE DA CIDADE

C.1.1. RELEVO CONTINENTAL

O Mirante da Cidade, conhecido como Olho do Elefante, é um atrativo natural de interesse geológico e paisagístico, integrado ao complexo da Pedra do Elefante, no entorno da APA homônima.

Oferece vista panorâmica de Nova Venécia, com acesso pela trilha da Pedra do Elefante ou pela face posterior, por via motorizada, sendo utilizado para montanhismo, caminhadas, 4x4 e atividades religiosas e de

bem-estar. A visitação ocorre todo o ano, sem horário fixo, e tem crescido de forma constante, ainda sem acompanhamento técnico correspondente.

O acesso é formalmente restrito, mas atualmente ocorre de forma autônoma. A trilha tem dificuldade moderada a alta, exigindo preparo físico e atenção às condições climáticas, recomenda-se condutor qualificado. O acesso motorizado concentra-se na face posterior, com melhores condições de estrada. Normas específicas de uso ainda dependem da conclusão do Plano de Manejo da unidade de conservação.

O mirante não possui sanitários, alimentação nem sinalização. O estacionamento é improvisado às margens das vias ou em pequenas áreas próximas à Espetaria e ao Sítio Pedra do Elefante. O crescimento do fluxo, sem infraestrutura correspondente, prejudica tanto a experiência do visitante quanto a conservação ambiental, reforçando a urgência das intervenções já previstas.

BORDADOS DONA FITINHA

C.2.26. ARTESANATO/TRABALHOS MANUAIS

A Associação de Bordadeiras Dona Fitinha é um atrativo cultural, histórico e de economia criativa, na zona rural de Nova Venécia, formada por mulheres artesãs que produzem bordados, peças de vestuário e artigos decorativos. A tradição remonta às influências dos desbravadores portugueses, do Barão de Aimorés e da imigração italiana, transmitida de mãe para filha, retratando religiosidade, cenas rurais e símbolos regionais. O Projeto Dona Fitinha foi criado em 2010, com encontros semanais no galpão da Associação de Produtores Rurais de Santo Izidoro; hoje conta com sede nova, próxima à Fazenda Santa Rita, em processo de revitalização, com

abertura ao público prevista para 2025. Do coletivo original de vinte integrantes, restam apenas cinco bordadeiras ativas, que conciliam a produção artesanal com o trabalho na lavoura e tarefas domésticas, enfrentando desgaste físico e falta de reconhecimento e incentivo. A comercialização das peças ainda não garante renda plena, e o risco de desaparecimento da técnica é real diante do desinteresse das gerações mais jovens.

A visitação e a comercialização ocorrem durante todo o ano, mediante agendamento prévio, já que a sede ainda não opera em horário regular. O espaço dispõe de estacionamento, banheiros e Wi-Fi, mas não oferece alimentação nem sinalização turística formal, podendo esse serviço ser articulado em roteiros integrados à Fazenda Santa Rita, ao Casarão do Barão e à fábrica próxima.

OAKES BEIJU

C.2.25. GASTRONOMIA TÍPICA E PREPARAÇÃO DE ALIMENTOS

O OAKES Beiju é uma propriedade de agricultura familiar na Serra de Cima, próxima à Fazenda Santa Rita e ao Casarão do Barão, integrando roteiros de turismo rural e cultural na APA da Pedra do Elefante. Administrada por uma família de ascendência inglesa, espanhola e portuguesa, dedica-se à produção artesanal de beijos, farinhas e derivados da mandioca, sem uso de agrotóxicos, preservando saberes tradicionais e valorizando o etnoconhecimento transmitido entre gerações. A agroindústria é regularizada conforme exigências da vigilância sanitária, e o espaço recebe estudantes e extensionistas rurais em vivências educativas.

A visitação ocorre durante todo o ano, sem horário fixo, recomendando-se atividades no

período diurno. A pavimentação da estrada de acesso tende a ampliar o fluxo de visitantes, o que reforça a necessidade de antecipar o planejamento da infraestrutura e das práticas de ESG, hoje em estágio inicial.

O atrativo dispõe de estacionamento próprio, banheiros acessíveis, Wi-Fi e sinalização turística, mas não oferece alimentação diretamente, podendo esse serviço ser articulado com a Associação de Bordadeiras.



FAZENDA SANTA RITA

C.2.14. ARQUITETURA INDUSTRIAL/AGRÍCOLA

A Fazenda Santa Rita, fundada por volta de 1870 pelo Major Antônio Rodrigues — posteriormente agraciado por D. Pedro II com o título de Barão de Aimorés —, marca a ocupação efetiva de terras antes habitadas pelos índios Aimorés e é referência na produção cafeeira histórica da região.

O casarão colonial do século XIX, mantido por descendentes da família, preserva mobília original e um minimuseu com ferramentas de carpintaria, louças, porcelanas, quadros de família, um pilão histórico de beneficiamento de café e especiarias e uma coleção de rochas e minerais do garimpo local.

A fazenda foi pioneira no Espírito Santo no modelo cama & café, com experiências de imersão no cotidiano rural.

O local ofereceu restaurante, bar, hospedagem, trilhas do Barão e do Jequitibá em floresta nativa, e programações pedagógicas de resgate histórico-cultural.

Atualmente, a fazenda, o museu, as trilhas e o restaurante permanecem fechados, havendo articulação para retomada mediante agendamento prévio, com reabertura prevista do restaurante aos fins de semana e das trilhas para ecoturismo, educação ambiental e observação de aves.

A estrutura de estacionamento, banheiros e Wi-Fi já existe, mas não há sinalização turística. É proibido o uso de veículos motorizados nas trilhas e o consumo e a venda de bebidas alcoólicas. A visita futura deverá observar o Plano de Manejo da Unidade de Conservação, em fase final de elaboração.

SÍTIO HISTÓRICO DO CASARÃO DOS ESCRAVOS

C.2.19. RUÍNAS

O Sítio Histórico do Casarão dos Escravos é um atrativo de valor histórico-cultural, situado em fazenda privada na estrada vicinal que circunda a APA da Pedra do Elefante, no entroncamento que liga Nova Venécia à Gameleira, ao Santuário e à subida posterior da Pedra do Elefante.

Abriga os remanescentes físicos do antigo casarão dos escravos da Fazenda do Barão de Aimorés, testemunho do período escravocrata e da ocupação das regiões norte e noroeste do Espírito Santo, conectadas ao porto de São Mateus e ao Rio Cricaré. O acesso interno é proibido, sendo permitido apenas mediante autorização do proprietário. A visita pública restringe-se à contemplação externa das ruínas a partir da estrada, durante todo o ano, sem horário fixo.

O local não possui estacionamento, banheiros, alimentação ou sinalização turística. O casarão original sofreu desmonte ao longo das décadas, restando resquícios arqueológicos expostos às intempéries. Registros fotográficos e ferramentas de época são preservados pela comunidade local, mas ainda não foram catalogados formalmente.

CACHOEIRA DA GAMELEIRA

C.1.5 – QUEDA D'ÁGUA

A Cachoeira da Gameleira é um atrativo natural hídrico, situado próximo à árvore centenária homônima, na APA da Pedra do Elefante. É composta por queda d'água intermitente de águas cristalinas sobre formações rochosas, formando pequenos poços adequados para banho, em área de vegetação nativa preservada, com sombra e espaço para pequenos grupos.

O acesso ocorre por duas trilhas: a principal, coincidente com o percurso de subida da Pedra do Elefante, e uma secundária, lateral e de menor dificuldade, oferecendo uma alternativa mais acessível.

O percurso é consolidado, de curta distância, sem obstáculos relevantes nem exigência de experiência técnica prévia, atendendo tanto moradores quanto turistas em busca de lazer ligado à natureza, como complemento ao circuito da Pedra do Elefante e da Gameleira. O local não dispõe de sanitários, lixeiras ou estacionamento definido, recomendando-se aos visitantes práticas de mínimo impacto, incluindo a retirada de todo o lixo produzido.

CAPELA DE SANTO ANTÔNIO

C.2.7. LUGARES DE MANIFESTAÇÕES DE FÉ

A Capela de Santo Antônio de Pádua, no Córrego da Serra, é um dos poucos remanescentes do patrimônio histórico-cultural de Nova Venécia, integrando o conjunto de atrativos socioculturais da APA da Pedra do Elefante. Sua origem remonta ao início do século XX, quando a comunidade local, marcada pela presença de imigrantes italianos e seus descendentes, ergueu uma pequena capelinha de madeira no alto de um morro. O templo foi transferido para o local atual e ampliado, passando por uma segunda versão em madeira e estuque até chegar à atual edificação em alvenaria, consolidada na década de 1940 por membros da própria comunidade, com posteriores ampliações do altar e melhorias na infraestrutura. O calendário anual marca, em 13 de junho, a principal celebração dedicada a Santo Antônio, quando a capela reúne moradores e visitantes em atividades litúrgicas e festividades populares, consolidando seu papel como elemento agregador da cultura regional.

O acesso é restrito por vias rurais e depende, em parte, do envolvimento dos moradores na manutenção e promoção do espaço. A capela dispõe de infraestrutura básica, mas carece de serviços de apoio, sinalização adequada, acessibilidade e políticas de conservação. O local dispõe de sanitários e lixeiras.

SANTUÁRIO N. S. PEREGRINA

C.2.7. LUGARES DE MANIFESTAÇÕES DE FÉ

O Santuário de Nossa Senhora Peregrina, administrado pela Paróquia de São Marcos, é o atrativo de maior fluxo de visitantes da APAPE, concebido ao ar livre no entorno da Gameleira e dos afloramentos da Pedra do Elefante. A devoção surgiu no início da década de 1990, quando relatos de visões marianas atribuídos ao morador Geraldo, sua esposa Eliana e um grupo de devotos consolidaram a tradição que resultou na

construção de uma capela no topo da formação rochosa. O acesso se dá por escadaria de acesso íngreme, integrada à trilha pavimentada com estações da Via-Sacra, altar, oratório, galpão de celebrações e área de piquenique, em paisagem com vegetação diversificada. O acesso é livre durante todo o ano, sem horário fixo, atraindo romeiros, aventureiros e ciclistas. As celebrações dominicais reúnem de 400 a 500 pessoas, havendo também reuniões mensais de oração, com expectativa de elevação do espaço a santuário diocesano regional. Apesar do fluxo expressivo, a infraestrutura é insuficiente: banheiros acessíveis apenas aos domingos e em eventos, sem alimentação contínua, comercialização pontual, bancos de pedra como único mobiliário, e estacionamento formal inexistente. Problemas de resíduos, mobilidade e estacionamento, além da necessidade de proteção das árvores centenárias, já motivaram procedimentos do MP e do IEMA.



MATRIZ DE RECOMENDAÇÕES

A Matriz de Recomendações Consolidada organiza, por eixo temático de intervenção, todas as carências identificadas ao longo da caracterização e do diagnóstico dos catorze atrativos da APA da Pedra do Elefante, permitindo visualizar rapidamente quais pontos compartilham a mesma necessidade estrutural e priorizar investimentos que atendam a múltiplos atrativos de uma só vez. Os eixos identificados são:

- **Sinalização turística:** instalação ou melhoria de placas, painéis informativos, em vias e trilhas, transformando a contemplação externa em experiência guiada por informação.
- **Ordenamento de estacionamento:** organização, demarcação ou formalização de áreas de parada hoje improvisadas.
- **Educação e interpretação ambiental:** ações de conservação e sensibilização voltadas ao público visitante.
- **Dispositivos de segurança:** estruturas físicas de proteção em trechos de maior risco ao longo das trilhas e acessos, tais como corrimão, escada, ancoragem etc.).
- **Infraestrutura viária:** melhorias nas estradas de acesso e nos sistemas de escoamento de água pluvial.
- **Pesquisa e documentação:** levantamento de fontes verificáveis sobre a figura do Barão de Aimorés, hoje sustentada apenas por tradição oral.
- **Captação de recursos:** articulação de leis de incentivo, editais culturais ou parcerias para viabilizar melhorias.
- **Regularização institucional:** resolução de pendências junto a órgãos públicos já notificados formalmente — eixo de maior urgência jurídica.
- **Capacitação e treinamento:** formação de novos praticantes para evitar o desaparecimento de saberes tradicionais.

EIXO	ATRATIVO/NOTA ESPECÍFICA
Sinalização turística	Pedra do Tubarão, Pedra do Elefante, Trilha do Barão (Fazenda Santa Rita), Cachoeira da Gameleira: Contratar plano interpretativo de sinalização de trilhas, indicativas e interpretativas, integrado aos quatro percursos, com painéis interpretativos que abordam a introdução ao local, a biodiversidade de plantas e animais, a formação geológica da paisagem e a história cultural da região.
	Gameleira, Bordados Dona Fitinha, Fazenda Santa Rita, Santuário N. S. Peregrina, Capela de Santo Antônio, Capela de Santo Antônio de Pádua, OAKES Beiju, Mirante da Cidade, Casarão dos Escravos: Contratar projeto de sinalização turística viária e indicativa, com instalação de painéis interpretativos nos respectivos acessos, explorando biodiversidade e a história cultural da região.
Ordenamento de estacionamento	Pedra do Tubarão: Contratar estudo para regulamentação do estacionamento na rodovia de acesso, hoje improvisado e sem travessia segura. Prefeitura e IEMA devem formalizar tal ação com os proprietários.
	Pedra da Torre, Pedra do Regaço, Pedra do Elefante, Mirante da Cidade: Contratar estudo para regulamentação de áreas de estacionamento ao longo da estrada de terra que confere acesso aos quatro atrativos.
	Gameleira e Santuário N. S. Peregrina: Implantar área de estacionamento formal, com capacidade para as celebrações dominicais de 400 a 500 pessoas, e lixeiras também são comuns.

EIXO	ATRATIVO/NOTA ESPECÍFICA
Educação e interpretação ambiental	Pedra do Tubarão: Orientar os monitores a aplicar técnicas de baixo impacto na manutenção da trilha, evitando alargamento do caminho e remoção de vegetação nativa lateral.
	Gameleira: Instalar delimitação física baixa ao redor das raízes mais expostas, com monitoramento periódico do solo, hoje sem qualquer controle da compactação causada pelo pisoteio.
	Mirante da Cidade: Criar orientação simples para motociclistas e caminhantes sobre descarte de resíduos no trecho de acesso, hoje sem qualquer aviso.
	OAKES Beiju: Documentar formalmente as práticas de ESG hoje informais (etnoconhecimento, ausência de agrotóxicos) em um plano escrito, base para futuras certificações de turismo rural sustentável.
	Santuário N. S. Peregrina: Incluir orientação ambiental sobre descarte de resíduos nas celebrações dominicais, dado que o problema já motivou notificação do Ministério Público e do IEMA.
	Capela de Santo Antônio de Pádua: Registrar formalmente a história oral do templo (imigração italiana, mudanças construtivas), hoje dependente apenas da memória dos moradores mais antigos.
	Cachoeira da Gameleira: Instalar orientação de mínimo impacto e lixeiras nos dois acessos, hoje inexistentes, dado que o local não dispõe de qualquer estrutura de apoio.
Dispositivos de segurança	Pedra do Elefante, Pedra do Regaço, Pedra da Torre, Pedra do Tubarão e Fazenda Santa Rita (Trilha do Barão): Implantação de projeto de manejo de trilha (Construção de drenos, degraus de contenção, pontes e passarelas suspensas sobre áreas frágeis)
	Mirante da Cidade: Contratação de estudo para implantação de projeto de decks suspensos, corrimãos e guarda-corpos de segurança, além de escadarias e passarelas de acesso, estruturas de apoio como bancos para contemplação, coberturas rústicas.
Infraestrutura viária	Pedra do Elefante, Pedra do Regaço, Pedra da Torre e Mirante da Cidade: Instalar valetas de escoamento nos trechos de maior declive da estrada de acesso, hoje sem sistema de drenagem, o que agrava a trafegabilidade no período chuvoso.
Pesquisa documentação	Casarão dos Escravos: Contratar levantamento documental (arquivos públicos, registros cartoriais, bibliografia regional) que confirme com fontes verificáveis a atuação do Barão de Aimorés, hoje sustentada apenas pela tradição oral.
	Fazenda Santa Rita: Aprofundar, no mesmo estudo, o registro sobre a ocupação de terras indígenas Aimorés e o uso de mão de obra escravizada na formação da fazenda, temas hoje descritos sem fonte citada.
	Bordados Dona Fitinha: Verificar, no mesmo levantamento, a conexão histórica entre a tradição do bordado e a influência do Barão de Aimorés, hoje mencionada sem base documental própria.

EIXO	ATRATIVO/NOTA ESPECÍFICA
Captação de recursos	Bordados Dona Fitinha: Mapear editais de cultura popular e artesanato tradicional compatíveis com a situação jurídica atual da associação, para custear a estruturação da nova sede antes da abertura prevista em 2025.
	OAKES Beiju: Formalizar acordo com a Associação de Bordadeiras para oferta conjunta de alimentação em roteiros integrados, hoje tratada apenas como possibilidade informal.
	Casarão dos Escravos: Buscar recursos via lei de incentivo à cultura para consolidação estrutural das ruínas expostas às intempéries e catalogação formal do acervo hoje mantido pela comunidade sem registro técnico.
	Fazenda Santa Rita: Identificar linhas de financiamento para conservação do acervo do minimuseu e manutenção ambiental das trilhas do Barão e do Jequitibá antes da reabertura.
	Capela de Santo Antônio de Pádua: Formalizar com a Paróquia de São Marcos um calendário fixo de abertura programada, hoje dependente de disponibilidade informal de representantes locais; e estabelecer com a comunidade, já responsável historicamente pela manutenção desde a década de 1940, um cronograma formal de conservação preventiva.
Regularização fundiária	Pedra do Tubarão: Formalizar com o proprietário e IEMA um protocolo de registro de visitantes e exigência de condutor credenciado, hoje inexistente mesmo com a atuação já regular da Águias do Rapel.
	Pedra do Elefante: Abrir negociação formal com o proprietário e IEMA para definir termo de uso da trilha, respondendo às notificações já recebidas de órgãos ambientais e do MP sobre o conflito entre caminhantes e motociclistas.
	Santuário N. S. Peregrina: Responder formalmente aos procedimentos já abertos pelo MP e pelo IEMA sobre resíduos, mobilidade e estacionamento, com cronograma compatível com o fluxo de 400 a 500 pessoas por celebração.
Capacitação e treinamento	Bordados Dona Fitinha: Estruturar oficina de formação de novas bordadeiras para jovens da comunidade, evitando o risco real de desaparecimento da técnica.
	APAPE: Realizar programa amplo de capacitação para formação de Condutores de Ecoturismo (CBO 5115-05), com foco na liderança e orientação de grupos em atividades de ecoturismo e aventura, garantindo a segurança e fornecendo informações sobre a região. Esta capacitação deve contemplar também conhecimentos em manejo e mapeamento de trilhas, elaboração de roteiros, criação de experiências turísticas sustentáveis e primeiros socorros. A capacitação deverá abranger toda a Área de Proteção Ambiental Pedra do Elefante, contemplando suas diferentes comunidades, atrativos, trilhas e demais áreas com potencial para o ecoturismo, de modo a formar condutores aptos a atuar de maneira integrada em todo o território da APA, contribuindo para a valorização, conservação e utilização turística sustentável da área.

EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS TURÍSTICOS

O mapeamento dos equipamentos e serviços turísticos considerou as infraestruturas disponíveis e as dinâmicas econômicas, sociais e culturais que influenciam a experiência do visitante.

Além da dimensão funcional, analisou-se a integração de cada serviço ao contexto local, seu papel no desenvolvimento econômico e seu potencial de interação com a comunidade anfitriã.

Foram identificados equipamentos que também atuam como espaços de convivência, troca cultural e valorização das identidades territoriais.

RECANTO DAS PEDRAS

B.2.1. RESTAURANTE

O empreendimento é um sítio de lazer e restaurante rural localizado aos pés da Pedra do Regaço, em área de grande beleza cênica da Área de Proteção Ambiental da Pedra do Elefante (APAPE), com matas, afloramentos rochosos, piscinas naturais e uma pequena gruta. Oferece alimentação no sistema self-service, porções e bebidas, atendendo principalmente famílias, trilheiros e ciclistas, além de realizar eventos em datas especiais.

A visita ocorre aos fins de semana, sem restrições específicas e com horário não informado. O espaço também pode ser alugado mediante agendamento, dispondo de hospedagem para até oito pessoas, área de acampamento e estrutura de recreação.

Em bom estado de conservação, o local conta com música ambiente, espaço para eventos, atendimento a grupos, adega, conectividade

Wi-Fi e área de lazer com piscinas naturais, grutas e brinquedos infantis. Entretanto, apresenta limitações de mão de obra e capacidade de atendimento. As condições da estrada de acesso e a manutenção insuficiente também comprometem a operação, especialmente durante e após períodos chuvosos.

RECANTOS BAR

B.2.1. RESTAURANTE

O empreendimento é um bar em estilo cabana, com sinuca, campo society e quadra de bocha, que oferece bebidas, salgados, porções, churrasco no espeto de bambu e refeições mediante agendamento.

Localizado na Serra de Cima, no final da estrada de acesso à Fazenda Santa Rita e ao Córrego Boa Esperança, próximo à Fazenda Santa Rita, ao Casarão do Barão e ao OAKES Beiju, funciona

aos fins de semana, em horário não informado. Atende principalmente à comunidade local, trilheiros de moto, ciclistas, visitantes e moradores, funcionando como ponto de apoio aos roteiros da região.

O estabelecimento está em bom estado de conservação, sem detalhamento do tipo específico de degradação (estrutural, de instalações ou de manutenção geral). O estabelecimento dispõe de música ambiente, espaço para eventos e atendimento a grupos, inserido em área de grande beleza cênica junto à Pedra da Torre, à Pedra do Regaço e à face posterior da Pedra do Elefante.

A operação enfrenta limitações de mão de obra e de qualificação do atendimento, além de compartilhar com os dois empreendimentos anteriores o problema da estrada de acesso precária.

ESPETARIA PEDRA DO ELEFANTE

B.2.1. RESTAURANTE

O empreendimento é um sítio de lazer e restaurante rural, com churrascaria nas modalidades de espetaria e serviço à la carte, localizado aos pés da Pedra do Elefante, próximo aos acessos da trilha, do Santuário da Mãe Peregrina e da Gameleira.

Inserido em área de mata preservada e em afloramentos rochosos da APAPE, atende famílias, trilheiros, ciclistas e moradores de Nova Venécia. O restaurante funciona de quarta-feira a domingo, das 10h às 18h, e o espaço de eventos das 18h às 2h, mediante programação ou agendamento prévio.

Em muito bom estado de conservação, dispõe de piscinas naturais, brinquedos infantis, espaço para eventos, música ao vivo, atendimento a grupos e Wi-Fi, com oferta gastronômica de churrasco, espetos por peso, guarnições e porções.

O crescimento da demanda, sobretudo nos fins de semana, já supera a capacidade atual de atendimento, gerando filas e atrasos, problema agravado pelo estacionamento improvisado em frente ao restaurante e às margens da via.



RECOMENDAÇÕES GERAIS

Os serviços de alimentação inseridos na APAPE devem observar padrões que acompanhem as tendências do turismo de natureza, hoje cada vez mais associado a experiências gastronômicas com identidade local e a uma ambientação que dialogue com a paisagem. Isso inclui priorizar insumos de produtores da própria região, como hortas, laticínios, mandioca e café, reduzir o uso de embalagens descartáveis e adotar práticas de gestão eficiente de água e energia.

No aspecto estrutural, recomenda-se substituir progressivamente salões fechados por decks de madeira, redes, gazebos ou mesas sob copas de árvores nativas, reforçando a imersão do visitante no ambiente natural, e valorizar uma gastronomia de origem, com pratos robustos preparados em fogão a lenha, porções generosas com ingredientes locais e bebidas artesanais regionais, aproximando a oferta gastronômica da identidade rural da APAPE. Dado o perfil de caminhantes e ciclistas que já frequentam esses estabelecimentos, é igualmente recomendável investir em infraestrutura de apoio pós-atividade, como banheiros equipados para troca de roupa, bicicletário seguro, pontos de recarga de celular e espaços pet friendly, além de firmar parcerias diretas com condutores ambientais e monitores de rapel e trilha, de modo a receber de forma organizada os grupos de observação de aves, montanhismo e caminhada ao final de suas atividades.

Um ponto que merece atenção específica é a apropriação do próprio território como diferencial gastronômico e turístico. Com a recente publicação do Plano de Manejo da unidade de conservação, recomenda-se que o Comitê Gestor de Turismo articule, junto ao IEMA, à Prefeitura e ao SEBRAE, uma campanha voltada a estimular esses

estabelecimentos, e outros que venham a surgir, a incorporarem em seus cardápios, ambientação e narrativa comercial os temas da biodiversidade, da história e da cultura local, como a Gameleira, o Barão de Aimorés e as tradições dos bordados, fortalecendo a identidade da APAPE como destino e não apenas como pano de fundo geográfico dos negócios.

Recomenda-se ainda a implantação de protocolos de ESG nesses empreendimentos, formalizando práticas ambientais, sociais e de governança hoje ausentes ou aplicadas apenas de forma informal, o que tende a se tornar um diferencial competitivo crescente para negócios situados dentro de unidades de conservação.

INFRAESTRUTURA DE SUPORTE

A análise avaliou não apenas a existência de equipamentos e serviços, mas sua integração, funcionalidade e capacidade de sustentar o turismo e a vida local. Foram identificados subsistemas interdependentes cuja performance condiciona a atratividade do território e o bem-estar da comunidade.

O diagnóstico evidencia contrastes: existem serviços básicos consolidados, mas há gargalos críticos. Acessibilidade e transportes foram avaliados como inexistentes, o que limita fortemente o deslocamento de moradores e visitantes. Saúde, comunicações e mobilidade urbana e rural foram classificados como insuficientes, indicando falta de atendimento médico básico, conectividade digital e soluções de circulação adequadas ao fluxo turístico.

Em contrapartida, segurança pública e abastecimento de água apresentam condição suficiente. O destaque positivo é a educação

local, classificada como boa, sendo o subsistema com melhor desempenho.

Recomenda-se priorizar investimentos em acessibilidade e transporte (rotas, sinalização e transporte alternativo), ampliar cobertura e resiliência de saúde e comunicação, e integrar essas ações a um plano de infraestrutura com metas, prazos e indicadores. Soluções escalonadas — intervenções imediatas em acessos críticos, medidas de médio prazo para saúde e conectividade e projetos estruturantes de longo prazo — reduzirão fragilidades sem comprometer a comunidade.

ESTRUTURAS INSTITUCIONAIS

A investigação analisou a governança e a articulação entre atores públicos, privados e representativos envolvidos na gestão e desenvolvimento do turismo. Identificaram-se mecanismos de interação e interfaces de colaboração, considerando as relações institucionais como um sistema interdependente.

O diagnóstico aponta maturidade institucional intermediária: canais formais existem, mas apresentam engajamento estratégico limitado. Órgãos de turismo e conselhos municipais/regionais têm capacidade operacional suficiente para demandas rotineiras, porém carecem de atuação proativa para promover mudanças estruturais.

Foros técnicos e instâncias de planejamento integrado foram avaliados como insuficientes, evidenciando baixa articulação entre elos da cadeia produtiva; isso compromete a definição de metas compartilhadas, o alinhamento de ações sustentáveis e a competitividade do destino.

Recomenda-se fortalecer a governança por meio de incentivos ao diálogo interinstitucional, capacitação técnica dos conselhos e institucionalização de fóruns permanentes com metas e indicadores. A integração formal público-privada e a adoção de um plano regional de turismo plurianual são necessárias para transformar a estrutura existente em um arranjo capaz de promover desenvolvimento turístico sustentável.



GEORREFERENCIADO DE DADOS

O mapeamento georreferenciado da Área de Proteção Ambiental da Pedra do Elefante (APAPE) e seu entorno estruturou a base técnica para o planejamento turístico sustentável.

No âmbito do PEPTURES, o processo organizou e interpretou, de forma integrada, recursos naturais, culturais, infraestrutura, serviços e trilhas. O resultado gerou uma leitura territorial sistematizada, capaz de subsidiar decisões estratégicas de planejamento, conservação ambiental, segurança e elaboração de futuras rotas regionais.

O engajamento territorial uniu o reconhecimento direto do espaço e a coleta de dados em campo à integração com o Diagnóstico e Inventário Turístico anterior. Os elementos foram classificados conforme o Inventário da Oferta Turística do Ministério do Turismo (Brasil, 2011), divididos em Atrativos Turísticos Naturais e Culturais (ATNC) e Serviços e Equipamentos Turísticos (SET). Também foram mapeadas três trilhas de uso intensivo, incorporando dados essenciais à orientação dos usuários e à conservação.

A coleta de campo utilizou smartphones com o aplicativo Wikiloc e o GPS Garmin eTrex Touch 35. Com recursos de posicionamento GPS/GLONASS, bússola eletrônica e altímetro barométrico, o dispositivo garantiu o registro preciso de rotas, altitudes e pontos de interesse em ambientes naturais.

As trilhas mapeadas receberam dados sobre as características do terreno, níveis de dificuldade, atrativos e áreas de risco, convertendo trajetos em instrumentos técnicos de gestão.

O tratamento dos dados foi realizado no Google My Maps, estruturando camadas temáticas, marcadores e informações descritivas associadas aos waypoints.

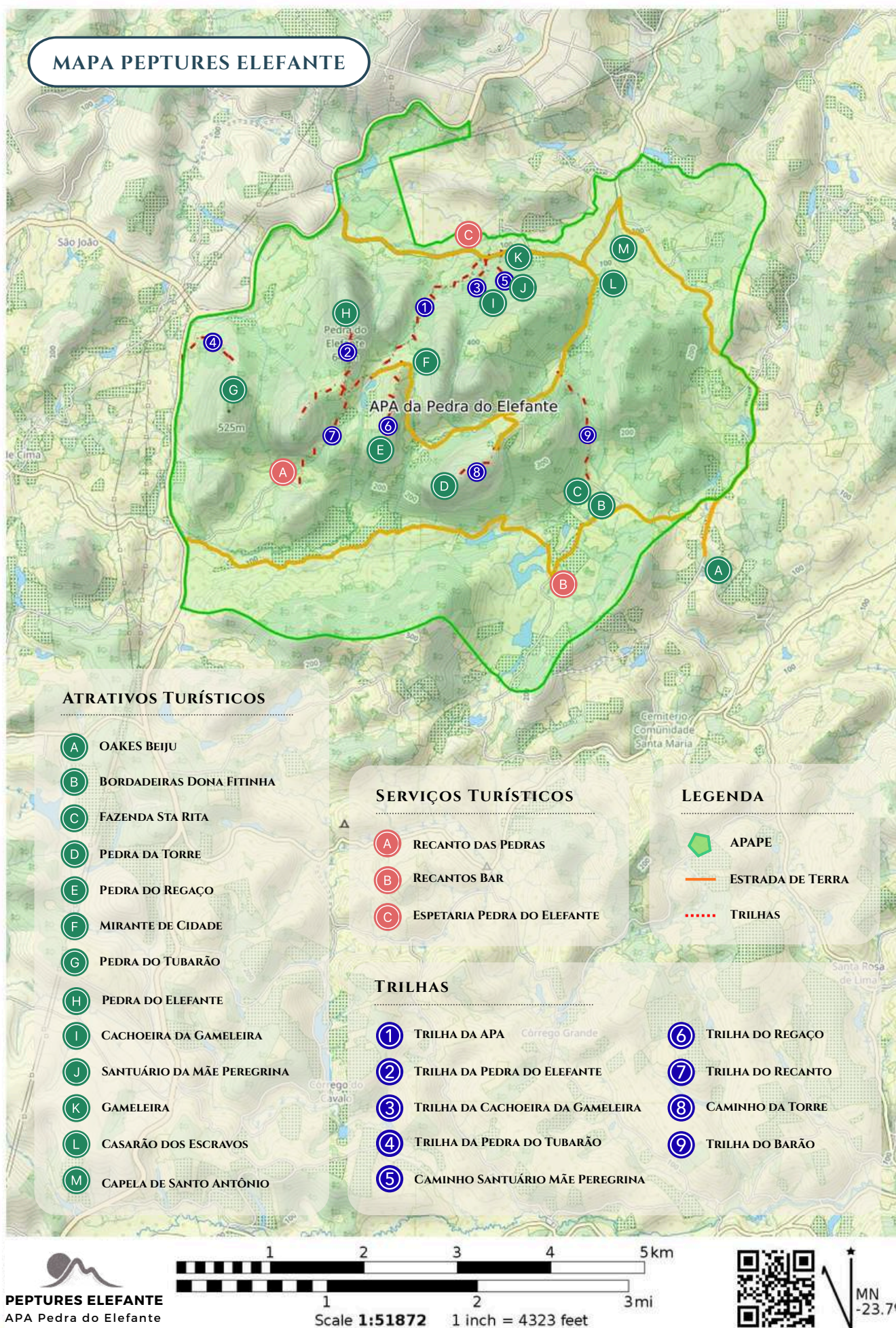
A identidade visual e a categorização dos ícones contaram com o apoio do Flaticon, tornando a leitura do mapa rápida e intuitiva. Posteriormente, os dados foram importados para o Google Earth, possibilitando a visualização tridimensional da APAPE e análises complementares de relevo, altitudes, distâncias e aspectos paisagísticos.

Como resultado, o projeto converteu registros dispersos em uma base cartográfica integrada e compartilhável. A espacialização dos dados permitiu compreender a distribuição dos patrimônios, reconhecer conexões entre os atrativos e avaliar a acessibilidade, interconectividade e fragilidade ambiental da unidade de conservação.

A articulação entre mapas bidimensionais e a visualização tridimensional ampliou a interpretação do território e qualificou o suporte técnico à tomada de decisões.

Além de apoiar a elaboração de novas rotas, o mapeamento produziu uma referência documental atualizável para o monitoramento das transformações da APAPE.

A base criada favorece o planejamento da sinalização turística e a orientação das atividades de visitação. Seu principal impacto consiste em fortalecer a gestão integrada, unindo informação técnica, segurança dos usuários, conservação ambiental e comunicação pública dos valores naturais e culturais locais.



TRILHAS DA APA DA PEDRA DO ELEFANTE

O levantamento de campo estruturou o engajamento territorial ao conectar dados georreferenciados, características ambientais, formas de uso e informações produzidas por usuários e atores locais. Foram observadas as práticas de caminhada, motociclismo, ciclismo, rapel, turismo religioso, educação ambiental, pesquisa e contemplação. O mapeamento confirmou a existência de um conjunto territorial com relevância geológica, geomorfológica, paisagística, cultural, religiosa, esportiva, científica e educacional. Também evidenciou que o desenvolvimento turístico depende de medidas simultâneas de valorização dos atrativos, organização do uso público, melhoria da sinalização, controle de impactos e qualificação da segurança. Foram mapeadas quatro trilhas lineares e uma trilha circular, com registro de percurso, desnível, elevação, dificuldade, pontos de interesse, condições ambientais, riscos e necessidades de manejo.

01 - TRILHA DA APA

O principal percurso da APAPE é o mais visitado, a trilha que atribui acesso à Pedra do Elefante, está localizada a aproximadamente 10 km do centro de Nova Venécia, com acesso pela BR-381 e trecho adicional de estrada não pavimentada. Situada em propriedade particular, apresenta 2,17 km de extensão, 300,41m de desnível, dificuldade moderada e elevação máxima de 408,51m. O levantamento confere acesso a uma sequência de atrativos naturais e paisagísticos: Cachoeira da Gameleira, Cachoeirinha Pedra do Elefante, árvore centenária e uma represa. Apresenta um estado de conservação precário. Carece de sinalização adequada, sendo esta classificada como insuficiente.

Ao longo do trajeto, cercado por uma vegetação densa, os caminhantes encontram trechos de forte declividade, caracterizados pela ocorrência de grandes blocos rochosos e raízes arbóreas entrelaçadas que se distribuem pelo caminho.

No que diz respeito ao seu potencial pedagógico, a formação rochosa serve como cenário ideal para aulas de campo, proporcionando aos alunos uma vivência direta no ecossistema local e fortalecendo o aprendizado prático.

02 - TRILHA DA PEDRA DO ELEFANTE

Com uma extensão total de 1,26 km, a trilha da Pedra do Elefante inicia-se na porteira do sítio de mesmo nome, compreendendo um trecho inicial de aproximadamente 800 metros por uma estrada de terra, apresentando um desnível total de 227,6 metros.

Ao longo do trajeto, o principal ponto de interesse intermediário são os Mirantes no Lajeado. Essas estruturas naturais funcionam como pontos de parada estratégicos que oferecem amplas vistas panorâmicas da paisagem circundante. Além do apelo contemplativo, essas clareiras elevadas permitem a observação direta das características geológicas e das nuances topográficas que definem a singularidade do relevo local.

Próximo ao cume, o caminhante encontra o Jardim das Bromélias, uma área com expressiva concentração dessa vegetação que enriquece a biodiversidade e serve como ponto de descanso. O ponto culminante da caminhada é o topo da Pedra do Elefante, formação de granito com vegetação rupestre e Mata Atlântica tombada como patrimônio natural do Espírito Santo (Resolução 04/84). Do

topo, descortina-se uma vista de toda a região, incluindo a cidade de Nova Venécia e os afloramentos vizinhos, como a Pedra da Fortaleza a oeste, a Pedra da Botelha ao norte e o Monumento Natural dos Pontões Capixabas ao sudoeste.

03 - TRILHA DA CACHOEIRA DA GAMELEIRA

Com uma extensão de 400 metros em formato circular, a Trilha da Cachoeira da Gameleira tem seu acesso a partir dos primeiros metros da Trilha da APA, com tempo estimado de caminhada de 30 minutos e um desnível total de 36 metros. Apesar de curta e com baixa declividade, o trajeto é pouco marcado e confuso, tornando-se desafiador por exigir o deslocamento constante sobre pedras.

A cachoeira principal apresenta uma pequena queda d'água de caráter intermitente, que surge com o grande volume de água sobre o maciço rochoso nos períodos chuvosos. Devido a essas características, o atrativo possui alto valor recreativo, geológico, hidrológico e forte potencial para o geoturismo.

O local já atrai visitantes interessados em lazer e na observação da biodiversidade local. Além do apelo turístico, a área oferece excelente potencial pedagógico para a realização de aulas de campo, proporcionando aos estudantes vivências e aprendizado direto no meio ambiente.

04 - TRILHA DA PEDRA DO TUBARÃO

Localizada próxima ao trevo de Cristalina, entre a ES-137 e a BR-381, a trilha possui 0,92 km, 160 m de desnível, dificuldade moderada

e elevação de 228 m. O percurso começa em área de pastagem e evolui para lajes rochosas e trechos íngremes, com alternância de pedra e solo e ausência de caminho claramente definido. A ascensão final exige o uso de cordas. O principal atrativo é o afloramento granítico da Suíte Aimorés, cuja forma inspirou o nome da Pedra do Tubarão. O local é cercado por vegetação expressiva e oferece vistas cênicas, contato com a natureza e condições para atividades de geoturismo, pesquisa geológica, geomorfológica e espeleológica.

O rapel, realizado no topo em descida aproximada de 20 m, constitui o principal produto de aventura e é operado por empresas locais. A área apresenta bom estado de conservação, mas carece de sinalização. O mapeamento qualificou o percurso como um espaço de alto potencial esportivo e científico, cuja utilização exige controle técnico, supervisão especializada e proteção das áreas sensíveis.

05 - CAMINHO SANTUÁRIO MÃE PEREGRINA

Situado aos pés da Gameneira, o percurso conduz a um santuário religioso implantado sobre afloramento rochoso e envolto por floresta.

O trajeto inclui a Gameleira, com estrutura religiosa de apoio, bancos de granito, sinalização temática, escadaria com corrimãos e 13 estações ao longo do caminho até a capela dedicada a Nossa Senhora da Paz. O conjunto articula patrimônio natural, religiosidade, paisagem e cultura, atraindo fiéis e visitantes e consolidando uma oportunidade de desenvolvimento do turismo religioso. O local também apresenta potencial para caminhadas ecológicas, atividades educativas, observação da biodiversidade e

geoturismo. A conservação é considerada satisfatória e o acesso apresenta melhores condições de segurança que as demais trilhas, embora ainda seja necessário aprimorar a sinalização e a gestão dos resíduos gerados pela visitação.

OUTRAS TRILHAS

Além dos percursos de uso intensivo que foram objeto do levantamento georreferenciado detalhado, o território da APAPE abriga outras rotas que não foram avaliadas no âmbito deste estudo. A existência dessas trilhas foi mencionada por moradores locais durante as atividades desenvolvidas em campo e seus trajetos identificados em plataformas colaborativas. Entre as rotas citadas e identificadas, destacam-se (6) Trilha da Pedra do Regaço, (7) Trilha do Recanto, (8) Caminho da Torre e (9) Trilha do Barão.

Embora esses percursos secundários possuam potencial para o ecoturismo e o turismo de aventura, a ausência de um mapeamento técnico e de uma análise de vulnerabilidade representa um desafio para a gestão da Unidade de Conservação. Muitas dessas rotas são conhecidas por nomenclaturas distintas na comunidade local, e é de extrema importância que sejam mapeadas, pois podem integrar interessantes roteiros turísticos, integrando uma interessante roteirização de conectividade entre todas as dimensões da unidade de conservação, sobretudo.

PRESSÃO ANTRÓPICA E SEGURANÇA DOS USUÁRIOS

O uso intenso e não controlado nas trilhas da APA, da Pedra do Elefante e da Cachoeira da Gameleira provocou impactos ambientais

relevantes, incluindo vandalismo em estruturas e rochas, resíduos, acampamentos desregulados, fogueiras próximas ao Lajeado e a abertura de cerca de dez atalhos não autorizados. O leito da trilha apresenta erosão severa, compactação do solo e degradação vegetal. A circulação simultânea de pedestres, bicicletas e motocicletas acelera esse desgaste e eleva o risco de acidentes, agravado por trechos íngremes, terreno irregular e histórico de fatalidades no topo, o que demanda sinalização de risco, barreiras e controle de fluxo.

Essa dinâmica de compartilhamento revela um grave conflito de uso, visto que a forte circulação de veículos motorizados acelera a degradação do solo por processos erosivos e compactação do leito do percurso, além de gerar poluição sonora que perturba a fauna local.

A circulação de motocicletas é flagrantemente incompatível com as normas de manejo, o zoneamento e as boas práticas internacionais para Unidades de Conservação, comprometendo tanto os objetivos de preservação ambiental quanto a segurança e a integridade física dos pedestres e ciclistas que buscam a trilha para o ecoturismo e a contemplação.

Na trilha da Pedra do Tubarão, a menor intensidade de visitação resultou na ausência de impactos significativos durante o levantamento. Contudo, a concentração de atividades de aventura pode gerar compactação do solo e danos à vegetação nos pontos de ancoragem.

Os riscos centram-se no terreno acidentado e na prática de rapel, atividade com potencial para lesões graves que exige operação por profissionais qualificados, supervisão, equipamentos adequados em conformidade com normas técnicas de turismo de aventura.

O Caminho Santuário Mãe Peregrina possui pavimentação e corrimão, oferecendo condições seguras e acessíveis. O principal impacto é o descarte inadequado de resíduos por falta de coletores suficientes, comprometendo a qualidade paisagística e

ameaçando a fauna e a flora. A intensa presença de fiéis representa um desafio de gestão, mas também uma oportunidade de converter o local em núcleo de educação ambiental, aliando a experiência religiosa à conservação da APAPE.

GESTÃO E CONSERVAÇÃO DAS TRILHAS

Este estudo apresenta recomendações técnicas para orientar a gestão e a conservação das trilhas da APA Pedra do Elefante, considerando a integridade ambiental, a segurança dos usuários, a qualidade da experiência turística e a compatibilização do uso público com a capacidade de suporte do território. As diretrizes foram estruturadas com base em referências institucionais e boas práticas de manejo, monitoramento, qualificação da visitação e participação social, conforme apresentado na tabela abaixo:

AÇÃO	DESCRIÇÃO
Diagnóstico biofísico e monitoramento da integridade da trilha	Realizar diagnóstico biofísico com transectos permanentes, pontos georreferenciados e registro fotográfico padronizado, monitorando largura da trilha, compactação do solo, perda de cobertura vegetal, erosão e atalhos, conforme o Roteiro Metodológico para Manejo de Impactos da Visitação (ICMBio) e os Fundamentos do Planejamento de Trilhas (MMA/ICMBio). Adotar o Manual de Monitoramento e Gestão dos Impactos da Visitação em UCs (WWF-Brasil/SMA-SP) e o Manual de Recuperação de Trilha (IPT) para indicadores físicos e recuperação. Monitorar semestralmente, com meta de reduzir 20% da erosão ativa em 12 meses após intervenção.
Avaliação dos impactos decorrentes do uso público	Avaliar sistematicamente os impactos da visitação com fichas de campo padronizadas, comparação temporal entre trechos e classificação de pontos críticos por nível de degradação, conforme o Roteiro Metodológico para Manejo de Impactos da Visitação (ICMBio) e o Manual de Monitoramento e Gestão dos Impactos da Visitação em UCs (WWF-Brasil/SMA-SP). Adotar os estudos de caso da Trilha do Poço Verde (PARNASO), Mata dos Godoy e a revisão sistemática sobre impactos em trilhas de UCs no Brasil para calibrar indicadores. Pontos críticos identificados no diagnóstico inicial devem ter plano de intervenção definido em até 90 dias.
Cálculo da capacidade de suporte das trilhas	Estimar a capacidade de suporte física, real e efetiva das trilhas da APA Pedra do Elefante, considerando extensão, fragilidade ambiental, tempo de permanência, declividade, sensibilidade ecológica e intensidade de uso, conforme a metodologia de Cifuentes adaptada para áreas protegidas. Utilizar como referência os estudos brasileiros: capacidade de carga na Trilha da Gruta do Limoeiro (considerando erodibilidade, acessibilidade e clima), no Parque Nacional da Chapada dos Guimarães (erosão como fator limitante) e na RPPN Mata Samuel de Paula (passo a passo dos cálculos). Definir tetos de visitação por trecho e revisar anualmente com base no monitoramento.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
Implantação de sinalização interpretativa	Instalar sinalização padronizada em acessos, bifurcações, trechos sensíveis e pontos de risco, com informações sobre dificuldade, duração, condutas permitidas, restrições e segurança, conforme o Manual de Sinalização de Trilhas (3ª ed., 2023, MMA/ICMBio), que define oito modalidades e exige placas bilíngues nos acessos. Adotar o Guia de Sinalização para Rotas de Cicloturismo e Trilhas (Aliança Bike) em rotas multimodais e o Manual Prático de Sinalização (WWF-Brasil) para orientações direcionais e confirmatórias. Sinalizar 100% dos acessos e pontos críticos em até 90 dias após a aprovação do plano.
Adoção de medidas de manejo corretivo e preventivo	Adotar intervenções de baixo impacto em trechos vulneráveis da APA Pedra do Elefante, incluindo drenagem superficial, contenção de enxurradas, fechamento de atalhos, delimitação do leito e estabilização de áreas erodidas. Seguir o Manual de Construção e Manutenção de Trilhas (Governo do Estado de São Paulo), que orienta drenagem, sinalização e manutenção, e o Manual de Recuperação de Trilhas: Mitigação de Riscos e Segurança (IPT), com soluções de engenharia leve e biológica. Aplicar o Manual de Sinalização de Trilhas (ICMBio) para manter visitantes no percurso e proteger áreas sensíveis. Estabilizar trechos críticos em 6 a 12 meses, conforme o risco.
Educação ambiental e comunicação com os usuários	Desenvolver ações contínuas de educação ambiental na APA Pedra do Elefante, promovendo conduta responsável, respeito à vegetação, descarte correto de resíduos e permanência na trilha. Utilizar o Manual de Sinalização de Trilhas (MMA/ICMBio) para orientar marcações, placas e comunicação com visitantes. Adotar o Manual de Recuperação de Trilhas (IPT) no monitoramento dos impactos e nas diretrizes de segurança. Consultar os guias da Série Uso Público do ICMBio, especialmente o Roteiro para Elaboração de Projeto Interpretativo e Fundamentos do Planejamento de Trilhas, para estruturar roteiros interpretativos. Reduzir em 30% os registros de condutas inadequadas em um ano.
Monitoramento regular das trilhas	Instituir monitoramento permanente das trilhas da APA Pedra do Elefante, com vistorias periódicas para identificar erosão, alargamento, compactação, atalhos, instabilidade de taludes e resíduos. Seguir o Roteiro Metodológico para Manejo de Impactos da Visitação e Fundamentos do Planejamento de Trilhas (ICMBio), com indicadores físicos e observação padronizada. Aplicar o Manual de Métodos para o Monitoramento do Número de Visitas na contagem de usuários e análise dos impactos, e o Manual de Sinalização de Trilhas (MMA/ICMBio) na organização do percurso. Definir pontos fixos, ficha padronizada, limites de tolerância e revisão dos trechos críticos.
Engajamento da comunidade local	Promover a participação da comunidade na gestão das trilhas da APA Pedra do Elefante por meio de reuniões periódicas, monitoramento participativo, educação ambiental, pactuação de regras e apoio à visitação. Seguir o Manual de Estruturação e Promoção Turística das Trilhas de Longo Curso, que incentiva a integração institucional e o turismo de base comunitária, e Fundamentos do Planejamento de Trilhas (ICMBio), que valoriza a cultura regional. Aplicar o passo a passo da Rede Trilhas, assegurando consulta e anuência de lideranças tradicionais, e as Diretrizes e Orientações Metodológicas do ICMBio, para participação qualificada e controle social. Definir atores, calendário, canais de comunicação e registro das contribuições.

AÇÃO	DESCRIÇÃO
Gestão sustentável dos resíduos	Implementar plano de gestão de resíduos nas trilhas da APA Pedra do Elefante, priorizando a prevenção, a retirada dos resíduos pelos visitantes e coletores apenas em áreas de apoio. Seguir Fundamentos do Planejamento de Trilhas e o Manual de Sinalização de Trilhas (ICMBio), com orientação de baixo impacto. Aplicar o Guia de Boas Práticas para Mutirões de Limpeza (MMA) em ações educativas e de coleta, e os princípios Não Deixe Rastros, especialmente para descarte correto, resíduos humanos e proteção da fauna. Definir pontos de apoio, segregação básica, rotinas de coleta e inspeções regulares nos locais de maior fluxo.
Conscientização sobre segurança nas trilhas	Implementar ações permanentes de orientação nos acessos, recepção e materiais digitais, abordando riscos, equipamentos, clima, limites e emergências. Utilizar o Manual de Sinalização de Trilhas (ICMBio/MMA) e as Diretrizes do Caminho da Mata Atlântica para orientar o percurso com segurança. Adotar o Guia de Conduta Consciente em Ambientes Naturais (ICMBio/MMA), cartilhas dos Corpos de Bombeiros e Manuais de Recuperação de Trilhas (IPT) para reforçar planejamento, primeiros socorros, prevenção de extravios, acionamento de resgate e mínimo impacto. Realizar briefing obrigatório antes das caminhadas guiadas.
Implantação de Programa Territorial de Segurança e Qualificação do Turismo de Aventura	Estruturar, em toda a APA Pedra do Elefante, um programa territorial de segurança e qualificação do turismo de aventura, articulado pelo órgão gestor com municípios, comunidades, empresas e condutores. O programa deverá diagnosticar as atividades existentes, capacitar e avaliar condutores conforme a ABNT NBR ISO 21102, implantar procedimentos de gestão da segurança, análise de riscos e planos de emergência segundo a ABNT NBR ISO 21101, padronizar as informações aos participantes conforme a ABNT NBR ISO 21103 e incorporar práticas sustentáveis previstas na ABNT NBR ISO 20611. A adesão poderá ser reconhecida por selo local, condicionado à comprovação documental e à verificação periódica, com apoio do Programa Aventura Natural do SEBRAE.
Programa de Educação Ambiental no Santuário }Mãe Peregrina	Implantar um programa de educação ambiental no Santuário Mãe Peregrina, integrado à dinâmica da visitação religiosa e orientado por princípios de ecologia integral e uso responsável do espaço. O programa deve utilizar linguagem compatível com o público peregrino, materiais contextualizados, ações em períodos de maior fluxo e avaliação periódica de adesão às orientações. A proposta pode dialogar com a <i>Laudato Si'</i> , com as diretrizes da Pastoral da Ecologia Integral da CNBB e com experiências da Plataforma de Ação <i>Laudato Si'</i> , que incentivam conversão ecológica, formação comunitária e mudança de hábitos.

O conjunto de recomendações evidencia que a gestão sustentável das trilhas da APA Pedra do Elefante depende da integração entre monitoramento técnico, manejo físico, sinalização adequada e governança participativa. A efetividade dessas ações está condicionada à continuidade institucional, à

qualificação dos agentes envolvidos e ao uso de indicadores mensuráveis. Assim, recomenda-se que sua implementação ocorra de forma articulada e progressiva, consolidando um modelo replicável de uso público responsável.



ELABORAÇÃO DE ROTEIROS TURÍSTICOS

Esta síntese consolida dados do relatório técnico da etapa de Elaboração de Roteiros Turísticos (ERT) produzidos pelo PEPTURES Elefante, na qual foi adotada a estratégia que reposiciona a oferta do eixo logística-operacional para o design de experiência turística.

Desenvolvida pela SUBHIKE BRASIL LTDA., a metodologia de Experiências Turísticas Sustentáveis (ETS) é fundamentada na Economia da Experiência, abordagem fenomenológica e Design Centrado no Humano. A proposta valoriza autenticidade territorial, imersão sensorial, aprendizado, engajamento emocional, participação ativa, sustentabilidade e ética socioambiental, articuladas por storytelling dos anfitriões.

As Experiências Turísticas Sustentáveis são estruturadas em dez tópicos alinhados ao mapeamento da jornada do visitante, otimizando visão sistêmica, gestão de expectativas e coerência de narrativas associadas à lógica do turismo de natureza, por meio de dimensões conceituais organizadas em uma tríade de variáveis.

No PEPTURES Elefante, foram concebidos os desenhos estruturais de sete experiências de referência.

O Comitê Gestor disponibiliza este portfólio como base para o desenvolvimento local, permitindo adaptações, desde que preservada a integridade dos protocolos metodológicos.

HIERARQUIZAÇÃO DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS

Antes de iniciar os procedimentos de desenho das experiências turísticas, foi necessário adotar uma análise de hierarquização dos atrativos turísticos, com o objetivo de qualificar e classificar os recursos naturais, culturais e de serviços previamente inventariados e diagnosticados na etapa de mapeamento da oferta turística da APAPE.

O resultado desse exercício técnico serviu de subsídio para a definição de prioridades na concepção e estruturação de Experiências Turísticas Sustentáveis, orientando a alocação de esforços e investimentos de forma

estratégica e alinhada à vocação do território. A metodologia aplicada na classificação dos atrativos foi adaptada de referenciais consolidados pela OMT e pelo Centro Interamericano de Capacitação Turística (CICATUR), ajustada às especificidades ecológicas, culturais e operacionais da área protegida.

O processo de hierarquização envolve a avaliação de dois grupos principais. O primeiro deles consiste em avaliar o potencial de atratividade do elemento com base em suas características, peculiaridades e o interesse que pode despertar nos turistas. É atribuído um valor quantitativo (de 0 a 3) às suas características, conforme a seguinte escala:

HIERARQUIA	CARACTERÍSTICAS
3 (alto)	É todo atrativo turístico excepcional e de grande interesse, com significação para o mercado turístico internacional, capaz de, por si só, motivar importantes correntes de visitantes, atuais e potenciais.
2 (médio)	Atrativos com aspectos excepcionais em um país, capazes de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes deste país, ou estrangeiros, em conjunto com outros atrativos próximos a este.
1 (baixo)	Atrativos com aspectos excepcionais em um país, capazes de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes deste país, ou estrangeiros, em conjunto com outros atrativos próximos a este.
0 (nenhum)	Atrativos sem méritos suficientes, mas que são parte do patrimônio turístico como elementos que podem complementar outros de maior hierarquia. Podem motivar correntes turísticas locais, em particular a demanda de recreação popular.

Esse processo de análise possibilita distinguir os atrativos a partir de seus atributos individuais, servindo de base para a definição de sua posição na hierarquia geral. Os critérios selecionados foram pensados para refletir as nuances do contexto local, assegurando uma

avaliação justa e alinhada com a realidade da área analisada.

O segundo grupo de avaliação são os critérios adotados para a hierarquização dos atrativos, conforme apresentado na tabela a seguir:

CRITÉRIOS		VALORES			
		0	1	2	3
A	Grau de uso atual	Insignificante	Pequeno	Média intensidade	Grande
B	Representatividade	Nenhuma	Elemento bastante comum	Pequeno grupo de elementos similares	Elemento singular, raro
C	Apoio local e comunitário	Nenhum	Pequeno	Razoável	Grande
D	Estado de conservação da paisagem	Péssimo	Regular	Bom	Ótimo
F	Infraestrutura	Inexistente	Precária	Necessitando de intervenções/melhorias	Ótimas condições
G	Acesso	Inexistente	Precário	Necessitando de intervenções/melhorias	Ótimas condições

Os critérios adotados para hierarquização dos atrativos consideram: grau de uso atual (fluxo turístico efetivo e sua importância local), representatividade (fundamenta-se na singularidade/raridade), apoio local e comunitário (engajamento social), estado de conservação da paisagem (ambiência circundante), infraestrutura (condições e disponibilidade) e acesso (facilidade e qualidade das vias).

Esses indicadores permitem avaliar objetivamente a relevância, viabilidade operacional e potencial de integração dos atrativos ao portfólio de experiências turísticas sustentáveis do território.

O resultado da hierarquização fornece uma base técnica transparente para a priorização dos atrativos que deverão compor o portfólio de experiências turísticas do projeto, subsidiando decisões sobre capacitação de anfitriões, investimentos em infraestrutura, ações de engajamento comunitário e estratégias de promoção.

Dessa forma, o estudo contribui para consolidar práticas de turismo responsável na APA da Pedra do Elefante, promovendo o desenvolvimento local com respeito à capacidade de suporte e à autenticidade territorial.

A avaliação e hierarquização dos atrativos turísticos da APA da Pedra do Elefante seguiu metodologia adaptada à realidade local. O processo considerou atributos singulares de cada atrativo, sua capacidade de despertar interesse mediante características naturais,

culturais e históricas. A análise resultou em classificação quantitativa transparente, orientando prioridades para desenvolvimento turístico sustentável, como apresenta a tabela abaixo:

HIERARQUIZAÇÃO DOS ATRATIVOS DA APAPE									
ATRATIVOS		CRITÉRIOS							TOTAL
		A	B	C	D	E	F	G	
1	Fazenda Santa Rita	3+3	2	2+2	3	2	3	2	22
2	Pedra do Elefante	3+3	2	3+3	1	2	1	2	20
3	Gemeleira	3+3	3	2+2	1	3	1	2	20
4	Santuário Nossa Senhora Peregrina	3+3	3	2+2	1	3	1	2	20
5	Bordadeiras Dona Fitinha	2+2	2	2+2	2	3	3	2	20
6	Oakes Beiju	2+2	1	2+2	2	1	1	2	15
7	Pedra da Torre	2+2	0	2+2	1	0	0	2	11
8	Cachoeira da Gemeleira	1+1	1	1+1	1	1	1	2	10
9	Capela de Santo Antônio de Pádua	1+1	0	1+1	1	1	1	3	10
10	Pedra do Tubarão	2+2	1	1+1	0	0	0	2	9
11	Pedra do Regaço	2+2	1	1+1	0	0	0	2	9
12	Mirante da Cidade	0	0	1+1	1	0	0	2	5

O ranqueamento acima reflete avaliação equilibrada entre atrativos, reforçando a proposta de turismo responsável para a região. A hierarquização constituiu ferramenta estratégica para identificar oportunidades e desafios do território, atribuindo valores quantitativos ao potencial de cada atrativo conforme a capacidade de atração de fluxos turísticos.

Atrativos com pontuação superior a 19 pontos destacam-se como âncoras prioritárias; entre 10 e 19 pontos, demonstram potencial fundamental mediante ajustes em infraestrutura e acessibilidade. A classificação forneceu base técnica sólida para a elaboração de experiências turísticas, assegurando desenvolvimento planejado e sustentável.



EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS SUSTENTÁVEIS

Após a hierarquização dos atrativos, que permitiu o ranqueamento técnico dos mesmos, a construção de experiências turísticas sustentáveis seguiu o planejamento estratégico para a ideação da “jornada emocional”. O objetivo foi posicionar o visitante como protagonista, gerando bem-estar e valor intangível. Sob a lógica da Economia da Experiência, a articulação de emoções, aprendizados e narrativas territoriais constituiu a moeda de valor. Destinos que orquestraram esses estímulos consolidaram vantagem competitiva, reputação e sustentabilidade operacional.

Do ponto de vista operacional, as experiências se concentraram em definir seis eixos centrais de planejamento metodológico, os quais funcionaram como a base estrutural que precedeu e fundamentou todo o enquadramento conceitual subsequente da arquitetura da experiência.

Em primeiro lugar, o trabalho executou segmentação em etapas, estruturou a jornada e qualificou os pontos de contato da inspiração ao retorno. Alinhado ao mapeamento da jornada e ao planejamento de estímulos (Pine & Gilmore), o planejamento faseado garantiu narrativas imersivas, protocolos robustos, personalização e gestão orientada ao desempenho e satisfação do visitante.

Em segundo lugar, o trabalho integrou aprendizado, sentidos e sentimentos na concepção das experiências. As narrativas extraídas de cada uma das etapas permitem planejar quais aprendizados, sentidos e emoções serão despertados. A fenomenologia de Erik Cohen e as estratégias de gestão ligadas à Economia da Experiência fundamentaram essas vivências memoráveis. As narrativas extraídas de cada etapa planejaram os estímulos despertados.

Em terceiro lugar, o trabalho integrou protocolos obrigatórios para garantir segurança, bem-estar e transparência. Saúde, direitos do consumidor e sustentabilidade foram os pilares. Informações detalhadas para visitantes e anfitriões asseguraram uma execução fluida e controlada. Esses protocolos solidificaram a qualidade do destino, alinhando-se ao turismo responsável.

Em quarto lugar, a gestão de Recursos Humanos definiu perfis e competências técnicas e comportamentais da equipe. Esses profissionais qualificaram o atendimento e garantiram vivências autênticas.

Em quinto lugar, a gestão de Recursos Estruturais detalhou a infraestrutura, a segurança e os materiais essenciais do local. Essa organização assegurou uma execução segura e realizável, alinhando a operação à sustentabilidade ambiental.

Em sexto lugar, a seção de Informações Adicionais detalhou a conservação do atrativo, a sazonalidade e o perfil do visitante, com suas restrições e contraindicações. A política de cancelamento também foi explicada, abordando os procedimentos operacionais, as condições climáticas adversas e as regras de reagendamento em conformidade com as normas técnicas do setor.

Por fim, a seção sugere a complementariedade do roteiro com outras experiências regionais, otimizando o tempo e enriquecendo a viagem do visitante.

Após a definição da estrutura operacional, a metodologia adotou um planejamento conceitual integrado, organizando os recursos em produtos coerentes, eliminando visões subjetivas e estabelecendo critérios alinhados à oferta ao turismo de natureza e garantindo o desenvolvimento sustentável local.

LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA

As experiências da SUBHIKE BRASIL aderem à lógica de cada segmento do turismo de natureza (turismo cultural, ecoturismo, turismo rural, turismo de aventura) para assegurar autenticidade. Para isso, a metodologia fundamentou-se na definição de Turismo de Natureza da OMT, validando a coerência entre proposta e entrega. Essa diretriz possibilita destacar elementos da natureza como protagonista imersiva e da cultura local como parte intrínseca, valorizando os anfitriões.

A partir desse alicerce, o trabalho explorou quatro formas estruturais para aproveitar as oportunidades oferecidas pelo destino, enquadrando as experiências nos quatro segmentos do turismo de natureza, adotando conceitos oficiais do Ministério do Turismo. Para consolidar o posicionamento de mercado e a integridade dos produtos, a SUBHIKE BRASIL aplica critérios proprietários de validação estruturados em três eixos estratégicos:

- **O Atrativo (O quê):** Constitui a promessa da viagem e a matéria-prima da experiência.
- **O Serviço (Como):** Representa a entrega prática e a ação do anfitrião para conectar perfeitamente o visitante ao atrativo.
- **O Diferencial (Por quê):** É o propósito central que gera o encantamento, a transformação e a fidelidade do cliente.

Essa engrenagem metodológica adotada pela SUBHIKE BRASIL visa potencializar os ativos intangíveis do destino, assegurando o encantamento do cliente e a sustentabilidade no território, de modo a converter conceitos técnicos em diferenciais competitivos estratégicos da marca.

As dimensões conceituais estabeleceram os pilares e as características essenciais que definem e diferenciam cada modalidade de turismo. A arquitetura de cada um desses quatro segmentos foi sustentada por critérios de validação que formaram três forças indissociáveis, as quais conferiram identidade e orientaram a prática de cada atividade.

O delineamento metodológico do trabalho enquadrou as ações operacionais a partir dessas três matrizes fundamentais, garantindo a coesão e o alinhamento conceitual de todas as entregas.

- No **turismo cultural**, a materialidade do patrimônio histórico e paisagístico conectou-se diretamente a vivências participativas e roteiros afetivos. Essa engrenagem funcionou para salvaguardar a identidade comunitária e promover o protagonismo local.
- No **ecoturismo**, os critérios éticos de mínimo impacto e conservação natural aliaram-se à interpretação ambiental realizada pelo anfitrião. O processo consolidou a atividade como uma ferramenta de inclusão e bem-estar social para os residentes.
- No **turismo rural**, a valorização da rotina e da simplicidade do campo materializou-se por meio do acolhimento genuíno e da hospitalidade. Essa abordagem promoveu a memória do território e a comunhão com o homem do campo.
- No **turismo de aventura**, o estímulo ao desafio pessoal e ao autoconhecimento associou-se a atividades recreativas e lúdicas. A execução seguiu um gerenciamento rigoroso de segurança, o que assegurou experiências controladas, autênticas e de alto valor agregado.

A metodologia estabelece dezoito dimensões norteadoras para criar experiências turísticas

marcantes e alinhadas ao perfil do visitante contemporâneo. Após quantificar as atividades, o PEPTURES Elefante analisa essas variáveis extraídas dos quatro segmentos para estruturar os novos produtos.

A análise dimensional, realizada após a observação das etapas, das narrativas e dos aprendizados propostos, permitiu identificar a manifestação de cada variável no âmbito do PEPTURES Elefante. Caso alguma dimensão se mostrasse subdimensionada, o processo orientou a modificação ou o acréscimo intencional de elementos para o aprimoramento e aumento do valor da experiência.

ANÁLISE DIMENSIONAL DAS EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS

Após concluir as diretrizes conceituais e as forças que conferiram identidade aos segmentos, o trabalho avançou para a Análise Dimensional das Experiências. Essa etapa estabeleceu dezoito dimensões norteadoras para materializar as ações práticas e enxergar como a atividade acontece no território.

O delineamento dessas dezoito variáveis funcionou como uma resposta estratégica à evolução do comportamento de consumo no turismo.

A metodologia foi desenhada para conectar a engenharia dos produtos às expectativas de um novo perfil de viajante, caracterizado pela busca por roteiros sob medida e hiperpersonalizados.

Ao mapear essa demanda, o arcabouço técnico priorizou a imersão nos ecossistemas locais e o resgate da memória cultural, transformando a sustentabilidade de um conceito abstrato em um atributo prático e perceptível de valor na ponta final.

DIMENSÕES	VARIÁVEIS	DIRETRIZ CONCEITUAL
Vivência Patrimonial	Educação Patrimonial	Transmissão ativa de memórias, marcos históricos e narrativas territoriais.
	Experiências Práticas	Engajamento participativo direto com oficinas tradicionais, rituais comunitários e dinâmicas folclóricas.
	Engajamento Emocional	Consolidação de vínculos afetivos e senso de responsabilidade por meio de reflexões guiadas e encontros culturais.
Sustentabilidade Socioambiental	Minimização de Impactos	Implementação de práticas regenerativas, uso sustentável do ambiente e fomento à consumo consciente .
	Respeito à Cultura Local	Salvaguarda de costumes locais, mitigação da apropriação cultural e orientação de conduta em territórios tradicionais.
	Envolvimento Comunitário	Governança compartilhada, inserção de produtores na cadeia de valor e geração de benefícios econômicos locais
Atividades Interpretativas	Experiências Interativas	Estímulo ao pensamento crítico e à curiosidade por meio de dinâmicas analíticas do meio biofísico.
	Narrativas Ambientais	Uso do storytelling integrado para decodificar processos ecológicos complexos e lendas territoriais.
	Compreensão da Natureza	Tradução de dados científicos complexos em mensagens acessíveis por condutores especializados
Incentivo à Conservação	Educação Ambiental	Desenvolvimento de atitudes conservacionistas e mitigação ativa de impactos em áreas sensíveis.
	Conexão Ambiental	Promoção de imersões sensoriais e momentos contemplativos para o fortalecimento de laços emocionais com a biosfera.
	Mudança de Comportamento	Estímulo à adoção permanente de hábitos sustentáveis e engajamento em práticas de restauração ecológica.
Valorização da Ruralidade	Modo de Vida Rural	Imersão nas rotinas tradicionais do campo, valorizando a dinâmica comunitária e o manejo agrícola diário.
	Relação com a Natureza	Vivência da conexão intrínseca das famílias rurais com o entorno por meio de práticas orgânicas e sustentáveis.
	Acolhimento	Hospitalidade genuína manifestada em refeições compartilhadas, hospedagem familiar e rodas de conversa
Desafio e Aventura	Superação de Limites	Concepção de trajetórias físicas adaptadas que estimulam o autoconhecimento e a resiliência pessoal.
	Experiências Físicas e Sensoriais	Exploração segura do território por meio de atividades motoras democráticas com foco na percepção do ambiente.
	Crescimento Pessoal e Social	Atividades colaborativas em ambientes naturais focadas no trabalho em equipe e liderança resiliente.

O alinhamento das dezoito dimensões norteadoras à metodologia da SUBHIKE BRASIL responde à convergência direta entre o desenho dos produtos e o Turismo 5.0. Esse panorama tem origem na Sociedade 5.0, conceito cunhado e desenvolvido pelo CSTI (Conselho de Ciência, Tecnologia e Inovação) do Japão em 2016. A partir dessa premissa, o mercado redesenhou os padrões de consumo ao focar no bem-estar integral e em vivências profundas, exigindo o abandono de práticas massificadas por jornadas significativas e transformadoras, trazendo a sustentabilidade para o centro do negócio.

Nesse contexto, o arcabouço metodológico traduz o slow travel e o turismo regenerativo em ativos reais na APAPE. A transformação do patrimônio histórico-cultural de objeto de observação passiva em experiência viva e pessoal fomenta pertencimento e estabelece a base ética das atividades, garantindo que o impacto seja positivo e regenerativo para o ambiente e a sociedade local, priorizando o propósito e a profundidade em cada ponto de contato.

A engenharia dessas experiências consolida-se por meio da arte de traduzir e decodificar a complexidade ambiental para torná-la fascinante, compreensível e memorável. Esse processo busca ir além da simples conscientização, transformando o visitante em agente ativo na conservação do destino. Ao celebrar a autenticidade do modo de vida no campo em contraponto à rotina urbana, o modelo oferece imersão genuína na cultura rural, enquanto utiliza o corpo e o desafio para o autoconhecimento e o crescimento pessoal, sempre com foco na segurança.

Sob a ótica do PEPTURES Elefante, essa engrenagem busca assegurar a entrega de conexões reais e transformadoras.

ENTREVISTAS COM ANFITRIÕES

As entrevistas constituíram a principal ferramenta de escuta qualificada e envolvimento local na elaboração das experiências do PEPTURES. Foram identificados os vínculos dos anfitriões com a APAPE, seus conhecimentos, recursos, limites operacionais, expectativas e disponibilidade para receber visitantes.

O processo valorizou a autonomia dos anfitriões e evitou propor produtos incompatíveis com sua capacidade. Como resultado, foi reconhecido um portfólio territorial composto por memória, gastronomia, produção rural, observação da natureza, religiosidade, convivência comunitária e aventura. As entrevistas revelam histórias inspiradoras de conexão com o lugar e valorização cultural local.

Dona Ecila conduz a Fazenda Santa Rita como um “museu vivo”, transmitindo a memória familiar e os valores da hospitalidade. A condutora Maria Luzia uniu o amor pela fotografia de aves ao aprendizado autodidata para se tornar referência local na observação de espécies raras.

A Família OAKES transformou a tradição afetiva do beiju e suas raízes históricas em um símbolo de orgulho e sustento rural. Na Paróquia de São Marcos, os relatos desvendaram como a liderança do Padre Honório mobilizou fiéis em ações ambientais e de fé no Santuário Mãe Peregrina.

O Recantos Bar, sob o carinho de Claudina e seu esposo Joarez, um casal de ex-lavradores com raízes na região, apresenta a convivência com os sabores da roça. Já o contato com Maychon, proprietário da Águias do Rapel, mescla superação com empreendedorismo, projetando as paisagens da região com paixão pelo turismo de aventura.



ETS 01: “PEGADAS DO ELEFANTE”

TRILHA DA APA | GAMELEIRA | TRILHA DA CACHOEIRA DA GAMELEIRA | CACHOEIRA DA GAMELEIRA | TRILHA DA PEDRA DO ELEFANTE | PEDRA DO ELEFANTE | PEDRA DA TORRE

A jornada de exploração ativa e imersão na Área de Proteção Ambiental representou o ponto de partida para o reconhecimento do território. O título estabeleceu uma conexão direta com o percurso físico da trilha, funcionando como o principal vetor de acesso e reconhecimento do atrativo geológico central. Essa escolha conceitual simbolizou a caminhada de descoberta e a progressão em terreno desafiador, enfatizando o contato profundo com o patrimônio natural e os traços da ruralidade local que compõem o destino.

O roteiro estruturado compreendeu um safári de carro inicial pelas vias de acesso, seguido por uma caminhada de intensidade moderada a alta direcionada até o cume. Ao longo do trajeto, o trabalho executou paradas estratégicas voltadas para a interpretação ambiental e cultural, englobando pontos

emblemáticos como a Gameleira, a Cachoeira da Gameleira, a Cachoeirinha, a Pedra da Torre e a própria Pedra do Elefante.

A jornada culminou com a degustação de um café regional preparado diretamente no local com produtos tradicionais, convertendo a atividade em uma vivência com significado e valorização territorial.

As operações ocorreram mediante agendamento prévio, com saídas programadas a partir das 07h00 e encerramento às 13h30, totalizando 6 horas e 30 minutos de atividades controladas. Os fluxos de atendimento integraram grupos compostos por no mínimo 2 e no máximo 10 participantes, assegurando a segurança coletiva e o mínimo impacto no ecossistema protegido.

ETAPAS

O delineamento operacional da experiência estruturou-se em doze etapas sequenciais. A jornada iniciou-se com o encontro e recepção na Gameleira centenária, onde executou-se um briefing técnico detalhado sobre as diretrizes de segurança, conduta e conservação na Unidade de Conservação. Em seguida, os participantes realizaram uma caminhada interpretativa focada na hidrologia de encosta da Cachoeira da Gameleira. A progressão continuou por uma trilha contemplativa de Mata Atlântica até a Cachoeirinha, permitindo a escuta ativa da bioacústica local.

O trecho seguinte exigiu maior esforço físico em subida íngreme rumo à Árvore Centenária, seguido por uma travessia rochosa com paradas na Represa e no Sítio Pedra do Elefante, abordando a gestão hídrica rural e a agroindústria familiar. O grupo avançou pelos mirantes do lajeado de leucogranito e pelo Jardim das Bromélias, culminando na conquista do cume, ponto com visão panorâmica de 360 graus.

No topo, realizou-se o lanche rural coletivo baseado na economia solidária. A fase de retorno compreendeu a descida controlada pelo lajeado, um safári de carro pelas estradas da região protegida e a subida veicular até a Pedra da Torre. O encerramento ocorreu com o regresso à Gameleira inicial para debriefing e reflexão socioambiental pós-experiência.

APRENDIZADOS

A arquitetura pedagógica do roteiro consolidou ensinamentos transversais voltados à conservação e à operação técnica de campo. No eixo natural, a imersão proporcionou a compreensão sobre os modelos de manejo de Áreas de Proteção

Ambiental, o reconhecimento da biodiversidade da Mata Atlântica e a função dos corredores na conectividade florestal. Decodificou-se o ecossistema ao estudar a geologia regional granítica, o ciclo hídrico e as adaptações da ecologia rupestre, capacitando o visitante na identificação de bioindicadores. No âmbito socioeconômico, o trabalho transmitiu conhecimentos sobre os arranjos da agroindústria sustentável e da economia solidária. A valorização do território materializou-se no entendimento da etnoecologia local e do patrimônio cultural. Por fim, instruiu-se o grupo em protocolos de segurança em trilhas e técnicas de progressão, convertendo o usuário em um agente ativo de conservação apto a replicar práticas sustentáveis.

SENTIDOS

O delineamento do roteiro promoveu a ativação deliberada dos cinco sentidos ao longo de todas as etapas. No eixo da visão, os participantes contemplaram marcos como a Gameleira, as quedas d'água, as espécies de Mata Atlântica e as formações geológicas. A progressão pelos mirantes revelou vistas panorâmicas de 360 graus, enquanto o safári e a Pedra da Torre descortinaram novos ângulos da paisagem rural e dos atrativos. A audição foi estimulada pelas orientações técnicas, pelo som dos cursos d'água, pelo vento nas altitudes, pela bioacústica da mata nativa, além do diálogo com os produtores.

A imersão pelo tato envolveu o contato com a água fresca, o manejo de texturas minerais e vegetais, a rugosidade da casca da Árvore Centenária e a sensação física das correntes térmicas e da vibração veicular. O olfato registrou os aromas da terra úmida, de madeira antiga, da rocha aquecida pelo sol e do ar puro de altitude. Por fim, o paladar coroou a jornada no cume através da

degustação guiada de produtos da agroindústria local, englobando pães caseiros, queijos regionais, doces artesanais, sucos naturais e o café regional.

SENTIMENTOS E EMOÇÕES

O roteiro estimulou uma progressão anímica controlada ao longo das etapas. A jornada iniciou-se com sentimentos de acolhimento, segurança e curiosidade durante a recepção e o briefing técnico na Gameleira. Na mata densa e junto às quedas d'água, esses estados transmutaram-se em serenidade, paz e conexão profunda.

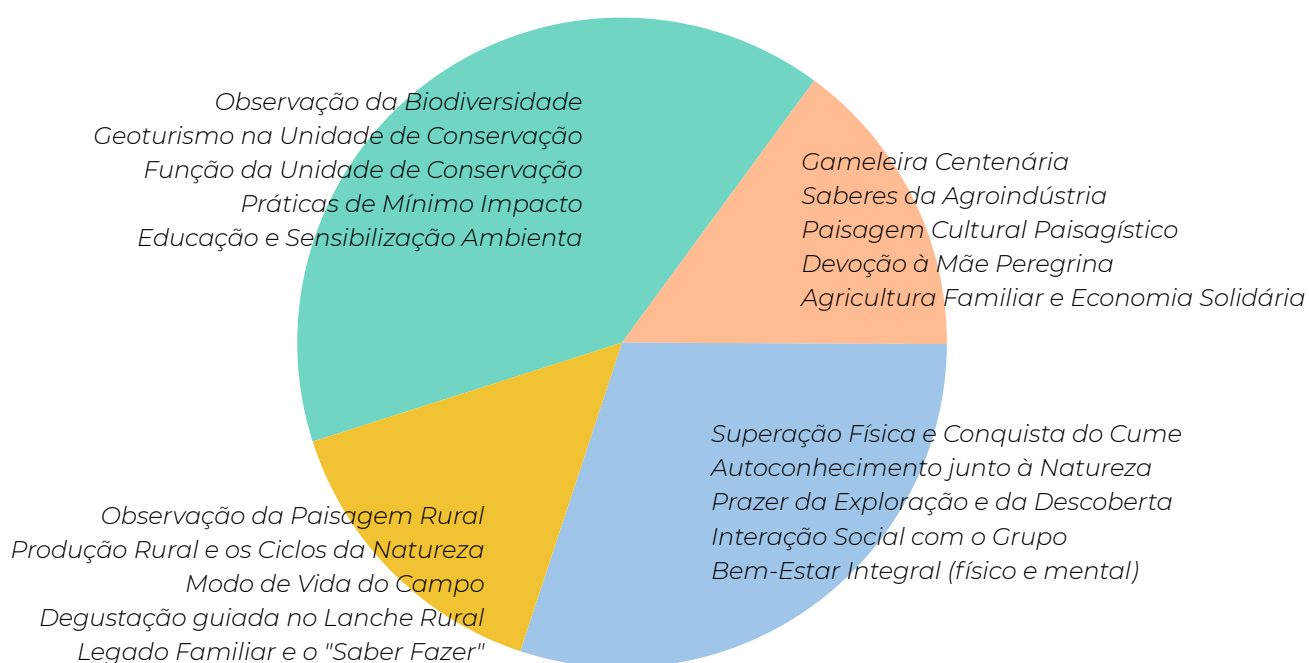
O aumento do desnível e a travessia rochosa ativaram o desafio, a adrenalina e a superação, culminando em conquista, plenitude e



admiração ao atingir o cume panorâmico. No topo, o lanche coletivo e a agroindústria local geraram pertencimento, nostalgia e comunhão comunitária. Por fim, o debriefing e o retorno consolidaram sentimentos de gratidão, renovação e inspiração sustentável, engajando o participante na conservação ativa.

LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

● TURISMO CULTURAL ● ECOTURISMO ● TURISMO RURAL ● TURISMO DE AVENTURA



A composição estrutural do roteiro obedeceu a uma distribuição percentual rigorosa de seus eixos operacionais, em que o **ecoturismo** despontou com 40% da carga metodológica. Esse segmento estabeleceu as premissas de conservação do patrimônio natural e interpretação ambiental ao longo de toda a caminhada de imersão. As ações em campo traduziram a biodiversidade da Mata Atlântica e a geologia dos afloramentos rochosos de leucogranito, ressaltando o papel da Unidade de Conservação na proteção da paisagem e dos recursos hídricos regionais. O condutor atuou diretamente como um decodificador das interconexões ecológicas do ecossistema, orientando condutas sustentáveis de mínimo impacto e identificando as adaptações biológicas da flora rupestre. O desfecho dessa matriz baseou-se no fomento ao bem-estar social por meio do apoio à agroindústria e à economia solidária, gerando benefícios econômicos diretos e inserindo os moradores da região como protagonistas na gestão do território.

O **turismo de aventura** consolidou o segundo maior peso conceitual do produto, representando exatamente 30% da arquitetura da experiência e concentrando as dinâmicas de desafio, recreação e segurança. O percurso demandou esforço físico e mental dos participantes no enfrentamento de trechos íngremes e na superação dos grandes blocos de rocha, estimulando o autoconhecimento e culminando com a notável conquista do cume da Pedra do Elefante sob a liderança motivacional da condução. O viés recreativo desdobrou-se de maneira lúdica através do prazer da exploração sem estresse competitivo, potencializando a interação grupal e o bem-estar integral na natureza. A ancoragem operacional desse bloco foi assegurada por um sistema rígido de gestão de segurança, iniciado no briefing técnico e mantido pelo

acompanhamento profissional contínuo, neutralizando riscos para garantir uma experiência controlada e confiável.

O **turismo cultural** integrou 15% do escopo do roteiro, fundamentando o resgate do patrimônio material e a identidade das populações locais. O itinerário converteu elementos paisagísticos e biológicos, como a Gameleira centenária e as formações rochosas da Pedra do Elefante e da Pedra da Torre, em vetores de interpretação de lendas e saberes tradicionais. As narrativas apresentadas pelo condutor e os relatos sobre o legado familiar dos produtores rurais contextualizaram a cultura de subsistência e o "saber fazer" histórico que moldaram a ocupação dessa paisagem ao longo do tempo. Esse intercâmbio valorizou os produtos regionais e estimulou a construção de uma memória coletiva sobre a caminhada, unindo a salvaguarda da memória à conservação e convidando o visitante a propagar o respeito pelas tradições comunitárias no destino.

O **turismo rural** completou os 15% finais da lógica interna do produto, materializando a imersão na rotina, na gastronomia e na hospitalidade do campo. A dimensão da ruralidade manifestou-se visualmente durante o safári de carro e na contemplação da harmonia entre pastos, sítios e fragmentos de mata nativa, conectando o viajante aos ciclos biológicos locais. O acolhimento genuíno e a comunhão territorial atingiram seu ápice na degustação guiada promovida no lanche coletivo e na oferta do café regional no topo da montanha, convertendo o atendimento em um gesto legítimo de recepção camponesa. Essa etapa promoveu ativamente o patrimônio gastronômico por meio da valorização das técnicas tradicionais de produção de queijos, pães e doces caseiros, chancelando a economia solidária familiar como um pilar essencial para a sustentabilidade da vida no campo.

ANÁLISE DIMENSIONAL DA EXPERIÊNCIA

A **Vivência Patrimonial** consolidou o resgate da memória territorial por meio de educação, práticas e engajamento emocional. O trabalho executou a difusão da história da Gameleira centenária, detalhando sua importância cultural, além de decodificar a formação geológica das pedras do Elefante e da Torre. A materialização prática ocorreu pela degustação de receitas da agroindústria familiar e pela caminhada interpretativa, gerando empatia com as famílias locais e estimulando reflexões sobre a salvaguarda de heranças.

A **Sustentabilidade Socioambiental** estabeleceu o arcabouço ético focado na mitigação de impactos, respeito cultural e inclusão comunitária. As diretrizes exigiram o uso de trilhas demarcadas, controlando processos erosivos e o pisoteio de vegetação sensível, aliando orientações de resíduos sob a premissa de consumo consciente. O respeito aos costumes locais desdobrou-se no apoio direto à economia solidária. A governança integrou condutores locais na cadeia de valor, garantindo a retenção financeira na região.

As **Atividades Interpretativas** atuaram como o mecanismo de tradução científica do ecossistema por meio de narrativas imersivas e desafios de percepção biológica. A condução técnica estimulou os participantes a explorar a flora e a fauna utilizando os sentidos, propondo dinâmicas voltadas à identificação de granito e bioacústica ambiental. O uso do storytelling envolveu narrativas geológicas e lendas ligadas à árvore secular, revelando as complexas interconexões da Mata Atlântica e a função ecológica das espécies.

O **Incentivo à Conservação** operou a transição da simples conscientização para o engajamento proativo dos visitantes como embaixadores da biodiversidade local. O roteiro incorporou discussões pedagógicas sobre os impactos do turismo consciente e a urgência de proteger o patrimônio natural. A conexão ambiental estreitou-se por meio de pausas estratégicas de silêncio na trilha, inspirando afeto pela biosfera. A mudança comportamental foi estimulada pela aplicação prática do desafio de lixo zero na trilha e uso de reutilizáveis.

A **Valorização da Ruralidade** celebrou a identidade do campo e os modos de vida tradicionais como um contraponto à aceleração urbana. A dinâmica do campo manifestou-se no safári de carro pelas paisagens de sítios, pastos e florestas nativas, evidenciando o ritmo cadenciado da vida agrícola. A metodologia demonstrou que o manejo da terra ocorre em harmonia com os ciclos naturais. A hospitalidade manifestou-se no lanche tradicional e no café servido no cume, gerando momentos de comunhão com o patrimônio da cultura rural.

Por fim, o eixo de **Desafio e Aventura** utilizou o esforço corporal como ferramenta para resiliência e autodescoberta sob estrita gestão de risco. O percurso desafiador exigiu engajamento físico e mental para transpor declividades acentuadas e blocos rochosos, gerando doses de adrenalina que culminaram na conquista do topo da Pedra do Elefante sob o suporte do condutor. A vivência evocou bem-estar e liberdade diante da paisagem. No âmbito social, o desafio coletivo estimulou a cooperação mútua, a superação de limites pessoais e a consolidação de laços duradouros.

PROTOCOLOS

O plano de gestão fixou diretrizes bilaterais para mitigar riscos e assegurar o turismo regenerativo. Para os visitantes, exigiu-se vestimenta técnica com botas de trekking amaciadas, roupas leves de manga longa e proteção solar, além de hidratação individual e sacolas para resíduos sob a premissa de lixo zero. As normas de conduta impuseram o respeito ao ritmo coletivo, proibição de coleta biológica e restrições dietéticas reportadas com antecedência. Ao anfitrião, coube a vistoria prévia do percurso, checagem de rádios e prontuário de primeiros socorros em áreas remotas. A operação seguiu o limite da capacidade de carga da trilha com fluxos controlados nos atrativos, convertendo a segurança e o mínimo impacto ambiental em pilares integrados no território.

RECURSOS HUMANOS

O plano operacional dimensionou a equipe com base em critérios técnicos de condução e segurança em áreas remotas. A execução do roteiro demandou a escala de condutores especializados, devidamente capacitados em primeiros socorros para ambientes naturais e aptos a realizar a interpretação ambiental e cultural da Área de Proteção Ambiental. Esses profissionais atuaram como protagonistas da experiência, encarregados de traduzir a complexidade biológica do ecossistema e mediar o intercâmbio com a comunidade local. No âmbito comportamental, exigiu-se empatia, liderança motivacional e comunicação assertiva para gerenciar o ritmo do grupo e aplicar as diretrizes de mínimo impacto. A engenharia de recursos humanos incluiu ainda os produtores da agroindústria tradicional no fornecimento da alimentação hídrica e calórica, integrando os anfitriões locais como elos centrais da entrega de valor.

RECURSOS ESTRUTURAIS

O arranjo logístico do roteiro estruturou os elementos físicos e materiais indispensáveis para dar suporte à operação em campo. A infraestrutura baseou-se na utilização das vias de acesso terrestre para o safári de carro e nas trilhas demarcadas que conectam os atrativos geológicos. Os recursos de segurança compreenderam kits de primeiros socorros para áreas remotas e sistemas de comunicação via rádio e celular com baterias sobressalentes. O apoio educativo e o suprimento calórico foram assegurados pela estrutura da agroindústria familiar, fornecendo os insumos para o lanche coletivo no topo. Administrativamente, a engrenagem utilizou sistemas digitais de agendamento e cadastro de visitantes, alinhando a operação à sustentabilidade.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

O diagnóstico situacional do atrativo constatou que o acesso à trilha exigiu autorização prévia, enfrentando desafios de uso público devido à ausência do plano de manejo finalizado pelo órgão ambiental. O trabalho mapeou a sazonalidade climática e determinou o período de maio a setembro como a alta temporada ideal, caracterizada por menor índice pluviométrico e maior segurança estrutural em campo. O perfil do visitante ideal foi delimitado para indivíduos de doze a sessenta anos com condicionamento cardiovascular compatível com desníveis acentuados. A metodologia vetou perfis associados ao sedentarismo extremo ou com restrições médicas cardiorrespiratórias severas. Por fim, estruturou-se uma política rígida de cancelamento com prazos escalonados para reembolso e regras claras para o reagendamento por motivos de força maior ou adversidades climáticas.



ETS 02: “AVES DO BARÃO”

FAZENDA SANTA RITA (TRILHA DO BARÃO)

O mapeamento das potencialidades ecológicas da Fazenda Santa Rita desenvolveu uma jornada focada na contemplação profunda e na imersão ornitológica na Área de Proteção Ambiental. O título estabeleceu nexos imediatos entre a avifauna nativa e o território histórico que serviu de cenário para a atividade, sintetizando o propósito de observar a liberdade das espécies integradas à paisagem rural. Essa denominação buscou valorizar o patrimônio biológico regional e a memória preservada de um ecossistema que abriga espécimes raros e vulneráveis.

O roteiro executado tem início durante o crepúsculo matutino, compreendendo uma recepção com orientações técnicas sobre a conduta ética de campo e a distribuição de equipamentos de precisão. A caminhada

pausada seguiu por trilhas internas e bordas de mata, onde a mediação especializada desvelou cantos, comportamentos e nichos ecológicos da Mata Atlântica. A experiência avançou para o casarão histórico de 1870, onde os participantes desfrutaram de um café colonial preparado com insumos sazonais da agroindústria familiar. A atividade ofereceu ainda uma imersão opcional pela memória ambiental e a ocupação do território, consolidando uma vivência com significado focado na valorização e conservação local.

As operações exigem agendamento prévio, com saídas fixadas às 05h00 e encerramento programado para as 09h00, totalizando 4 horas de atividades coordenadas. Os fluxos integraram grupos reduzidos de visitantes, garantindo o silêncio necessário para a dinâmica e o mínimo impacto ambiental.

ETAPAS

O encadeamento operacional estrutura-se em quatro fases distintas, executadas em conformidade com os ciclos biológicos locais. A jornada inicia-se na Fazenda Santa Rita com a acolhida dos visitantes no período pré-auroral, onde a equipe coordena um alinhamento instrutivo. Esse momento contempla orientações de segurança e a socialização de condutas voltadas ao birdwatching ético, englobando a calibração de dispositivos ópticos individuais e a oferta de uma recepção com produtos artesanais. A progressão de campo desdobra-se em uma caminhada pausada pelas vias internas da propriedade durante o crepúsculo matutino, período em que os participantes realizam paradas programadas em alimentadores artificiais e bordas de vegetação nativa.

A mediação técnica promove a interpretação bioacústica das vocalizações e o registro fotográfico não invasivo. A terceira etapa ocorre no casarão histórico da fazenda, onde serve-se um lanche colonial estruturado com alimentos sazonais oriundos da agroecologia regional, estimulando diálogos sobre resgate gastronômico. A atividade encerra-se com uma imersão opcional pela sala e copa do casarão de 1870. A condução expõe peças históricas e debate a relação familiar com a regeneração florestal e a evolução da cafeicultura no território.

APRENDIZADOS

O arcabouço educativo do roteiro propicia a apropriação de conhecimentos científicos e históricos altamente integrados à realidade do território. No campo biológico, os participantes assimilam as diretrizes éticas do birdwatching e decodificam o

comportamento aviário. A imersão permite compreender a estratificação vertical dos compõe a religiosidade regional. A vivência evidencia a resiliência da fé popular como um motor de mobilização coletiva capaz de erguer espaços de encontro mesmo na ausência inicial de amparo institucional, consolidando reflexões profundas sobre solidariedade camponesa.

Sob a perspectiva ambiental e econômica, o trabalho instrui sobre a relevância biológica da Área de Proteção Ambiental e o papel da Pastoral Ecológica na salvaguarda da Mata Atlântica. O público reconhece o potencial da agricultura familiar e da agroindústria de base comunitária como pilares de sustentabilidade.

SENTIDOS

O delineamento do roteiro promoveu a ativação dos cinco sentidos ao longo da experiência. Na visão, os participantes contemplaram o nascer do sol, o comportamento das aves e os estratos verticais da Mata Atlântica preservada. A audição foi estimulada pelas vocalizações territoriais ao amanhecer, pelos sons característicos da floresta e pelas explicações de Maria Luzia sobre bioacústica, além dos relatos históricos de Dona Ecila sobre o Barão de Aimorés.

A imersão pelo tato envolveu o manuseio de binóculos e guias de campo, o contato com o orvalho e a manipulação dos alimentos do café colonial. O olfato registrou os aromas da terra úmida, do húmus e das flores silvestres, somados ao cheiro do café e dos pães assando. Por fim, o paladar coroou a jornada através da degustação da tapioca na palha de banana, dos bolos caseiros, dos pães artesanais e dos sucos de frutas colhidas na propriedade.

SENTIMENTOS E EMOÇÕES

O encadeamento das atividades evoca estados anímicos profundos e integrados ao ecossistema. A alvorada na fazenda desperta tranquilidade e desaceleração mental, enquanto o ritmo pausado da caminhada propicia paz. À medida que a avifauna inicia a explosão de cantos, o visitante sente surpresa e maravilhamento, atingindo forte engajamento e foco ao registrar e observar as espécies de forma não invasiva. A superação de acordar de madrugada gera conquista.

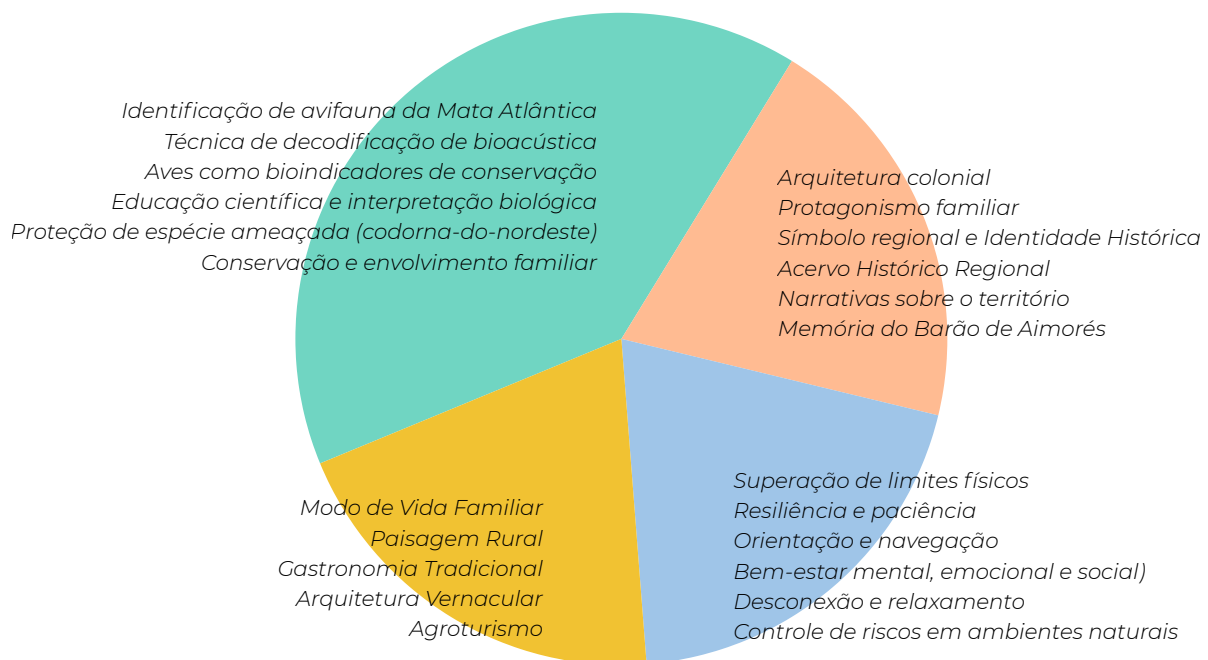
A hospitalidade do lanche colonial e a partilha técnica despertam sentimentos de gratidão, empatia e admiração humana. Essa imersão



inspira esperança sobre a coexistência sustentável com a biosfera, gerando satisfação e plenitude. O roteiro consolida recordações afetivas e memórias sensoriais permanentes.

LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

● TURISMO CULTURAL ● ECOTURISMO ● TURISMO RURAL ● TURISMO DE AVENTURA



A matriz conceitual do roteiro alicerça-se predominantemente no **ecoturismo**, concentrando metade de toda a carga metodológica da experiência. As ações em campo estruturam-se a partir das diretrizes de uso sustentável da APA Pedra do Elefante e de conservação patrimonial, respeitando rigorosamente sua função biológica. O manejo da atividade estabelece um teto de capacidade controlada para grupos limitados, mitigando a sobrecarga das trilhas estabelecidas e evitando perturbações à avifauna local. O agendamento em horário estratégico potencializa a observação no amanhecer, período que reduz o impacto sobre as espécies, complementado por um briefing minucioso focado em silêncio e movimentos lentos. O trabalho apoia-se em caminhos antigos da fazenda, cuja preservação florestal familiar estende-se por mais de um século e meio como modelo prático de uso sustentável. Sob a perspectiva da interpretação ambiental, a condução técnica ensina métodos de identificação visual e auditiva de aves nativas, decodificando a ecologia e o status de conservação de espécimes raros e vulneráveis, como a codorna-do-nordeste. A mediação decodifica a bioacústica aplicada às vocalizações territoriais, demonstra a estratificação vertical em camadas da Mata Atlântica e os nichos alimentares de insetívoros e frugívoros. O ensinamento posiciona a avifauna como bioindicadora da saúde ambiental e conecta a história regional ao ciclo cafeeiro, fortalecendo o bem-estar social por meio do protagonismo de educadores locais e da geração de renda.

O **turismo rural** responde pelo segundo maior vetor estrutural da atividade, abrangendo trinta por cento do escopo analítico do produto. O delineamento baseia-se na valorização da ruralidade autêntica, em que o ritmo pausado segue estritamente a

cadência da natureza, incentivando o café sem pressa e as conversas informais à mesa. A vivência permite a observação direta do modo de vida multigeracional da família proprietária, demonstrando que a pequena produção e a preservação são compatíveis. O cardápio respeita a sazonalidade dos alimentos conforme as estações e promove o contato com ovos, leite e frutas da fazenda. O acolhimento manifesta-se na generosidade do lanche colonial oferecido à vontade, gerando senso de pertencimento ao abrir o casarão histórico como um lar temporário. Os visitantes recebem tratamento de convidados, enquanto saberes culinários sem agrotóxicos transmitem tradições ancestrais.

O **turismo cultural** integra quinze por cento da engenharia do roteiro, focando na salvaguarda da memória e na promoção do patrimônio histórico regional. O itinerário gravita em torno do casarão colonial de 1870, cuja arquitetura vernacular preserva as marcas do ciclo do café. A sala e a copa abrigam um acervo histórico composto por utensílios, mobiliários e objetos pessoais da família do Barão de Aimorés, convertendo cada peça em um artefato vivo que testemunha um século e meio de ocupação. A condução técnica utiliza a tradição oral e a contação de causos para ligar a história ambiental à identidade do lugar, estimulando o orgulho comunitário e garantindo a transmissão geracional dos saberes.

Por fim, o **turismo de aventura** preenche os cinco por cento restantes da lógica interna, concentrando-se em estímulos ao desafio pessoal e na gestão de segurança. O rompimento com o conforto urbano ocorre no despertar na madrugada e no enfrentamento da caminhada no escuro. O exercício físico leve libera endorfinas, promovendo bem-estar corporal. A operação neutraliza riscos operacionais por meio de briefings técnicos.

ANÁLISE DIMENSIONAL DA EXPERIÊNCIA

A **Vivência Patrimonial** articula a educação ambiental focada em ativos da Mata Atlântica e espécies vulneráveis, como a codorna-do-nordeste, integrando um século e meio de história. As novas narrativas em campo e a interação no casarão de 1870 transformam memórias em conhecimento ativo. O aprendizado ultrapassa a teoria pelo uso prático de binóculos, guias e identificação visual e auditiva. Essa imersão gera conexão afetiva, despertando privilégio e transmutando o visitante em elo vivo da história regional.

A **Sustentabilidade Socioambiental** estabelece a base ética mediante o uso consciente do patrimônio natural em grupos limitados para mitigar impactos na avifauna. A operação adota trilhas preexistentes e horários estratégicos no amanhecer, com briefings de silêncio. O consumo de insumos locais reduz a pegada de carbono, enquanto o protagonismo comunitário evita encenações, garantindo a distribuição de renda entre condutores e produtores da agricultura familiar, transformando o turismo em ferramenta de governança.

As **Atividades Interpretativas** estimulam o questionamento ativo sobre conceitos biológicos no percurso. A condução técnica provoca os visitantes a identificar espécies e compreender a ocupação dos estratos da floresta, propondo desafios de bioacústica para distinguir cantos e alarmes. O uso de narrativas estruturadas revela os significados ocultos da natureza e converte dados complexos em analogias acessíveis ao público, traduzindo nichos ecológicos como profissões ou apartamentos das aves.

O Incentivo à Conservação promove valores e habilidades conservacionistas por meio de conteúdos estruturados sobre ameaças reais,

como a fragmentação florestal. A conexão física e espiritual desenvolve-se na imersão propiciada pelo coro das aves ao amanhecer e por pausas de silêncio contemplativo. A metodologia inspira o desejo de replicar condutas éticas ao apresentar o exemplo de preservação familiar tradicional, induzindo a mudança de comportamento diário pelo apoio proativo a unidades protegidas.

A **Valorização da Ruralidade** apresenta o estilo de vida tradicional do campo focado na convivência familiar multigeracional em oposição ao ritmo urbano. O desenho técnico valoriza o tempo pausado e as conversas de mesa no casarão histórico, utilizando a hospitalidade genuína como traço cultural. Os ciclos naturais evidenciam-se na sazonalidade da gastronomia elaborada sem insumos químicos, demonstrando na prática que a agricultura de subsistência e a conservação florestal são compatíveis no território.

O eixo de **Desafio e Aventura** explora o esforço corporal no meio ambiente como vetor de resiliência pelo rompimento da zona de conforto. Acordar de madrugada e caminhar na trilha ainda sem luz solar exige autocontrole e disciplina para manter movimentos suaves na passarinhada. A atividade física leve libera endorfinas, promovendo bem-estar físico e espiritual. No plano social, a experiência desenvolve o trabalho em equipe, a escuta ativa e a superação de medos.



PROTOSCOLOS

Os parâmetros normativos baseiam-se no Código de Ética do Observador de Aves, oficializado pelo ICMBio e CEMAVE. O regramento impõe a primazia absoluta do bem-estar da avifauna sobre objetivos comerciais ou de lazer, vetando qualquer estresse intencional. Os participantes operam de forma silenciosa em trilhas preexistentes, mantendo distância mínima de quinze metros de ninhos e dormitórios. O uso de luz artificial restringe-se a poucos segundos com filtro vermelho ao lado do animal noturno. Regras estritas proíbem o uso recreativo de drones e a emissão de vocalizações de alerta, balizando as gravações sonoras e a atração por playback ético a trechos intermitentes de até trinta segundos por ponto.

RECURSOS HUMANOS

O dimensionamento do pessoal técnico estrutura-se em três núcleos de atendimento integrados para viabilizar as frentes operacionais, pedagógicas e históricas do produto. A condução de campo concentra-se em uma especialista responsável por guiar o grupo, ministrar o briefing e realizar a interpretação biológica da avifauna por meio de conhecimentos profundos de bioacústica. O núcleo de hospitalidade apoia-se em anfitriões da própria família proprietária, cuja missão envolve abrir o casarão histórico, apresentar o acervo de 1870 e compartilhar a tradição oral e a memória multigeracional do território. Por fim, a equipe de apoio gastronômico atua nos bastidores manipulando insumos limpos da agricultura familiar, sendo encarregada de preparar as receitas tradicionais e adaptar o cardápio artesanal às restrições informadas, consolidando o protagonismo comunitário.

RECURSOS ESTRUTURAIS

O arranjo patrimonial e logístico organiza os elementos tangíveis que sustentam a execução segura de cada fase do produto. O complexo físico articula-se na Trilha do Barão com sinalização básica e erosão controlada, na recepção coberta para briefing e nas dependências do casarão histórico de 1870, que dispõe de cozinha e salões equipados para o café colonial e o acervo familiar. O núcleo de observação e salvaguarda engloba binóculos extras, guias de campo, pranchetas de anotação e gravadores de bioacústica, além de kits de primeiros socorros, mapas de evacuação e rádios de comunicação. O suporte final inclui listas de avifauna, fichas de cadastro de clientes e termos de ciência de riscos.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

O estágio operacional do produto caracteriza-se como estruturado, dispondo de equipe capacitada e manutenção regular das vias físicas da propriedade. A análise da sazonalidade delimita o período de setembro a março como a alta temporada ideal, janela que concentra a reprodução das espécies, maior atividade vocal e presença de aves migratórias. O perfil do visitante ideal requer tolerância a saídas na madrugada, condição física para caminhadas em solo irregular e paciência contemplativa. O escopo veta perfis incompatíveis com o silêncio, menores de oito anos ou indivíduos com limitações cardíacas e respiratórias severas. Por fim, as normas contratuais fixam regras estritas de cancelamento por iniciativa do cliente, além de prever o estorno integral ou reagendamento sem custos adicionais caso o anfitrião identifique neblina densa ou adversidades meteorológicas em campo.



ETS 03: "TRILHAS E TRADIÇÕES"

FAZENDA SANTA RITA (TRILHA DO BARÃO) | BORDADEIRAS DONA FITINHA

O desenvolvimento desta jornada de imersão histórica e cultural busca reconectar o público com o legado material e humano de uma das famílias fundadoras do território protegido. O título sintetiza a essência dos percursos físicos que cortam a propriedade com a salvaguarda de saberes, memórias e ofícios seculares transmitidos por gerações rurais. Essa denominação estabelece uma ponte poética entre o ambiente conservado e as práticas comunitárias tradicionais, capturando a identidade integrada da região de forma comercialmente atrativa, sem condicionar a entrega a uma refeição específica.

O roteiro estruturado tem início na sede da propriedade, compreendendo uma recepção acolhedora e a exploração guiada de um casarão colonial datado do século dezenove. A experiência avança com uma narrativa

histórica direta e contextualizada pela família proprietária, descendente de figuras históricas locais, aliando a vivência à degustação de receitas típicas da agroindústria regional. O itinerário engloba um intercâmbio na Associação das Bordadeiras Dona Fitinha e caminhadas interpretativas por trilhas demarcadas, convertendo a atividade em um vetor de valorização da memória coletiva e do artesanato de base comunitária.

As operações exigem agendamento prévio, ocorrendo de quinta-feira a domingo com opções de turnos de quatro horas, divididos nos períodos matutino ou vespertino. Os fluxos de atendimento integram grupos compostos por no mínimo duas e no máximo doze pessoas, assegurando o controle de capacidade do atrativo.

ETAPAS

O encadeamento do roteiro desdobra-se em cinco fases sequenciais com opções operacionais de turnos. A jornada inicia-se na varanda do casarão histórico com a acolhida e o café de recepção, momento em que a equipe oferece pães, bolos e tapioca na palha de banana, introduzindo as memórias da família fundadora. A segunda etapa contempla a visita guiada ao mini-museu localizado na sala e copa da casa-sede. A condução detalha o acervo secular de porcelanas, escrituras antigas e o legado do Barão de Aymorés, estimulando reflexões sobre a história social. Em seguida, os visitantes percorrem uma trilha guiada curta pelos fragmentos florestais preservados há cento e cinquenta anos.

Essa caminhada propicia a identificação de espécies arbóreas nativas da Mata Atlântica e a observação da paisagem protegida. A quarta fase abrange o deslocamento até a sede da Associação das Bordadeiras Dona Fitinha, revelando o processo criativo das artesãs e o empoderamento feminino rural. A experiência encerra-se com a vivência gastronômica coletiva, manifestada pelo almoço típico da roça no fogão a lenha na versão matutina ou pelo café colonial farto no turno vespertino, celebrando a hospitalidade camponesa.

APRENDIZADOS

O escopo instrutivo do roteiro propicia uma imersão profunda em saberes históricos, ecológicos e socioculturais que definem a identidade do território. Na vertente da memória e história social, os visitantes assimilam a evolução da ocupação regional a partir do ciclo econômico do café, desenvolvendo reflexões humanizadas sobre

o período escravocrata e reconhecendo o valor da arquitetura colonial como testemunho vivo de uma época. A experiência expande-se ao transmitir a técnica artesanal do bordado e os conceitos de economia criativa vinculados ao empoderamento feminino, validando o turismo de base comunitária como vetor de governança justa e distribuição de renda.

No plano ecológico e gastronômico, o trabalho instrui sobre o estado crítico do bioma Mata Atlântica e a relevância do uso sustentável para mitigar ameaças à biodiversidade. O público compreende as técnicas de pequena escala da agricultura familiar, a importância da sazonalidade alimentar e a essência da hospitalidade genuína.

SENTIDOS

O escopo operacional ativa os estímulos sensoriais a partir das dinâmicas históricas e naturais do território. No plano da visão, os visitantes apreciam a arquitetura centenária do casarão, o brilho das porcelanas antigas e fotografias em sépia, contemplando os tons de verde da Mata Atlântica e as cores vibrantes das linhas de bordado. A audição é aguçada pela narrativa pausada de Dona Ecila, o rangido do assoalho de madeira, o silêncio reverente sobre a escravidão e o crepitar das folhas secas e do fogão a lenha, entrelaçados aos causos e risadas durante a refeição.

A imersão pelo tato envolve a temperatura morna da xícara de café, o relevo dos pontos nos tecidos bordados e a rugosidade das cascas das árvores na mata. O olfato capta o cheiro de casa antiga, os aromas de bolo saindo do forno, da fumaça de lenha, da terra úmida e do perfume dos tecidos no ateliê. Por fim, o paladar celebra a roça com feijão tropeiro, frango caipira, tapioca na palha de banana e geleias intensas.

SENTIMENTOS E EMOÇÕES

O encadeamento das fases evoca estados anímicos profundos e integrados ao patrimônio humano. A acolhida na varanda desperta acolhimento imediato e profundo, enquanto as partilhas do acervo pessoal e do museu geram genuína gratidão. Ao contemplar os objetos centenários e o bordado das artesãs, surge uma forte admiração pela resiliência geracional. A complexa história social contada pela anfitriã toca o público com empatia, estabelecendo um senso de pertencimento à mesa.

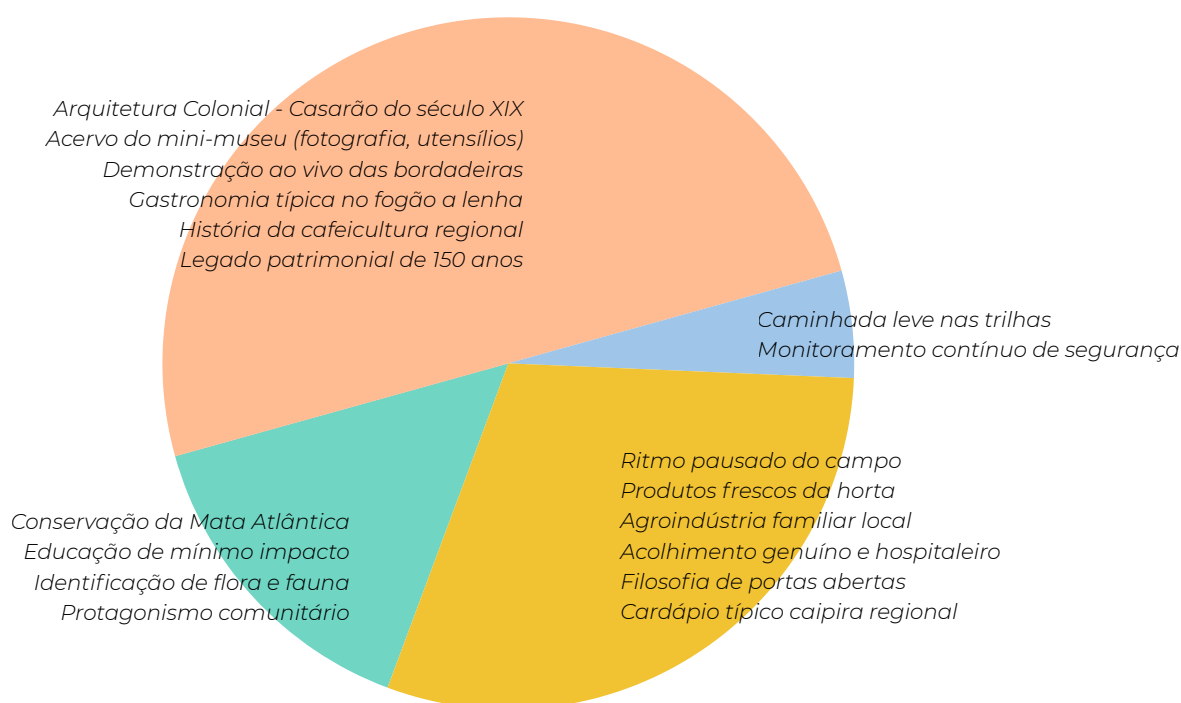
Os aromas de bolo e o ritmo lento despertam nostalgia de memórias de infância. Na trilha, o silêncio da mata propicia paz interior, reduzindo o estresse. O trabalho das



bordadeiras traz inspiração para ações cotidianas, convertendo o prazer gastronômico em satisfação e conexão com as raízes.

LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

● TURISMO CULTURAL ● ECOTURISMO ● TURISMO RURAL ● TURISMO DE AVENTURA



A configuração do produto ancora-se no **turismo cultural**, concentrando metade da carga metodológica para estruturar o resgate patrimonial local. As ações em campo salvaguardam o patrimônio material e imaterial por meio do casarão do século dezenove, do acervo do mini-museu e das peças do ateliê das artesãs. O vetor principal reside na interpretação mediada pelas narrativas orais da anfitriã, cujo testemunho confere vida a cada utensílio, fotografia em sépia e ferramenta de época. Essa condução ultrapassa a contemplação passiva ao revelar os significados e conexões com a história familiar, o ciclo da cafeicultura e o período escravocrata no Brasil. A demonstração ao vivo pelas bordadeiras converte a técnica em vivência sensorial, permitindo testemunhar o processo de criação. A gastronomia típica opera como compreensão cultural, com receitas e técnicas no fogão a lenha bem explicadas. Essa abordagem sedimenta a identidade ao fortalecer o orgulho local e a singularidade do patrimônio mantido por 150 anos, atuando como força de preservação.

O **turismo rural** assume a segunda maior relevância na engenharia do produto, respondendo por trinta por cento do escopo metodológico e promovendo a desconexão com a aceleração metropolitana. O delineamento baseia-se na imersão em um ritmo pausado em que as atividades seguem a cadência do campo, abrindo janelas temporais para conversas descontraídas e contemplação. Os visitantes testemunham o modo de vida campesino ao interagir com produtos frescos da horta e da agroindústria local, compreendendo na prática a relação sustentável de convivência com a terra. O acolhimento genuíno estabelece-se como o grande diferencial da experiência, resgatando a filosofia de portas abertas baseada no modelo histórico que amparava viajantes e

andarilhos. Tratar o público como convidado de honra evoca um sentimento de pertencimento raro e insere o cliente no centro da convivência familiar. O cardápio típico, composto por receitas como feijão-tropeiro e frango caipira, chancela a gastronomia e a arquitetura vernacular como pilares da vida rural.

O **ecoturismo** preenche isso quinze por cento da matriz estrutural, integrando diretrizes rígidas de conservação do patrimônio natural e educação de mínimo impacto. O manejo do roteiro limita os fluxos de visitação por meio de agendamentos prévios e grupos reduzidos para respeitar a capacidade de carga da trilha curta. A proteção ativa manifesta-se no cuidado com o fragmento florestal de Mata Atlântica mantido intacto por gerações, unindo o amparo legal da Área de Proteção Ambiental a uma conduta explícita de recolha de resíduos. A interpretação ambiental desdobra-se em ensinamentos estruturados sobre as ameaças ao bioma e a tradução do ecossistema pela identificação de espécies da flora e fauna nativas. A mensagem pedagógica adota uma postura inspiradora e não punitiva, engajando o cidadão como parte ativa na conservação biológica. Essa dinâmica reverte em bem-estar social, fortalecendo a economia e garantindo o protagonismo comunitário.

O **turismo de aventura** completa os cinco por cento restantes da lógica interna, concentrando-se em estímulos moderados de desafio físico, lazer ao ar livre e segurança integral. A caminhada leve pelas trilhas internas da fazenda representa um exercício acessível que promove o bem-estar e o divertimento corporal em contato com o ar puro. O plano operacional neutraliza riscos por meio de orientações de vestuário, monitoramento contínuo e disponibilidade de insumos para primeiros socorros.

ANÁLISE DIMENSIONAL DA EXPERIÊNCIA

A **Vivência Patrimonial** estrutura processos pedagógicos integrados nos eixos natural, material e imaterial para consolidar a memória coletiva. A identificação da flora nativa e a exploração da Mata Atlântica unem-se à apresentação do acervo secular no museu. O aprendizado cobre a técnica do bordado e receitas ancestrais, superando a teoria pelo manuseio prático de objetos e pela refeição à mesa compartilhada. Esse formato gera engajamento emocional, humanizando a história regional e despertando responsabilidade pela conservação.

A **Sustentabilidade Socioambiental** estabelece a ética com foco em mitigar impactos, respeitar a cultura local e assegurar a inclusão comunitária. As diretrizes em campo impõem o uso de caminhos existentes, sem abertura de novas trilhas, aliando grupos limitados a doze pessoas. O consumo de ingredientes da agricultura familiar reduz a pegada de carbono, enquanto o preparo no fogão a lenha adota combustível renovável. O intercâmbio genuíno ocorre sem encenações, garantindo turismo de base comunitária com renda equitativa.

As **Atividades Interpretativas** estimulam a interatividade por desafios sensoriais e provocações cognitivas no itinerário. A condução incita os visitantes a identificar sons e texturas na mata, abrindo espaço para perguntas diretas no ateliê e diálogos à mesa sobre receitas rurais. As narrativas humanizam o patrimônio por relatos familiares e pela tradução da interdependência das espécies na floresta. Esse processo converte conceitos científicos complexos em mensagens acessíveis para o público.

O **Incentivo à Conservação** promove valores e habilidades voltados à proteção do bioma frente a ameaças reais. As histórias sobre o legado familiar de cento e cinquenta anos provam que a produção camponesa e a preservação são compatíveis, inspirando responsabilidade intergeracional. A caminhada desenvolve a leitura ecológica da paisagem, enquanto pausas contemplativas de silêncio no mirante geram forte vínculo afetivo com o meio, induzindo a mudança duradoura de hábitos de consumo.

A **Valorização da Ruralidade** apresenta o estilo de vida tradicional ao exaltar a temporalidade campesina, pausada e sem pressa urbana. O desenho do roteiro exalta a continuidade familiar ao resgatar receitas de gerações e expor o casarão histórico como centro de memórias coletivas e cooperação local. Os ciclos naturais evidenciam-se na sazonalidade da gastronomia com produtos da própria fazenda. A hospitalidade atua como fio condutor na mesa coletiva, gerando um raro senso de pertencimento.

O **Desafio e Aventura** explora o esforço corporal de forma leve, priorizando o relaxamento e o bem-estar contemplativo. A caminhada de quarenta e cinco minutos em terreno irregular com subidas suaves representa uma atividade acessível que gera sensações de superação pessoal para idosos ou sedentários. O desligamento da rotina urbana promove paz interior e alívio do estresse, servindo como meio para a conexão biológica e social.

PROTOCOLOS

Os padrões reguladores determinam obrigações mútuas para salvaguardar os eixos material e natural da propriedade. Os visitantes utilizam roupas confortáveis, calçados fechados e repelente biodegradável, portando garrafas reutilizáveis. As regras exigem o respeito às trilhas demarcadas, silêncio na observação, veto à coleta biológica e proibição de tocar no acervo do museu. O público informa restrições alimentares com antecedência. Paralelamente, o anfitrião executa a checagem climática, organiza os espaços junto às bordadeiras, garante o frescor do cardápio e inspeciona caminhos com estojo de primeiros socorros. A capacidade limita-se ao teto de doze pessoas por grupo para a qualidade da vivência.

RECURSOS HUMANOS

A alocação de pessoal técnico organiza-se em três frentes de atuação comunitária para garantir a excelência operacional, histórica e criativa da jornada. O núcleo de mediação centraliza-se na anfitriã principal, um membro da família proprietária encarregado de recepcionar os visitantes, conduzir a visita ao museu, guiar a trilha curta com interpretação biológica e mediar temas sensíveis sobre a memória da fazenda. A sustentação interna apoia-se em duas pessoas na equipe de cozinha, responsáveis pela manipulação higiênica de ingredientes, preparo das receitas no fogão a lenha e organização da mesa coletiva. Por fim, o eixo criativo integra de duas a três bordadeiras da Associação Dona Fitinha, cuja missão envolve demonstrar o bordado ancestral ao vivo, partilhar histórias sobre o empoderamento feminino rural e comercializar os produtos artesanais locais.

RECURSOS ESTRUTURAIS

O suporte físico e material organiza os elementos tangíveis indispensáveis para a sustentação da jornada. O aparato logístico articula a trilha com a manutenção de encosta, o casarão histórico dotado de varanda e mini-museu, banheiros acessíveis e cozinha de apoio ao fogão a lenha. A área de refeições abriga mesas amplas com toalhas bordadas, integrando-se ao espaço da Associação Dona Fitinha. Os ativos de salvaguarda e didáticos incluem estojo de primeiros socorros, mapas da Área de Proteção Ambiental da Pedra do Elefante e acervo histórico. O suporte final apoia-se em meios eletrônicos para transações do artesanato, fichas de cadastro e livros de feedback dos visitantes.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

O nível de desenvolvimento do produto aponta para uma operação consolidada, com a equipe familiar engajada e a infraestrutura do fogão a lenha plenamente ativa. A análise da sazonalidade estabelece o período de maio a setembro como a melhor época para a visita devido ao clima seco e ameno, enquanto os meses de outubro a abril registram chuvas intensas que demandam adaptações nas áreas externas. O perfil do visitante ideal abrange indivíduos a partir de seis anos com interesse em tradições rurais e capacidade para caminhadas leves em terrenos irregulares. A triagem veta perfis que buscam luxo urbano exclusivo, atividades ruidosas ou com restrições médicas severas, como problemas cardíacos graves. Por fim, a política contratual estipula prazos escalonados para reembolsos e prevê o reagendamento sem ônus por clima adverso.



ETS 04: "SANTUÁRIO ECOLÓGICO"

SANTUÁRIO MÃE PEREGRINA | GAMELEIRA

Nomeada "Santuário Ecológico", a experiência articula a dimensão religiosa do Santuário Nossa Senhora Peregrina à sua inserção estratégica na Área de Proteção Ambiental da Pedra do Elefante. Essa denominação simbolizou a coexistência entre fé e conservação ambiental, reforçando o caráter educativo da conscientização ecológica junto aos visitantes.

Estruturalmente, o roteiro conduziu os participantes por uma jornada de espiritualidade e contato com a natureza, percorrendo a escadaria da Via Sacra até o ponto mais alto do morro, onde se localiza o Santuário. Ao longo do trajeto, a vivência integrou a contemplação da Mata Atlântica

preservada à narrativa histórica da Gameleira centenária, elemento simbólico da identidade local. A imersão alcançou seu ápice com a participação na missa dominical e no almoço típico da roça, preparado e servido voluntariamente pela comunidade, consolidando uma interação autêntica entre devoção, cultura e gastronomia regional.

As atividades ocorreram aos domingos, mediante agendamento prévio, com duração total de 4 horas. Os grupos formaram-se com mínimo de 2 e máximo de 12 participantes, assegurando a qualidade do atendimento e a preservação do ambiente natural e sagrado envolvido na experiência.

ETAPAS

A configuração operacional da experiência estruturou-se em cinco etapas sequenciais, totalizando quatro horas de imersão. Inicialmente, a recepção ocorreu aos pés da Gameleira centenária, com duração de 30 minutos, apresentando o simbolismo da árvore e a inserção do Santuário na APA Pedra do Elefante. Na sequência, os participantes vivenciaram a Missa Comunitária, com 1 hora de duração, celebrada no galpão junto aos fiéis, evidenciando o legado do Padre Honório na integração entre fé e agroecologia.

Prosseguindo, a Trilha da Fé conduziu o grupo pela escadaria da Via Sacra ao longo de 40 minutos, articulando as 14 estações religiosas à contemplação da Mata Atlântica preservada. Alcançado o ponto mais alto, a etapa Santuário e Mística, com 30 minutos de permanência somados a 20 minutos de descida, revelou a capelinha e a Sala dos Milagres, narrando as aparições de Nossa Senhora ao Geraldo e a vista panorâmica sobre a área protegida.

Por fim, o Almoço Comunitário encerrou a jornada em 1 hora, com refeição preparada pela comunidade, valorizando a agricultura familiar e consolidando o suporte às obras do Santuário.

APRENDIZADOS

A vivência consolidou o entendimento sobre a origem e evolução do Santuário Mãe Peregrina Gameleira, desde as aparições marianas ao Geraldo até a estruturação da Trilha da Fé pelo Padre Honório. Paralelamente, sedimentou-se a conscientização acerca da relevância

ecológica da APA Pedra do Elefante, evidenciando os desafios de conservação da Mata Atlântica. No campo sociocultural, a experiência revelou a autenticidade da vida comunitária rural, observando o voluntariado e a solidariedade organizacional em torno da fé. A imersão gastronômica proporcionou o reconhecimento da agricultura familiar como pilar de sustentabilidade.

Identificaram-se, ainda, elementos de patrimônio material e imaterial, refletindo-se sobre a resiliência da fé popular e o potencial do turismo como ferramenta legítima de desenvolvimento sustentável territorial.

SENTIDOS

O desenho do roteiro ativa os estímulos sensoriais a partir do simbolismo religioso e ecológico do território. No campo da visão, os visitantes contemplam a imponência da Gameleira centenária, a simplicidade devocional da missa no galpão e a exuberância da Mata Atlântica. O percurso revela as catorze estações da Via Sacra, a capelinha no topo, a Sala dos Milagres, uma vista panorâmica da Área de Proteção Ambiental e os pratos fartos do almoço. A audição capta o som dos pássaros, das folhas e do vento, misturando-se aos cânticos e orações litúrgicas, às narrativas místicas da condução e ao burburinho festivo da refeição comunitária.

A imersão pelo tato envolve o toque nas raízes expostas, a brisa fresca de altitude no rosto e o contato com os bancos rústicos rurais. O olfato registra o aroma úmido de terra molhada, as flores silvestres, o incenso da celebração e o cheiro temperado da lenha na cozinha. Por fim, o paladar celebra o café inicial e os sabores autênticos da roça.

SENTIMENTOS E EMOÇÕES

A espiritualidade emergiu logo na chegada, quando a devoção dos fiéis e as narrativas das aparições despertaram fé genuína nos participantes. A profunda reverência e fé despertam paz diante do altar sagrado fixado na Gameleira. Ao longo da Trilha da Fé, o silêncio da Mata Atlântica conduziu à tranquilidade e à contemplação da paisagem avistada do Santuário. No almoço comunitário, a partilha da mesa com moradores locais cultivou empatia e fortaleceu o pertencimento à comunidade. Histórias de superação e devoção popular alimentaram esperança, enquanto o legado ambiental do Padre Honório inspirou reflexão sobre valores pessoais. A hospitalidade calorosa, presente desde a recepção até a despedida, consolidou acolhimento e gratidão, culminando em reverência pela força da fé popular e pela exuberância da natureza protegida pela APA.



LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

● TURISMO CULTURAL ● ECOTURISMO ● TURISMO RURAL ● TURISMO DE AVENTURA



A arquitetura conceitual do roteiro distribuiu-se em quatro eixos temáticos com pesos percentuais distintos, sendo o **turismo cultural** o segmento predominante, com 40% da carga metodológica. Esse componente ancorou-se no patrimônio histórico e cultural representado pela Cameleira centenária, pela escadaria da Via Sacra com suas 14 capelinhas e pelo galpão comunitário, espaços edificados por meio de doações e trabalho coletivo. A interpretação patrimonial desdobrou-se nas narrativas das aparições marianas ao Geraldo, no legado do Padre Honório à frente da estruturação física e litúrgica do Santuário, e na explicação simbólica da missa e do almoço enquanto rituais de união e sustentabilidade paroquial. A identidade cultural consolidou-se pela devoção à Mãe Peregrina, pelo protagonismo dos voluntários na manutenção do espaço e pela valorização da culinária da roça como saber-fazer ancestral.

O **ecoturismo** respondeu por 30% da matriz conceitual, concentrando-se na conservação do patrimônio natural viabilizada pela inserção do Santuário na APA Pedra do Elefante e pelo legado de agroecologia e preservação de nascentes promovido pelo Padre Honório. O aproveitamento sustentável de estruturas preexistentes, como a escadaria e o galpão, reduziu a necessidade de novas intervenções impactantes. A interpretação ambiental abordou a Mata Atlântica ao longo da trilha, a Cameleira como microecossistema e os desafios relacionados ao manejo de resíduos, promovendo reflexão sobre a responsabilidade individual. O bem-estar social manifestou-se na reversão integral da renda do almoço para as obras do Santuário, na possível integração de produtores orgânicos regionais e no protagonismo comunitário na gestão das atividades.

O **turismo rural** totalizou 20% da composição, materializando a imersão no

modo de vida campesino através da vivência dominical da missa e do almoço comunitário. A culinária típica da roça, preparada com ingredientes locais, e o sistema de revezamento voluntário entre as comunidades evidenciaram a solidariedade característica do meio rural. O acolhimento e a hospitalidade expressaram-se na recepção pessoal dos visitantes, na convivência à mesa compartilhada e na atmosfera familiar do galpão. A promoção dos patrimônios culturais e naturais reforçou-se pelas narrativas orais, pelas manifestações religiosas como a Festa da Mãe Peregrina e pela valorização gastronômica regional.

Por fim, o **turismo de aventura** completou 5% da lógica interna, associado ao estímulo ao desafio proporcionado pela subida da escadaria da Via Sacra, capaz de gerar senso de superação pessoal mediante esforço físico moderado. A dimensão recreativa manifestou-se na caminhada em ambiente natural, promovendo bem-estar sem caráter competitivo. A gestão de segurança fundamentou-se no respeito à capacidade física dos participantes, na adoção implícita de boas práticas de condução e no monitoramento viabilizado pelo conhecimento comunitário do território.



ANÁLISE DIMENSIONAL DA EXPERIÊNCIA

A **Vivência Patrimonial** estruturou-se por meio de educação, prática e engajamento emocional. O detalhamento das aparições de Nossa Senhora ao Geraldo, do legado do Padre Honório na construção da Via Sacra e da trajetória histórica do Santuário compôs o eixo educativo, aproximando o visitante dos valores locais. A dimensão prática consolidou-se na participação da missa comunitária e no almoço compartilhado com os fiéis, somando-se à subida da escadaria como vivência física e devocional. Esse conjunto gerou forte senso de pertencimento, convertendo o participante em agente corresponsável pela preservação do patrimônio.

A **Sustentabilidade Socioambiental** fundamentou-se no aproveitamento da infraestrutura já existente, como a escadaria e o galpão, minimizando novas intervenções na APA. As narrativas sobre a Mata Atlântica e a Gameleira reforçaram a valorização ambiental, enquanto os desafios relacionados ao lixo na trilha serviram de estímulo à conscientização. O respeito à cultura religiosa e rural manifestou-se na observação direta das tradições durante a missa e o almoço, e o protagonismo comunitário consolidou-se pela atuação de voluntários locais e pela reversão integral da renda às obras do Santuário.

As **Atividades Interpretativas** traduziram-se na identificação de espécies ao longo da Trilha da Fé e na explicação sobre a função ecológica da APA. A Gameleira figurou como símbolo de resiliência, articulando narrativas sobre o bioma e sobre a vista panorâmica descrita como "altar natural". A menção ao trabalho de agroecologia do Padre Honório reforçou a conexão entre espiritualidade e ciência ambiental, tornando conceitos técnicos acessíveis por meio de linguagem simbólica e afetiva.

O **Incentivo à Conservação** apoiou-se em mensagens contínuas sobre o cuidado com a "casa comum", articulando fé e responsabilidade ecológica. A contemplação da mata e da paisagem no alto do morro fortaleceu o vínculo emocional com o ambiente, somando-se à dimensão espiritual promovida pela Pastoral Ecológica. A observância de práticas comunitárias sustentáveis, como o uso de produtos locais no almoço, propôs-se como estímulo à mudança de hábitos do visitante.

A **Valorização da Ruralidade** evidenciou-se pela imersão no cotidiano campesino, pautado pela fé, solidariedade e união comunitária. A relação com a natureza consolidou-se na paisagem da APA e na origem familiar dos alimentos servidos, conectando o público aos ciclos produtivos locais. O acolhimento configurou-se como marca distintiva, tratando o visitante como convidado desde a chegada até a partilha da refeição.

Por fim, o **Desafio e Aventura** materializou-se na subida da Via Sacra, capaz de gerar uma experiência sensorial na mata, aliada à sensação de liberdade e bem-estar, complementou-se pelo potencial de crescimento pessoal e social advindo da fé



PROTOCOLOS

O modelo de governança estabeleceu diretrizes bilaterais para segurança e respeito ao caráter sagrado do local. Recomendou-se aos visitantes o uso de roupas leves, calçados fechados adequados à escadaria da Via Sacra e proteção solar, somando-se hidratação própria e discrição durante a celebração religiosa. Orientações ambientais reforçaram a política de lixo zero, a proibição de coleta de elementos naturais e a permanência nas trilhas demarcadas.

Ao anfitrião, coube a preparação prévia do galpão, o revezamento de voluntários na liturgia e no almoço, além da designação de responsável por primeiros socorros. A gestão de fluxo considerou a capacidade máxima de 300 pessoas sentadas, assegurando organização e segurança coletiva.

RECURSOS HUMANOS

A gestão de pessoas concentrou-se na figura do anfitrião, profissional responsável pela condução integral da vivência, desde a recepção junto à Gameleira até o encerramento no almoço comunitário. Suas atribuições abrangeram a narrativa histórica das aparições e do legado do Padre Honório, a verificação do cumprimento dos horários litúrgicos, a checagem de cardápio e restrições alimentares, além da transmissão das orientações de segurança, conduta e preservação ambiental.

Complementarmente, um voluntário da Diocese participou pontualmente da experiência, oferecendo perspectiva teológica adicional sobre o Santuário, sem permanência contínua ao longo do roteiro.

RECURSOS ESTRUTURAIS

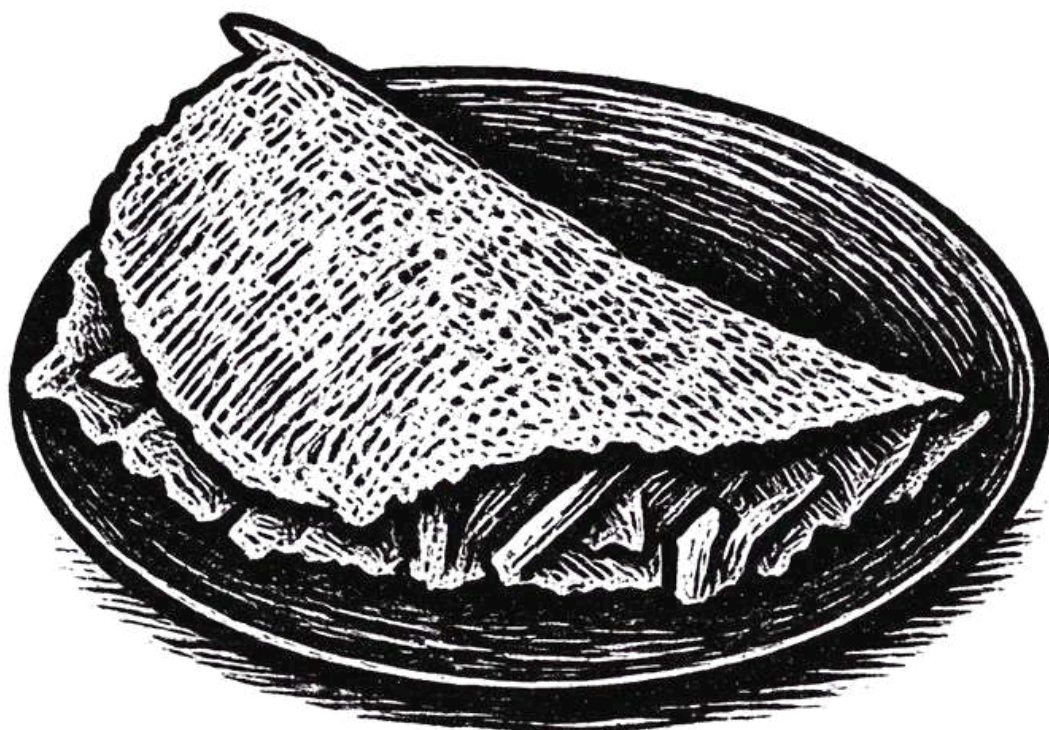
O suporte físico da experiência abrangeu itens de segurança, materiais interpretativos e ferramentas administrativas. Compôs a segurança um kit completo de primeiros socorros, celular carregado, mapa impresso da trilha com rotas de evacuação e lanterna para eventuais imprevistos.

No campo educativo, disponibilizou-se material informativo sobre o Santuário, as aparições, o Padre Honório e a APA Pedra do Elefante, complementado por imagens ilustrativas de apoio à narrativa. Administrativamente, adotaram-se ficha de cadastro de visitantes, termo de responsabilidade, livro de registro para feedback e caixa de contribuição destinada à arrecadação referente ao almoço comunitário.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

O Santuário Mãe Peregrina Gameleira opera em regime regular, sustentado pelo trabalho voluntário da comunidade e da Diocese. A alta temporada concentra-se entre maio e setembro, período de clima seco propício à caminhada e às festividades religiosas locais.

O público ideal caracteriza-se pelo interesse em turismo religioso e natureza, com disposição para caminhada moderada e respeito a ambientes sagrados, admitindo-se participantes a partir de 8 anos. Contraindicam-se perfis avessos à fé ou com mobilidade reduzida severa. A política de cancelamento prevê reembolso integral até 7 dias da data agendada, reduzindo-se progressivamente conforme a proximidade do evento.



ETS 05: "OAKES E O SABOR DO PIONEIRISMO"

OAKES BEIJU

Batizada em homenagem aos protagonistas da vivência, a Família OAKES, essa denominação evidenciou a autenticidade e o caráter intergeracional da experiência rural. O termo "Sabor" remeteu ao beiju como atrativo gastronômico central e à riqueza culinária local, agregando dimensão sensorial à narrativa. Já "Pioneirismo" sintetizou a trajetória histórica da família, desde a imigração e o desbravamento das terras de Nova Venécia até a resiliência na construção de seu legado, culminando na transformação de uma tradição em produto turístico.

Compôs-se a vivência por uma imersão interpretativa na propriedade familiar, priorizando a produção e degustação do beiju tradicional e a evolução de seu processo

produtivo ao longo das gerações. Somou-se a esse eixo a transmissão oral da saga familiar, abrangendo imigração, pioneirismo e aquisição de terras, além da observação de acervo material preservado pela família. Integrou-se, ainda, uma caminhada interpretativa pelas plantações de café e pimenta, elucidando práticas agrícolas locais, com oportunidade de aquisição de produtos artesanais ao final do percurso.

Localizada na Serra de Cima, zona rural de Nova Venécia, a experiência ocorreu mediante agendamento prévio, com duração de 3 horas, em turnos matutino (09h00 às 12h00) ou vespertino (14h00 às 17h00). Os grupos formaram-se com mínimo de 2 e máximo de 8 participantes.

ETAPAS

O plano de execução da experiência estruturou-se em quatro etapas sequenciais, totalizando três horas de imersão. Inicialmente, a recepção ocorreu com duração de 30 minutos, oferecendo café de boas-vindas e apresentando as origens europeias da família, entre heranças inglesa, portuguesa e pomerana, até a chegada dos pais da matriarca a uma Nova Venécia ainda em desbravamento. Na sequência, os visitantes vivenciaram a produção do beiju OAKES, com 60 minutos de duração, percorrendo a trajetória desde a receita caseira feita no tacho de rapadura até a fórmula atual à base de polvilho, revelando o processo de comercialização e o capricho no recheio como diferencial de mercado.

Prosseguindo, a caminhada pelas plantações de café e pimenta, com 45 minutos, articulou a diversificação agrícola familiar à conquista de energia elétrica e telefone, contextualizando a propriedade no entorno da APA Pedra do Elefante. Por fim, a etapa de memórias e legado, também com 45 minutos, revelou objetos históricos como a cristaleira e as xícaras da avó portuguesa, encerrando-se com 20 minutos dedicados à despedida, degustação final e aquisição de produtos da propriedade.

APRENDIZADOS

A vivência propiciou a compreensão sobre a transição de culturas de subsistência para a adoção de commodities agrícolas como pilares da economia familiar, evidenciando também a diversificação de renda por meio de produtos artesanais. No campo técnico, evidenciaram-se as etapas de produção do beiju, desde a reidratação da matéria-prima até o processo de assar e rechear, revelando

estratégias de otimização, como a aquisição de polvilho processado, para garantir padronização. No âmbito histórico, destacou-se a resiliência familiar diante dos desafios migratórios, somando-se à compreensão sobre a formação demográfica de Nova Venécia por fluxos europeus. A conquista da terra própria e a modernização rural, com obtenção de energia elétrica e telefone, ilustraram investimentos estruturantes. Identificaram-se, ainda, elementos de patrimônio material e imaterial preservados pela família, refletindo-se sobre a inovação por experimentação e a coexistência entre produção agrícola e conservação ambiental na APA.

SENTIDOS

A vivência na propriedade OAKES promoveu a ativação sensorial completa dos participantes ao longo das quatro etapas. Visualmente, a jornada revelou a paisagem rural na chegada, o processo de preparo do beiju desde o polvilho até o produto assado, as lavouras de café e pimenta, e a vista panorâmica da APA Pedra do Elefante, culminando na observação de relíquias familiares como a cristaleira antiga e as xícaras da avó portuguesa.

Quanto à audição, registraram-se as narrativas orais sobre a saga de imigração e o pioneirismo em Nova Venécia, os sons característicos do ambiente rural, o chiado da massa na chapa quente e as conversas trocadas com a família durante a visita. No tato, destacaram-se a xícara de café quente nas mãos, a textura do polvilho, a crocância do beiju e o contato com o solo das plantações.

Olfativamente, percebeu-se o aroma do café fresco, do beiju assando e das lavouras, somando-se o cheiro de terra úmida e de casa antiga. Por fim, o paladar consolidou-se na degustação do beiju com seus recheios característicos.

SENTIMENTOS E EMOÇÕES

O acolhimento caloroso na recepção, marcado pelo café de boas-vindas e pelas primeiras interações com a família OAKES, despertou imediata sensação de bem-estar. A curiosidade intensificou-se ao longo das narrativas sobre as origens europeias da família e os segredos da produção do beiju, evoluindo para admiração diante da resiliência dos pioneiros e da engenhosidade na construção da propriedade.

O fascínio consolidou-se na observação do processo artesanal e das relíquias familiares, enquanto o paladar proporcionou genuíno prazer durante a degustação. A conexão com a história e a terra fortaleceu-se nas plantações, somando-se à serenidade do ambiente rural próximo à APA. Momentos de emoção surgiram nas memórias afetivas, culminando em reconhecimento pelo trabalho campesino.



LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

● TURISMO CULTURAL ● ECOTURISMO ● TURISMO RURAL ● TURISMO DE AVENTURA



A composição estrutural do roteiro obedeceu a uma distribuição percentual entre quatro eixos temáticos, com **turismo cultural** e turismo rural dividindo igualmente a maior carga metodológica, 40% cada. O eixo cultural ancorou-se no patrimônio histórico presente na residência familiar, incluindo a cristaleira antiga, o rádio, o quadro da Santa Ceia e as fotografias dos avós de origem inglesa e portuguesa. O conjunto de xícaras com filetes dourados, trazido pela avó portuguesa, consolidou-se como relíquia de valor histórico e afetivo, enquanto a própria casa, construída "a preço de banana", simbolizou a conquista e o trabalho árduo da família. O contexto histórico regional emergiu na menção à presença de escravizados na Fazenda Santa Rita, situando a chegada da família em período anterior à abolição. A interpretação patrimonial desdobrou-se nas narrativas orais sobre as raízes inglesa, portuguesa e pomerana, na contação da evolução da receita do beiju através de tentativa e erro, e na demonstração prática do processo produtivo. A identidade cultural consolidou-se na receita do beiju como legado transmitido entre gerações, na utilização do sobrenome OAKES no selo do produto e na celebração da resiliência dos pioneiros na saga de desbravamento.

O **turismo rural**, com igual peso de 40%, materializou-se pela imersão na vida de subsistência através do plantio de feijão, mandioca, inhame, quiabo e arroz, além da criação de porcos e galinhas para consumo e troca. A observação do cotidiano campesino evidenciou-se na produção artesanal de farinha e na evolução das culturas agrícolas para café e pimenta, enquanto a conquista da terra própria e a alegria do patriarca ao "rolar nesse chão" demonstraram profunda conexão com o ambiente. O acolhimento e a

hospitalidade expressaram-se na recepção calorosa com café de boas-vindas, no compartilhamento da vida familiar através de conversas abertas e na degustação comunitária dos produtos da roça. A promoção dos patrimônios reforçou-se pela gastronomia típica do beiju, pela tradição oral das histórias de imigração e aventura, e pela preservação de objetos e arquitetura rurais como testemunhos culturais.

O **ecoturismo** completou 15% da lógica interna, fundamentando-se na localização da propriedade dentro da APA Pedra do Elefante e nas práticas sustentáveis implícitas na longa história de subsistência familiar. A visão de legado manifestou-se no registro da terra em nome dos filhos, denotando preocupação com a continuidade patrimonial. A interpretação ambiental articulou-se na observação da APA a partir da propriedade e nas explicações durante a caminhada pelas lavouras, evidenciando a coexistência entre produção agrícola e conservação. O bem-estar social consolidou-se pela geração de renda através da venda de beiju, café e pimenta, pelo protagonismo empreendedor da família e pelo apoio municipal à participação em feiras na capital.

Por fim, o **turismo de aventura** totalizou 5%, associado ao estímulo ao desafio representado pela caminhada nas plantações, capaz de proporcionar pequena saída da zona de conforto ao visitante urbano. A dimensão recreativa manifestou-se no aspecto lúdico do percurso pelas lavouras, promovendo interação dinâmica com o ambiente. A gestão de segurança fundamentou-se na atenção necessária ao terreno rural, exigindo orientações dos anfitriões para garantir experiência segura e controlada.

ANÁLISE DIMENSIONAL DA EXPERIÊNCIA

A **Vivência Patrimonial** articulou-se por meio de educação, prática e engajamento emocional. A transmissão da saga familiar, contemplando as origens inglesa, portuguesa e pomerana, somou-se à contextualização histórica da chegada aos arredores de Nova Venécia. A evolução da receita do beiju, da massa de mandioca ao polvilho, e a interpretação de objetos como a cristaleira e o conjunto de xícaras douradas reforçaram a dimensão educativa. Na prática, a observação do preparo do beiju e do modo de vida rural aproximou o visitante da tradição. O engajamento emocional consolidou-se pelas histórias de superação, como a alegria do pai ao conquistar terra própria.

A **Sustentabilidade Socioambiental** fundamentou-se nas práticas de subsistência baseadas no plantio diversificado e na criação de animais, evidenciando uso de recursos em pequena escala. A gestão consciente manifestou-se na baixa dependência de serviços externos e na manutenção de métodos agrícolas tradicionais. O respeito à cultura local expressou-se na valorização das origens multiculturais e no orgulho pelo padrão artesanal de qualidade. O envolvimento comunitário evidenciou-se no incentivo de amigas à comercialização, no apoio da prefeitura em feiras e na geração de renda por meio da venda direta e em estabelecimentos da região.

As **Atividades Interpretativas** materializaram-se na observação guiada do preparo do beiju e na interação com o ambiente durante a caminhada pelas plantações de café e pimenta. O compartilhamento de saberes, evidenciado

pela disposição da família em ensinar a receita, sinalizou potencial para história do desbravamento da mata e nas vivências interativas mais aprofundadas. As narrativas ambientais articularam-se na conexão emocional com a terra, complementando-se pelo contexto da APA Pedra do Elefante como pano de fundo conservacionista.

O **Incentivo à Conservação** apoiou-se na presença da propriedade dentro de área protegida e nas práticas de subsistência como lição de autossuficiência consciente. O vínculo emocional com a terra reforçou-se pela narrativa da conquista fundiária e pela decisão de retorno da família após período de dificuldades no Paraná. A mudança comportamental almejou-se pela valorização de produtos artesanais e locais, estimulando reflexão sobre consumo consciente.

A **Valorização da Ruralidade** evidenciou-se pelo modo de vida baseado na autossuficiência e no ritmo produtivo adaptado aos ciclos naturais. A relação com a natureza consolidou-se na dependência histórica da terra para alimentação e construção, complementando-se pela transição às culturas comerciais de café e pimenta. O acolhimento manifestou-se na hospitalidade gastronômica e na venda pessoal dos produtos na propriedade.

Por fim, o Desafio e Aventura relacionou-se à caminhada como pequeno estímulo físico, somando-se às experiências físicas e sensoriais que reforçaram a conexão com o ambiente campestre, enquanto o crescimento pessoal e social decorreu da reflexão sobre persistência, colaboração e capacidade humana de adaptação.

PROTOCOLOS

Aos visitantes, recomenda-se vestimenta leve e calçados fechados adequados ao terreno irregular, somando-se chapéu ou boné para proteção solar, hidratação própria e repelente de insetos. As diretrizes ambientais reforçaram a permanência nas trilhas demarcadas, o descarte correto de resíduos e o respeito à flora local, considerando a inserção da propriedade na APA. Orientou-se ainda a discricção fotográfica na residência familiar e comunicação prévia de restrições alimentares.

Ao anfitrião, cabe a preparação da casa e das trilhas, a organização dos ingredientes para degustação, além da disponibilização de kit de primeiros socorros e plano alternativo para clima adverso. A gestão de capacidade limita-se o grupo para preservar a qualidade da interação familiar.

RECURSOS HUMANOS

O anfitrião-guia, membro da família OAKES, concentra-se nas funções centrais, recepcionando os visitantes e conduzindo a narrativa da saga familiar, desde as origens multiculturais e o pioneirismo em Nova Venécia até a conquista da terra própria e a evolução do beiju. Cabe-lhe ainda guiar a caminhada pelas plantações, demonstrar o processo produtivo, servir a degustação e apresentar os produtos para venda.

Complementarmente, outro membro da família assume o apoio operacional, preparando previamente a casa e a área de degustação, garantindo ingredientes frescos e auxiliando na organização. Suas atribuições incluem ainda o monitoramento do bem-estar dos visitantes e o suporte na gestão da capacidade do grupo, assegurando conforto ao longo da vivência.

RECURSOS ESTRUTURAIS

A residência da família OAKES oferece área de recepção acolhedora para a contação de histórias, espaço de demonstração e degustação do beiju, ambiente de exposição das relíquias familiares e ponto de venda dos produtos. Nos caminhos definidos e mantidos, além de pontos estratégicos de observação, estrutura-se a caminhada interpretativa.

A segurança apoia-se em kit de primeiros socorros, comunicação via celular e orientações prévias aos visitantes. A infraestrutura gastronômica compreendeu fogão, forno tradicional e utensílios completos para preparo do beiju e do café, somando-se mesa, cadeiras e louças para a degustação. Materiais educativos, como folhetos e álbuns fotográficos junto a fichas de cadastro e sistema de pagamento, complementam a experiência.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

A propriedade da família OAKES manteve a produção do tradicional beiju em escala reduzida frente ao volume histórico de abastecimento escolar, carecendo de estrutura formal para recepção de visitantes, apesar do notável potencial turístico advindo de sua autenticidade histórica. Recomendou-se o período de maio a setembro, coincidindo com clima seco e colheita do café, embora a experiência permanecesse viável o ano todo por concentrar-se em ambiente coberto. O visitante ideal caracterizou-se pela curiosidade histórico-cultural e disposição para caminhada leve em terreno irregular, com idade mínima de 8 anos. Excluíram-se perfis voltados à aventura extrema. A política de cancelamento previu reembolso integral até 7 dias antes, 50% entre 3 e 6 dias, e ausência de reembolso em prazo inferior a 72 horas.



ETS 06: "NOITE DE MODA DE VIOLA"

RECANTOS BAR (BAR DO JUAREZ)

A experiência "*Noite de Moda de Viola*" recebeu esse título por capturar a essência cultural e o ponto alto da vivência no Recantos Bar, espaço que se transforma em um vibrante palco para a autêntica música sertaneja raiz. A nomenclatura destacou o período em que a atmosfera do bar se intensificou com apresentações ao vivo, promovendo um encontro genuíno entre cultura, lazer e convívio social.

A vivência cultural e rural, centrada em uma propriedade familiar, ofereceu um roteiro temático que valorizou a autenticidade do modo de vida do campo e a riqueza do patrimônio imaterial local. Seus componentes interativos incluíram a imersão na música sertaneja raiz por meio de apresentações de

viola ao vivo, a degustação de gastronomia regional autêntica, como o tradicional espeto no bambu, e a participação em atividades de lazer típicas, como a bocha. A experiência enriqueceu-se pela narrativa dos anfitriões, que compartilharam a história da comunidade e sua relação com o ambiente natural protegido, promovendo engajamento social e cultural significativo. A infraestrutura operacional, embora básica, apresentou potencial de desenvolvimento, requerendo intervenções estratégicas como adequação sanitária e capacitação da equipe.

A localização situou-se na zona rural de Nova Venécia, com duração de 4 horas, atendimento entre 6 e 12 visitantes mediante agendamento, das 17h às 21h.

ETAPAS

A experiência estrutura-se em seis etapas sequenciais ao longo de quatro horas. A chegada e acolhida ocorrem na varanda do Recantos Bar, onde a proprietária recepciona os visitantes com vista privilegiada da Pedra do Elefante sob a luz do entardecer, apresentando o bar e sua inserção na APA. Em seguida, o jogo de bocha, conhecido localmente como "bola de pau", promove a convivência com frequentadores e motociclistas, complementado pela mesa de sinuca e conversas sobre a vida na roça.

A degustação de bebidas e iguarias regionais apresenta cachaças artesanais, licores, queijos e mel de produtores locais, com a proprietária narrando a origem de cada produto. O jantar de comida típica da roça traz o tradicional espeto no bambu, espetão e peixe frito ao redor da fogueira, momento em que a anfitriã compartilha sua trajetória de meeira até a conquista do terreno e a construção do bar. O ponto alto consolida-se na noite de moda de viola, com músicos executando canções de raiz sobre amor, saudade e vida no campo, entremeadas por causos e participação do público sob o céu estrelado. O encerramento traz a despedida calorosa da proprietária, com a frase "vocês agora são de casa".

APRENDIZADOS

O Recantos Bar proporcionou a compreensão da coexistência entre atividades humanas e a preservação ambiental em Áreas de Proteção Ambiental, evidenciando o papel da comunidade local na conservação. O empreendedorismo rural revelou-se nos desafios e estratégias para a construção de um negócio e de um lar em contexto rural, destacando a resiliência da proprietária. As

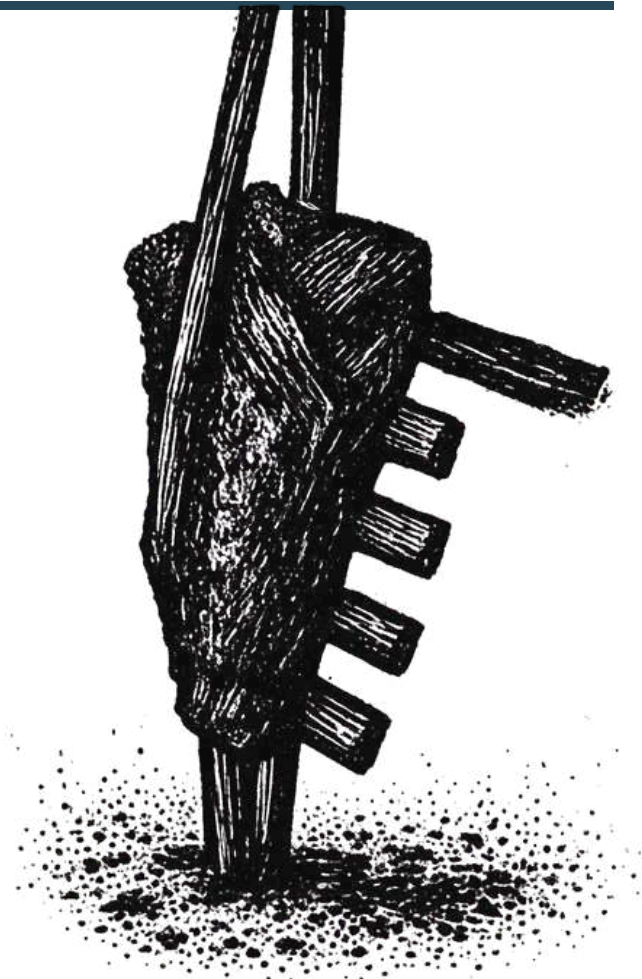
dinâmicas sociais e o lazer comunitário manifestaram-se por meio de atividades como a bocha e a sinuca, evidenciando sua importância na coesão social e na identidade local. A gastronomia regional e a cadeia de valor local explicitaram a origem dos produtos e a relevância econômica para a comunidade. A história fundiária e a resiliência familiar emergiram da trajetória de superação da proprietária, desde a vida de meeira até a conquista do terreno. A cultura da viola e as tradições musicais consolidaram-se como expressão artística e memória do povo do campo, enquanto a hospitalidade rural e o patrimônio imaterial reforçaram a identidade e o pertencimento regional.

SENTIDOS

A visão contemplou a Pedra do Elefante e as formações rochosas sob a luz do entardecer, a paisagem rural preservada e o ambiente rústico e acolhedor do Recantos Bar. Os jogos de bocha e sinuca, o movimento dos frequentadores, os pratos regionais, a apresentação musical ao vivo, as chamadas dançantes da fogueira e o céu estrelado completaram o repertório visual da experiência. A audição captou os sons característicos do campo, as conversas e risadas da comunidade, o burburinho animado do bar e a música de raiz executada ao vivo, com suas canções sobre amor, saudade e vida no campo, os "causos" dos músicos, a narrativa da anfitriã e o crepitar da fogueira. O tato percebeu a brisa fresca do entardecer e o calor da fogueira, somando-se ao contato com a bola de bocha e o taco de sinuca. O paladar destacou-se na degustação de cachaças artesanais, licores, queijos, mel, espeto no bambu e peixe frito. O olfato registrou os aromas do campo, da fumaça e da madeira queimando, entrelaçados aos cheiros da culinária regional.

SENTIMENTOS E EMOÇÕES

A hospitalidade se manifesta logo na chegada, com a recepção calorosa e a oferta de café, estabelecendo conexão genuína desde o primeiro contato. A curiosidade se intensifica ao longo das narrativas sobre as origens multiculturais da família, até os segredos do beiju e as histórias dos objetos familiares. A admiração surge diante da resiliência dos pioneiros e da engenhosidade da casa "a preço de banana". O fascínio acompanha o processo artesanal do beiju e a exploração da residência, enquanto o prazer se revela na degustação do beiju e do café. A conexão se estabelece ao ouvir as narrativas e caminhar pelas plantações, e a serenidade brota da paisagem rural próxima à APA. Momentos de emoção surgem nas histórias mais pessoais, como a conquista da terra, consolidando o reconhecimento pelo trabalho no campo e pelo equilíbrio entre produção e conservação.



LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

● TURISMO CULTURAL ● ECOTURISMO ● TURISMO RURAL ● TURISMO DE AVENTURA

Bar como ponto de encontro comunitário
Trajetória dos proprietários ex-lavradores
Produção agropecuária de café e pimenta
Culinária familiar com ingredientes locais
Recepção calorosa e informal
Interação genuína durante os jogos
Arquitetura vernacular do bar
Conquista da terra e casa própria

Moda de viola sertaneja
Espeto no bambu tradicional
Narrativas da anfitriã sobre o bar
Causos e canções dos músicos
Costume social da bocha
História de superação familiar
Preservação do patrimônio imaterial
Senso de pertencimento à identidade local

Coexistência entre bar e APA
Proprietária como "filha da APA"
Uso sustentável do quintal próprio
Contemplação da Pedra do Elefante

O roteiro distribui sua carga metodológica em três eixos operacionais, com o turismo cultural e o turismo rural dividindo igualmente 40% cada, complementados pelos 20% do ecoturismo. O **turismo cultural** fundamenta-se no patrimônio histórico e cultural representado pela música de raiz, com a apresentação da moda de viola como expressão autêntica da cultura sertaneja, e pela gastronomia tradicional, evidenciada na degustação do espeto no bambu, iguaria de preparo enraizado na tradição local. O Recantos Bar consolida-se como ponto de encontro cultural que celebra a identidade da comunidade rural, enquanto as histórias de vida e superação da família proprietária refletem a formação histórica e a resiliência coletiva. A interpretação patrimonial materializa-se nas narrativas da anfitriã sobre o bar, a família e as tradições comunitárias, nos causos e canções entoados pelos músicos locais, na vivência do costume social da bocha e na explicação sobre a origem e o preparo do espeto no bambu. Esse eixo culmina na construção de identidade cultural por meio da imersão genuína na cultura sertaneja, na preservação do patrimônio imaterial através da música, da gastronomia e das narrativas orais, e no senso de pertencimento gerado pela compreensão da identidade local.

O **turismo rural**, por sua vez, sustenta-se na ruralidade do ambiente autêntico de um bar situado no meio rural, funcionando como ponto de encontro comunitário e palco para o lazer típico do campo, a exemplo da cancha de bocha. A trajetória dos proprietários como ex-lavradores e sua contínua conexão com os locais. O acolhimento e a hospitalidade da produção agropecuária de café, pimenta e laranja reforçam essa dimensão, somando-se à culinária familiar preparada com ingredientes que se expressam na recepção calorosa e informal da proprietária, que convida os visitantes a se sentirem "de casa", na interação genuína com moradores durante

os jogos, e na degustação de produtos agropecuários e pratos caseiros. A promoção dos patrimônios culturais e naturais reforça-se pela gastronomia rural, pela tradição musical como veículo de memória, pela arquitetura vernacular do bar e pelo legado familiar simbolizado na conquista da terra e da casa própria.

O **ecoturismo**, finalmente, ancora-se na localização estratégica do Recantos Bar dentro da Área de Proteção Ambiental da Pedra do Elefante, personificada na figura da proprietária como "filha da APA", que exemplifica a coexistência entre atividades humanas e preservação. O uso sustentável de recursos locais, como o suco de laranja colhido do próprio quintal, e a integração ambiental do estabelecimento à paisagem circundante reforçam esse eixo. A interpretação ambiental ocorre pela contemplação da Pedra do Elefante e das formações rochosas, pela narrativa da proprietária sobre sua vivência na APA e pela compreensão da relação entre comunidade e ambiente protegido. O bem-estar social completa essa dimensão ao posicionar o bar como polo de desenvolvimento econômico local, fortalecendo laços comunitários e valorizando o protagonismo dos moradores na gestão do território.



ANÁLISE DIMENSIONAL DA EXPERIÊNCIA

A **Vivência Patrimonial** no Recantos Bar resgata a memória territorial por meio da educação, da prática e do vínculo emocional. A educação patrimonial aparece na história de luta dos proprietários, ex-lavradores que conquistaram o terreno e construíram o bar, e na cultura da viola, com músicos locais narrando causos e histórias do campo. A origem do “espeto no bambu”, com o bambu retirado de uma moita próxima à igreja, também ensina sobre culinária e costumes locais. As experiências práticas envolvem a cancha de bocha, chamada de “bola de pau”, a degustação de pratos como espeto no bambu, peixe frito e salgados, além do suco de laranja natural do quintal e das apresentações de moda de viola. O engajamento emocional surge da conexão com a trajetória dos proprietários, do sentimento de pertencimento criado pelo acolhimento e da sensação de “estar em casa”, além da celebração da identidade cultural pela música e pela gastronomia.

A **Sustentabilidade Socioambiental** organiza uma ética voltada à mitigação de impactos, ao respeito cultural e à inclusão comunitária. O uso de produtos locais, como o suco de laranja do quintal e o bambu para o espeto, reduz impactos e valoriza recursos do entorno. A integração paisagística preserva o ambiente rústico e harmonioso do bar. O respeito à cultura local se expressa no lazer tradicional da bocha, na música de raiz e nas narrativas comunitárias. O envolvimento da comunidade ocorre pela geração de renda para a família e para músicos locais, pelo protagonismo dos proprietários como “filhos da APA” e pela confiança construída com os visitantes.

As **Atividades Interpretativas** funcionam como tradução da experiência ambiental por meio de narrativas e vivências imersivas. A

participação no jogo de bocha, a interação musical e a rotina informal do bar compõem experiências interativas. As narrativas ambientais são contadas pela proprietária, “filha da APA”, que compartilha memórias sobre a criação e os desafios da Área de Proteção Ambiental, além de explicar a origem do bambu e da laranja do quintal. A compreensão da natureza é reforçada pelo contexto da APA, pelo ciclo produtivo local e pela relação homem-natureza rural vivida pelos ex-lavradores.

O **Incentivo à Conservação** promove a passagem da conscientização para o engajamento dos visitantes. A educação ambiental é estimulada pela narrativa da criação da APA e pelo uso consciente de recursos locais. A conexão com o ambiente surge da contemplação da Pedra do Elefante, do cenário rural integrado e dos sabores da terra. A mudança de comportamento é inspirada pelo exemplo de trabalho árduo, valorização do simples e reconhecimento da importância das áreas protegidas.

A **Valorização da Ruralidade** afirma a identidade do campo e os modos de vida tradicionais. O modo de vida rural aparece na trajetória dos proprietários como lavradores, no bar como centro social comunitário e no lazer da bocha e da sinuca. A relação com a natureza é representada pela proprietária como “filha da APA”, pela contemplação da paisagem e pela história agrícola familiar. O acolhimento se manifesta na confiança comunitária e no ambiente familiar do bar.

O eixo de **Desafio e Aventura** não se aplica a esta experiência, pois não há atividades voltadas à superação de limites físicos ou mentais. As vivências são ligadas ao bem-estar, à convivência e à troca de histórias.

PROTOCOLOS

Aos visitantes, recomenda-se vestimenta casual e confortável com agasalho para a noite, além de calçados fechados para terreno irregular e bocha. Orientam-se o uso de repelente por conta da APA, registro fotográfico das paisagens e da moda de viola, respeito ao ambiente e descarte correto de resíduos. Cabe também atenção às crianças, moderação com bebidas, convivência harmoniosa e comunicação prévia de restrições alimentares.

Ao anfitrião, cabe a limpeza do espaço, gestão do estoque de bebidas e insumos, além do preparo dos pratos e montagem do som para a moda de viola. Devem-se garantir boas práticas de higiene, kit de primeiros socorros e controle do fluxo de público para assegurar conforto, segurança e uma boa acolhida.

RECURSOS HUMANOS

O anfitrião principal e líder local concentra as funções operacionais e de acolhimento, responsabilizando-se por recepcionar os visitantes com a autenticidade da cultura sertaneja. Cabe-lhe conduzir a narrativa sobre a tradição da comunidade, apresentar a história do espaço, coordenar as apresentações de moda de viola e orientar o público quanto ao uso dos espaços de lazer, como a cancha de bocha.

Complementarmente, os demais membros da equipe ou da família assumem o apoio operacional e gastronômico. Suas atribuições incluem o preparo prévio da cozinha e do espaço de degustação, o manejo do "espeto no bambu" e demais pratos, a higienização dos ambientes e a manutenção do fluxo de caixa, garantindo a segurança, o conforto e a fluidez do atendimento.

RECURSOS ESTRUTURAIS

O espaço físico do bar conta com áreas acolhedoras de atendimento, balcão, mesas e espaço dedicado para apresentações de moda de viola. A estrutura de lazer inclui cancha de bocha e mesa de sinuca, além de um quintal integrado à paisagem da APA. Caminhos definidos e sinalizados orientam a movimentação e a segurança dos visitantes durante toda a permanência no local.

A infraestrutura gastronômica é equipada com fogão, utensílios para preparo de porções e espetos locais, além de estrutura para servir bebidas e o tradicional suco de laranja fresco. A segurança conta com kit de primeiros socorros, suporte de comunicação via celular, orientações prévias e sistema de pagamento digital.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

Atualmente, o Recantos Bar funciona como um espaço local com potencial para experiência turística estruturada. Recomenda-se a visitação entre maio e setembro, período de clima seco e ameno, ideal para passeios de atividades ao ar livre, prática de bocha ao ar livre e noites de moda de viola na APA da Pedra do Elefante.

O visitante ideal caracteriza-se pelo interesse na cultura sertaneja raiz, busca por bate-papo, gastronomia caseira e lazer simples. Excluem-se perfis que buscam luxo, alta gastronomia ou aventuras extremas. A experiência é intergeracional e não exige esforço físico. Para reservas de pratos especiais em grupo, cancelamentos ou reagendamentos exigem aviso prévio de 48 horas para evitar custos de insumos.



ETS 07: “BERÇO NATURAL - RAPEL NA PEDRA DO REGAÇO”

| GAMELEIRA | PEDRA DA TORRE | PEDRA DO REGAÇO

A experiência "Berço Natural - Rapel na Pedra do Regaço" consolida uma vivência imersiva de aventura e ecoturismo em uma Área de Proteção Ambiental, destacando a Pedra do Regaço como formação rochosa vertical de alta relevância. O título captura a essência da jornada, evocando a ideia de acolhimento, proteção e origem que o termo "regaço" sugere, posicionando o rapel como atividade central de engajamento físico e emocional.

O roteiro estruturado integra componentes gastronômicos da agricultura familiar na recepção, um percurso de safári rural em veículo tracionado e uma trilha interpretativa de acesso ao principal atrativo. A vivência combina desafio, contemplação panorâmica

e narrativas ambientais que contextualizam a importância da conservação. A nomenclatura "Berço Natural" reforça a ideia de que o espaço oferece proteção, descoberta e conexão profunda com a natureza, transformando a atividade em um encontro genuíno entre cultura, paisagem e aventura responsável. A infraestrutura operacional supre lacunas de segurança e qualidade no atrativo, evidenciando potencial de desenvolvimento sustentável para a região e promovendo engajamento social e cultural significativo.

A experiência com duração de cinco horas e trinta minutos atende grupos de dez a vinte participantes mediante agendamento, operando das seis às onze e trinta da manhã.

ETAPAS

A vivência estrutura-se em oito momentos. O encontro inicial ocorre na Gameleira centenária, onde os participantes recebem briefing de segurança, protocolos e contexto da Área de Proteção Ambiental, com café da manhã de produtos da agricultura familiar. O deslocamento guiado em veículo tracionado traz interpretação ambiental sobre a Mata Atlântica e a coexistência rural.

Na base da Pedra do Regaço, faz-se o briefing de segurança, equipagem e leitura da biodiversidade. A atividade central é o rapel de 70 metros na Pedra do Regaço, proporcionando superação e conexão sensorial. Após a descida, há uma celebração com compartilhamento de vivências, brindes e certificados. Em seguida, um safári rural pela estrada da APA permite interpretar a paisagem, observar a fauna e debater a conservação. A visita à Pedra da Torre oferece vista privilegiada da Pedra do Elefante e reflexão sobre tecnologia em áreas protegidas. O encerramento traz celebração coletiva, entrega de certificados e mensagem final posicionando os participantes como embaixadores da conservação, transformando a aventura em compromisso com o meio ambiente.

APRENDIZADOS

A vivência no Berço Natural proporcionou uma compreensão aprofundada sobre a gestão de Áreas de Proteção Ambiental e a relevância da Mata Atlântica como hotspot de biodiversidade. A prática do rapel na Pedra do Regaço permitiu analisar rigorosos protocolos de segurança vertical e a gestão de riscos operacionais em atividades de aventura,

destacando o uso de equipamentos certificados e ancoragens adequadas. Durante os percursos e a interpretação ambiental, compreendeu-se o papel fundamental dos corredores ecológicos na conectividade entre fragmentos de habitat e no fluxo gênico da fauna e flora regionais. A experiência também explicitou os desafios da conservação ambiental perante o desenvolvimento rural, evidenciando como o turismo de aventura sustentável e a valorização da agricultura familiar promovem a economia local, fortalecem a identidade cultural e transformam os visitantes em embaixadores ativos da preservação do patrimônio natural.

SENTIDOS

A visão revelou a imponência da Gameleira centenária, a exuberância da Mata Atlântica preservada e a grandiosidade das formações rochosas da Pedra do Regaço, compondo um cenário de rara beleza natural. Durante a trilha e o rapel, os participantes observaram a paisagem rural, a fauna silvestre, o horizonte em altitude e a riqueza da vegetação nativa. A audição foi marcada pelos cantos dos pássaros, pelo farfalhar das folhas, pelo vento que percorre a montanha e pelas orientações da equipe, mescladas às conversas e comemorações do grupo. O tato percebeu a firmeza dos equipamentos de segurança, a textura da rocha, o contato da corda nas mãos, a irregularidade da trilha e a sensação única de estar suspenso diante da paisagem. O paladar destacou os sabores do café da manhã rural, com café fresco, tapiocas, pães, bolos, queijos, mel, frutas e geleias artesanais. O olfato registrou o aroma da terra úmida, da floresta, da vegetação nativa e do café recém-passado, completando uma experiência sensorial profundamente conectada à natureza.

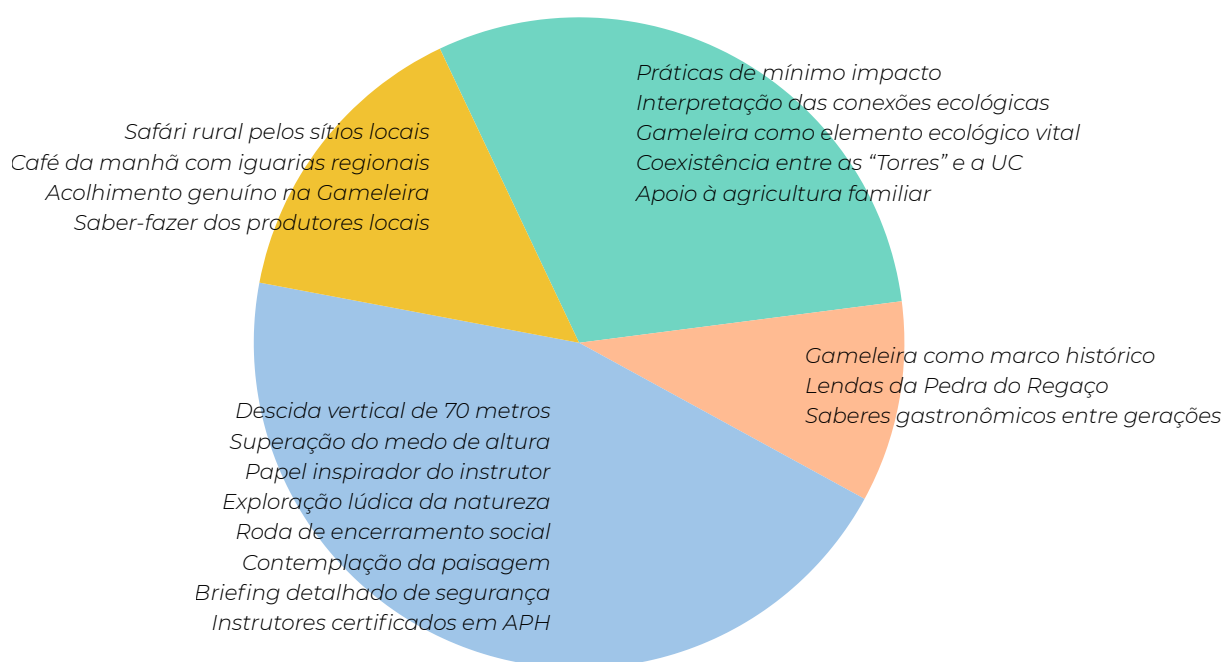
SENTIMENTOS E EMOÇÕES

O acolhimento é sentido na chegada, com a recepção da equipe e a atmosfera acolhedora da Gameleira, no café da manhã em grupo, despertando tranquilidade e confiança. A expectativa cresce até a Pedra do Regaço, enquanto a paisagem da Mata Atlântica e a imponência rochosa aumentam a emoção do desafio. A adrenalina se intensifica na descida do rapel, quando altura, vento e vista panorâmica transformam cada instante em vivência inesquecível. A superação surge ao vencer limites pessoais, dando lugar ao orgulho e à conquista. A alegria compartilhada ao final fortalece os laços do grupo. A admiração pela natureza preservada desperta respeito pelo ambiente e inspira compromisso com a conservação e a valorização do turismo responsável.



LÓGICA INTERNA DA EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

● TURISMO CULTURAL ● ECOTURISMO ● TURISMO RURAL ● TURISMO DE AVENTURA



O **turismo de aventura** é o componente principal da experiência na Área de Proteção Ambiental da Pedra do Elefante, representando 45% de sua arquitetura. Seu foco principal é o estímulo ao desafio físico e mental, manifestado na descida vertical de 70 metros pela imponente face da Pedra do Regaço. Esta atividade exige coragem, equilíbrio e autocontrole dos participantes, proporcionando a superação do medo de altura e uma gratificante conquista pessoal. O papel do instrutor é crucial, inspirando e guiando o praticante a ir além de seus limites e a confiar em si. A dimensão recreativa é igualmente valorizada, com foco na diversão e na exploração da natureza como prática lúdica e sem competição. Conversas no deslocamento e a roda de encerramento fortalecem a interação social. O bem-estar integral na natureza é promovido pela combinação do esforço físico com a contemplação da paisagem. A gestão de segurança é inegociável, assegurada por briefing detalhado, protocolos de risco e acompanhamento de instrutores especializados em primeiros socorros (APH) e condução de grupos.

O **ecoturismo** constitui 30% da lógica interna, sublinhando o compromisso com a conservação e a interpretação ambiental. Realizada integralmente na APA da Pedra do Elefante, a experiência reforça a importância da proteção da Mata Atlântica via práticas de mínimo impacto, desde o deslocamento em veículo 4x4 até o rapel. A interpretação ambiental é facilitada pelo guia, que atua como tradutor do ecossistema ao explicar as conexões entre flora, fauna, geologia e hidrografia durante o safári rural e as trilhas. A narrativa destaca a árvore Gameleira como elemento ecológico vital para o equilíbrio ambiental. Promove-se a conscientização sobre a integração entre o ser humano e a natureza, abordando a coexistência das torres na Pedra da Torre com a preservação natural.

O bem-estar social é fomentado pelo apoio à agricultura familiar e pelo protagonismo da equipe Águias do Rapel, formada por moradores locais que geram renda justa e engajam o visitante na sustentabilidade.

O **turismo rural** representa 15% da experiência, focando na imersão na rotina, na gastronomia e na hospitalidade do campo. A ruralidade é vivenciada no deslocamento 4x4 e no safári rural, revelando sítios, pastos e a autenticidade do cotidiano agrícola. O contato com os ciclos da natureza é estabelecido pela degustação de produtos frescos que refletem a produção e as estações locais. A experiência gastronômica autêntica é proporcionada por um café da manhã recheado de iguarias regionais, como tapioca na palha de banana, pães, bolos, queijos, mel e geleias. O acolhimento genuíno da equipe na Gameleira cria um ambiente de comunhão. Ao compartilhar saberes e histórias da região, os condutores promovem o sentimento de pertencimento e valorizam o saber-fazer dos produtores locais, apresentando a paisagem rural como memória viva do trabalho no campo.

Por fim, o **turismo cultural** integra 10% da proposta, resgatando o patrimônio material e imaterial local. A Gameleira é apresentada como marco histórico e ponto de encontro da comunidade, enquanto formações como a Pedra do Elefante e a Pedra do Regaço inspiram lendas que moldam o imaginário local. A gastronomia artesanal e os produtos regionais expressam saberes passados entre gerações, consolidando-se como patrimônio imaterial. A interpretação do território demonstra que a preservação cultural é intrínseca à sustentabilidade ambiental. Ao valorizar o protagonismo dos moradores membros da equipe Águias do Rapel, a experiência consolida um modelo integrado de desenvolvimento local e respeito à história da comunidade.

ANÁLISE DIMENSIONAL DA EXPERIÊNCIA

A **Vivência Patrimonial** consolidou o resgate da memória territorial por meio da educação, da prática e do engajamento emocional. O trabalho executou a difusão da história da Gameleira e da Área de Proteção Ambiental da Pedra do Elefante, além de contextualizar a origem das formações rochosas do Regaço e da Torre. A materialização prática ocorreu pela degustação da culinária regional — tapioca, pães, queijos e mel — e pela descida de rapel, gerando vínculo emocional com a comunidade e reforçando o senso de pertencimento à APA.

A **Sustentabilidade Socioambiental** estabeleceu o arcabouço ético voltado à mitigação de impactos, ao respeito cultural e à inclusão comunitária. As diretrizes exigiram o uso de trilhas demarcadas e técnicas de rapel de baixo impacto, preservando rocha e vegetação rupestre. O respeito aos costumes locais desdobrou-se no apoio à agricultura familiar, enquanto a governança integrou a equipe Águias do Rapel — composta por moradores — garantindo retenção econômica na região.

As **Atividades Interpretativas** atuaram como mecanismo de tradução científica do ecossistema por meio de observação guiada, desafios de identificação e storytelling. A condução técnica explorou a formação geológica da Pedra do Regaço e do Elefante, mitos locais e a função ecológica da Gameleira como "árvore-mãe", ampliando a compreensão da Mata Atlântica e da relação entre produção rural e ciclos naturais.

O Incentivo à Conservação operou a transição da conscientização para o engajamento proativo, por meio do briefing sobre a APA, da interpretação da fragilidade do bioma e de pausas contemplativas que aprofundam a



conexão sensorial com a paisagem. A mudança comportamental foi estimulada pelo convite a se tornar "embaixador da APA", pela valorização do consumo sustentável e pela internalização de práticas de mínimo impacto.

A **Valorização da Ruralidade** celebrou a identidade do campo e a hospitalidade tradicional. O safári rural em veículo 4x4 evidenciou sítios, pastos e fragmentos florestais, enquanto o café da manhã com produtos da agricultura familiar consolidou o vínculo com o modo de vida local. A recepção calorosa e a interação com a equipe reforçaram o acolhimento genuíno e o senso de comunhão territorial.

Por fim, o eixo de **Desafio e Aventura** utilizou o esforço corporal como ferramenta de superação e autodescoberta sob rigorosa gestão de risco. A descida de rapel de aproximadamente 70 metros na Pedra do Regaço exigiu controle físico e emocional frente ao medo da altura, gerando adrenalina, conexão sensorial com a rocha e a paisagem, além de resiliência, autoconhecimento e fortalecimento dos laços grupais na celebração conjunta da conquista.

PROTOCOLOS

A estratégia de gestão fixou diretrizes bilaterais para mitigar riscos e assegurar o turismo regenerativo. Aos visitantes, exigiu-se calçado fechado, roupas leves, hidratação mínima de 1,5 litro e itens de proteção solar. As normas de segurança impuseram atenção ao briefing, uso correto de arnês e capacete, três pontos de contato no rapel e proibição de álcool/drogas. As orientações ambientais vetaram a coleta de flora, exigiram a permanência nas trilhas e o recolhimento de resíduos. Ao anfitrião, coube a checagem prévia de equipamentos, rota e clima, plano de emergência e seguro de acidentes. A gestão da capacidade limitou o fluxo de participantes por grupo, conforme a proporção guia-visitante estabelecida.

RECURSOS HUMANOS

O planejamento da equipe dimensionou a equipe com base em critérios técnicos de condução e segurança em ambientes verticais. A execução exigiu 1 Líder de Turismo de Aventura, especialista em técnicas verticais, responsável pelo briefing de segurança, montagem e supervisão dos sistemas de rapel, tomada de decisão em emergências e interpretação ambiental da Gameleira e da Pedra do Regaço. Exigiu-se certificação avançada em rapel, resgate em altura e Primeiros Socorros (APH), aliada à liderança inspiradora e resiliência sob pressão.

A equipe contou ainda com 4 condutores especialistas em rapel, certificados conforme a ABNT NBR 15500, encarregados da condução do safári e da trilha, do apoio técnico individualizado na descida e da retaguarda do grupo. Ao menos dois possuíam CNH categoria B/D para pilotagem 4x4. Exigiram-se proatividade, comunicação e paixão pela natureza.

RECURSOS ESTRUTURAIS

O arranjo logístico estruturou os elementos físicos indispensáveis à operação em campo. A infraestrutura contemplou o ponto de recepção na Gameleira, com espaço coberto, sanitários e área de estacionamento, além da trilha de acesso demarcada até a plataforma de rapel, dotada de ancoragens fixas certificadas. Os recursos de segurança compreenderam kits de primeiros socorros, maca de resgate, sistemas de comunicação via rádio e cordas, arneses, capacetes e freios certificados. O apoio gastronômico foi assegurado pela estrutura para preparo e serviço do café rural. Administrativamente, materiais educativos e fichas de cadastro alinharam a operação à segurança e à sustentabilidade.

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

O diagnóstico situacional constatou que a Pedra do Regaço, sob gestão do IEMA, possui acesso exclusivo por veículos 4x4 em estrada íngreme, carecendo de sinalização e infraestrutura externa, com plano de manejo em elaboração. O trabalho mapeou a sazonalidade climática e determinou o período de maio a setembro como alta temporada ideal, caracterizada por menor pluviosidade e maior segurança operacional para o rapel.

O perfil do visitante ideal foi delimitado para indivíduos de 16 a 60 anos, com boa condição cardiovascular e ausência de vertigem severa; menores exigem acompanhamento legal. A metodologia vetou perfis sedentários e condições médicas restritivas (cardiopatias, gravidez, epilepsia). Por fim, estruturou-se uma política rígida de cancelamento com prazos escalonados para reembolso e regras claras para reagendamento por adversidades climáticas.

RECOMENDAÇÕES PARA VALIDAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO

A seguir, apresenta-se uma síntese das recomendações decorrentes do processo de desenho das ETSs, organizadas de forma sequencial para apoiar sua validação, implementação e consolidação.

Essas ações buscam transformar o conceito desenvolvido em uma oferta estruturada, viável e alinhada aos princípios da sustentabilidade, da governança territorial e da valorização da identidade local.

Ação	Descrição
Priorização das ETSs	Selecionar as experiências mais viáveis e estratégicas para iniciar a implementação, considerando fatores como potencial de atratividade, aderência, infraestrutura, capacidade de operação, articulação com os atores locais e compatibilidade com os princípios da sustentabilidade, utilizando e adaptando metodologias como ICTN e TTDI.
Detalhamento operacional e de governança	Converter o desenho conceitual em operação, definindo jornada, recursos, responsabilidades e papéis institucionais, com papéis claramente definidos entre poder público, comunidade local, empreendedores, condutores, prestadores de serviço e demais parceiros em alinhamento, por exemplo, com a abordagem de governança recomendada pelo <i>Projeto Experiências do Brasil Rural (UFF, 2022)</i> .
Construção do plano de implementação	Estruturar objetivos, etapas, cronograma, orçamento, entregas e responsáveis para transformar as diretrizes em ação coordenada, como orientam os manuais da OMT e OECD para desenvolvimento de produtos turísticos. Trata-se de uma etapa essencial para converter diretrizes em ação organizada e monitorável.
Validação com atores locais e parceiros	Antes da implementação plena, deve-se submeter as experiências à avaliação de atores envolvidos no território (moradores, empreendedores, representantes comunitários, gestores públicos e parceiros institucionais) para ajustar aderência e legitimidade social, conforme recomenda no <i>Handbook on Tourism Product Development (UNWTO, 2018)</i> . Trata-se de um alinhamento prático entre proposta, território e comunidade.
Execução em escala experimental	Testar as experiências em pequena escala para verificar fluxo, segurança, aceitação e impactos, seguindo a etapa de teste e ajuste prevista nos guias internacionais de produto turístico, segundo sugestões de <i>Tourism Trends and Policies (OECD, 2022)</i> .
Monitoramento, ajustes e melhoria contínua	Acompanhar resultados e corrigir falhas com base em evidências, em uma lógica de melhoria contínua compatível com as recomendações da OCDE para turismo sustentável. Em vez de um produto estático, a experiência deve ser entendida como um processo em evolução, aperfeiçoado com base em evidências.
Consolidação em instrumentos de gestão	Formalizar as experiências em planos, normas, programas e mecanismos de apoio, assegurando continuidade administrativa e segurança de gestão, em linha com manuais norteadores e boas práticas em turismo sustentável do MTur e UNESCO.
Comunicação, comercialização e posicionamento das experiências	Definir proposta de valor, canais de venda e materiais promocionais, articulando marketing e posicionamento, conforme <i>Manual de desarrollo de productos turísticos (OMT, 2004)</i> . É o que conecta a experiência desenhada ao visitante certo, com a mensagem certa e pelo canal mais apropriado, garantindo coerência entre proposta, mercado e território.



SENSIBILIZAÇÃO E PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO

A mobilização e sensibilização dos atores locais foi executada com o objetivo de estruturar, de maneira participativa, a Instância de Governança Local (IGL) do PEPTURES no território da APA da Pedra do Elefante e na sede municipal de Nova Venécia. O processo de mobilização buscou:

- apresentar o Plano PEPTURES, seus objetivos, etapas e resultados esperados;
- mobilizar lideranças formais e informais relevantes para a condução do projeto;
- coletar contribuições para a constituição da Rede Pró-Elefante, do Comitê Executivo e dos Grupos Temáticos;
- promover nivelamento técnico sobre Turismo Responsável, governança colaborativa e atuação em rede;
- ampliar a participação dos diferentes segmentos do território na formulação das estratégias;
- reconhecer, integrar e valorizar iniciativas, empreendimentos e organizações já atuantes na região.

A metodologia adotada priorizou os princípios de participação social, corresponsabilidade institucional, desenvolvimento territorial integrado e sustentabilidade turística. O processo de mobilização foi desenvolvido de forma sequencial e participativa, articulando levantamento de atores, escuta qualificada, capacitação e construção coletiva de diretrizes para a governança local.

Inicialmente, foi realizado o mapeamento de stakeholders, contemplando representantes do poder público municipal e estadual, empreendedores turísticos, proprietários de áreas localizadas na APA, associações comunitárias, entidades setoriais, organizações da sociedade civil, instituições de ensino, atrativos turísticos, serviços de apoio e lideranças locais. Na sequência, foram promovidas ações de sensibilização e nivelamento conceitual sobre o PEPTURES, Turismo Responsável e governança colaborativa. As atividades incluíram a apresentação de referências

práticas de redes de cooperação em áreas protegidas e destinos turísticos, contextualizadas à realidade da APA da Pedra do Elefante.

Foram aplicadas técnicas de Diagnóstico Rápido Participativo (DRP), adaptadas ao contexto do turismo responsável e do turismo de base comunitária. Essa abordagem permitiu identificar percepções, expectativas, potencialidades, entraves e propostas dos participantes para a organização da Instância de Governança Local. Também foram realizadas ações de formação voltadas ao fortalecimento de lideranças e multiplicadores locais, com conteúdos relacionados a:

- trabalho em rede;
- facilitação de grupos;
- resolução de conflitos;
- planejamento colaborativo;
- participação qualificada em instâncias de governança.

O trabalho foi conduzido em articulação técnica e institucional com o SEBRAE/ES, o IEMA e a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura de Nova Venécia, garantindo alinhamento entre as ações de mobilização, o processo de diagnóstico territorial e as diretrizes institucionais aplicáveis. As principais ações executadas foram:

- Mapeamento de representantes de atrativos, empreendimentos, serviços turísticos e lideranças comunitárias;
- Visitas técnicas e ações de sensibilização junto a atores formais e informais;
- Mobilização por contatos telefônicos, mensagens via WhatsApp e apoio de instituições parceiras;
- Realização do evento de lançamento e da Oficina Participativa 01, destinada à apresentação do Plano PEPTURES e à escuta inicial do território;

- Aplicação de fichas individuais e questionários de percepção, com base em técnicas de DRP;
- Realização da Oficina Participativa 2, com capacitação em Turismo Responsável e Formação de Redes;
- Condução de dinâmica participativa para definição preliminar de objetivos, diretrizes, regras de convivência e estrutura organizacional da Rede;
- Identificação de representantes e instituições para composição do Comitê Executivo, Coordenação, Secretaria Executiva e Grupos Temáticos;
- Criação do grupo de comunicação da Rede Pró-Elefante via WhatsApp.

Todas as atividades foram registradas por meio de listas de presença, registros fotográficos, fichas de pesquisa, questionários e relatórios técnicos.

RESULTADOS ALCANÇADOS

O processo foi iniciado com reunião de alinhamento técnico entre a equipe executora, o SEBRAE/ES e a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura de Nova Venécia. Posteriormente, foram realizadas visitas de campo integradas às ações de inventário e diagnóstico territorial. Os resultados quantitativos obtidos foram:

Ações	
Empreendimentos e serviços âncoras entrevistados	10
Representantes mobilizados de diferentes setores	75
Participantes da Oficina Participativa 1	39
Integrantes do grupo de comunicação Rede Pró-Elefante	48
Participantes na Oficina Participativa 2	20

Os resultados demonstram capacidade inicial de mobilização e interesse dos atores locais na construção de uma agenda coletiva para o desenvolvimento do turismo responsável na região.

A mobilização também permitiu avançar na estruturação preliminar da Rede Pró-Ellefante, identificando participantes potenciais para o Comitê Executivo e para os futuros Grupos Temáticos. Essa base constitui um ativo institucional relevante para a continuidade do PEPTURES e para a implementação das ações previstas para o biênio 2027-2029.

CRITÉRIOS PARA FORMAÇÃO DA REDE E COMITÊ GESTOR

Seguem abaixo premissas, critérios e recomendações utilizados nas ações de Sensibilização e Planejamento Participativo para a indicação e definição dos representantes e formação do Comitê Executivo Participativo da Rede Pró Elefante.

- **Representatividade:** Garantir que os representantes sejam representativos dos diferentes grupos e interesses.
- **Experiência:** Buscar representantes com experiência em turismo, desenvolvimento sustentável e trabalho comunitário.
- **Compromisso:** Garantir que os representantes estejam comprometidos com o objetivo de promover o turismo responsável e sustentável na região.
- **Diversidade:** Buscar uma diversidade de perspectivas e opiniões para garantir que o Comitê Executivo seja representativo e eficaz.

A composição do Comitê Gestor observou critérios de representatividade territorial, setorial e institucional, garantindo a participação de atores vinculados ao turismo, à conservação ambiental e à dinâmica social regional.

A seleção considerou legitimidade, capacidade de articulação e compromisso com a sustentabilidade.

- **Comunidade Local:** líderes comunitários; representantes de associações locais; moradores locais que sejam afetados pelo turismo.
- **Setor de Turismo:** proprietários de empresas de turismo; gerentes de hotéis e pousadas; representantes de agências de viagens.
- **Governo:** representantes da Secretaria de Turismo; representantes da Prefeitura Municipal; representantes de outras instituições governamentais relevantes.
- **Sociedade Civil:** representantes de ONGs que trabalham com turismo sustentável; representantes de organizações ambientais; representantes de grupos de defesa dos direitos dos trabalhadores do turismo.
- **Especialistas:** profissionais da área de turismo; especialistas em desenvolvimento sustentável; pesquisadores que estudam o turismo na região.

COMITÊ GESTOR EXECUTIVO DA REDE PEPTURES ELEFANTE

Após a realização da elaboração da lista prévia, conforme critérios e avaliações realizadas, foram feitos os contatos e convites e respectivos aceites e definição da composição final. Segue abaixo o quadro da composição final do Comitê Gestor Executivo da Rede PEPTURES Elefante:

Coordenação:

- Maria Alice Capucho - *Fazenda Sta Rita*
- Maria Luzia - *COAES*

Secretaria Executiva:

- Suiana Silva Delazari - *SEBRAE*
- Milla Boldrini Faria - *Turismóloga*

Fomento e Financiamento

- Anna Paula Lobo - *SEBRAE*
- Parlei Prando - *BNB*
- Lawrence Lubiana Zanotti - *CEF*

Qualificação e Capacitação

- Prof. Ediu Carlos - *IFES*
- Angela Zancanella - *SENAC*
- Lazaro Brito - *INCAPER*

Operação e Comercialização

- Maychon Amaral - *Águias do Rapel*
- Ormino Neto - *Espetaria Pedra do Elefante*
- Flamínio Grillo - *Pá. São Marcos (Santuário)*

Promoção e Divulgação

- Camila Frisso - *CDL*
- Samuel Thierry - *Mega Zoom*
- Daniel Ramos - *NV Depressão*
- Otamir Carloni - *PMNV/SECTUR*

Segurança e Sustentabilidade

- Capitão Damata - *CBMES*
- Thales Lacerda - *APAPE/IEMA*
- Tenente Corradi - *CBMES*

Inovação e Tecnologia

- Marina Ribeiro - *INOVE/IFES*
- Claudiane Souza – *INOVE/IFES*
- Leonardo Zamprogno - *Mobo Games*

Além dos Grupos Temáticos, a estrutura de governança da Rede Pró-Elefante contará com um **Fórum de Comunicação**, integrado pelos demais membros e interessados no PEPTURES. O Fórum atuará como canal permanente de informação, mobilização e articulação entre os participantes, contribuindo para a transparência, o acompanhamento das ações e o fortalecimento da participação coletiva no processo. A formação do Comitê Executivo da Rede Pró-Elefante foi realizada, validada e pactuada no encontro participativo, consolidando uma base inicial de governança para o PEPTURES.

PONTOS DE ATENÇÃO E DESAFIOS ESTRATÉGICOS

O processo participativo evidenciou desafios que deverão ser tratados de forma contínua pela Rede Pró-Elefante e pelo futuro Comitê Gestor. Os principais pontos de atenção são:

- **Consolidação da cultura de cooperação:** É necessário fortalecer práticas de diálogo, corresponsabilidade e atuação integrada entre os diferentes segmentos envolvidos.
- **Sustentabilidade da governança:** A continuidade da Instância de Governança Local dependerá da apropriação efetiva do processo pelos atores territoriais, com definição de responsabilidades, rotina de reuniões, acompanhamento de metas e mecanismos de comunicação.
- **Ampliação da representatividade:** Alguns atores estratégicos ainda apresentam participação limitada e devem ser objeto de mobilização específica, especialmente: empreendimentos de hotelaria e hospedagem de Nova Venécia; lideranças do Santuário de Nossa Senhora Peregrina; e Promotoria Pública, cuja participação pode contribuir para a sustentabilidade institucional das ações.
- **Superação de posturas reativas e fragmentadas:** Foram identificadas situações de desconfiança, expectativa de transferência de responsabilidades e cobranças direcionadas exclusivamente ao poder público ou à equipe técnica. O fortalecimento da governança exigirá a substituição gradual dessas práticas por compromissos compartilhados e orientados a resultados.
- **Transformação de participação em execução:** O engajamento inicial deverá ser convertido em participação contínua, adesão a grupos de trabalho e execução de ações pactuadas.

ANÁLISE TÉCNICA

O processo de engajamento territorial confirmou a existência de interesse e potencial de participação da comunidade, das instituições e dos empreendedores locais na construção de um modelo de turismo responsável para a APA da Pedra do Elefante e seu entorno.

A participação observada está associada à expectativa de geração de benefícios concretos para o território, tais como valorização dos atrativos, melhoria da experiência do visitante, fortalecimento de empreendimentos locais, proteção dos recursos naturais e culturais, geração de oportunidades econômicas e qualificação da oferta turística.

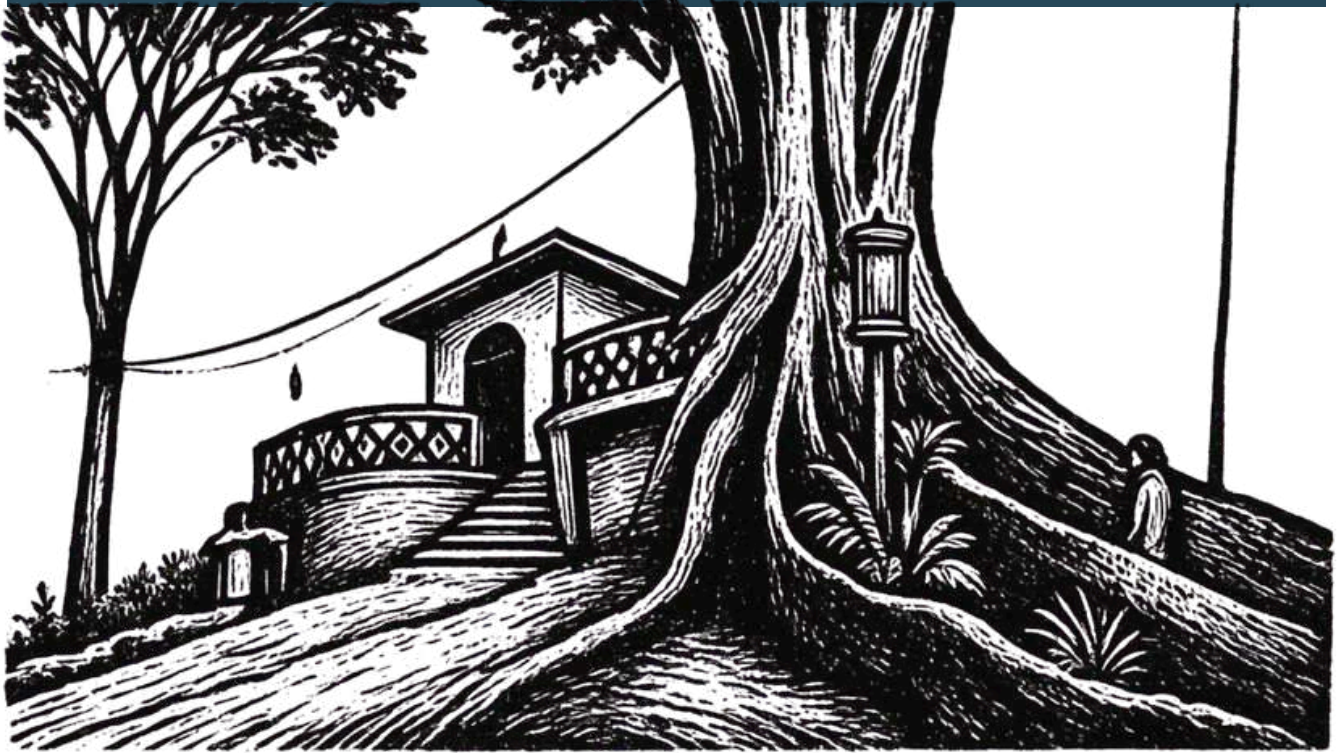
A metodologia participativa adotada permitiu identificar atores estratégicos, ampliar o conhecimento sobre o PEPTURES e estabelecer as bases iniciais para uma governança local estruturada. A Rede Pró-Ellefante, o Comitê Executivo e os Grupos Temáticos configuram os principais instrumentos de articulação para as próximas etapas do projeto. Essa estrutura deverá atuar como espaço permanente de diálogo, pactuação e acompanhamento de iniciativas, contribuindo para a elaboração, validação e monitoramento do Plano Estratégico de

Turismo Responsável e para a estruturação do Circuito e dos Roteiros da Pedra do Elefante. A efetividade dessa governança dependerá da manutenção de uma composição representativa, da clareza quanto aos papéis institucionais, da adoção de uma agenda de trabalho objetiva e da produção de resultados visíveis para os participantes e para a população local. A etapa de mobilização e sensibilização estabeleceu uma base relevante para a organização da governança turística local no território da APA da Pedra do Elefante e em Nova Venécia.

A criação da Rede Pró-Ellefante representa um avanço na articulação entre poder público, iniciativa privada, organizações sociais, lideranças comunitárias e demais instituições vinculadas ao desenvolvimento turístico local. O desafio subsequente será transformar essa rede inicial em uma instância permanente, representativa, tecnicamente orientada e capaz de conduzir ações coletivas.

A continuidade do processo requer comprometimento institucional, participação ativa dos atores locais, planejamento objetivo e monitoramento sistemático. Com esses elementos, a governança poderá contribuir de forma concreta para consolidar um modelo de turismo responsável, sustentável e territorialmente integrado.





PLANO ESTRATÉGICO DO TURISMO RESPONSÁVEL DA APAPE TRIÊNIO 2027-2029

Plano Estratégico do Turismo Responsável da APAPE, triênio 2027-2029, formaliza diretrizes para o desenvolvimento e ordenamento turístico na região. Este documento visa transformar a APA em um destino de referência em turismo de natureza, aventura e cultura, conciliando o desenvolvimento econômico com a conservação ambiental, cultural e a valorização social. Sua relevância reside na necessidade de ordenar o crescimento da demanda turística, mitigar impactos negativos e potencializar a geração de renda para a comunidade de Nova Venécia. Serve como ferramenta de gestão para a Instância de Governança Local (IGL), empreendedores e poder público.

A APA da Pedra do Elefante é uma Unidade de Conservação de Uso Sustentável, permitindo atividades econômicas ambientalmente responsáveis. A gestão turística adota um modelo de governança compartilhada e participativa, com o órgão gestor municipal e a IGL, que reúne

representantes do setor público, iniciativa privada e sociedade civil (Rede e Comitê Pró Elefante). A IGL é responsável por validar, monitorar e articular a execução das estratégias, garantindo a continuidade das políticas.

A elaboração do PEPTURES fundamentou-se em um rigoroso conjunto de dados técnicos e processos consultivos, incluindo:

- **Diagnóstico Integrado** da oferta turística, infraestrutura, serviços e perfil da demanda;
- **Sistema de Informação Geográfica** para mapeamento de atrativos e áreas sensíveis;
- **Metodologia Participativa** com oficinas e grupos de trabalho para incorporar o conhecimento local;
- **Plano de Manejo e Zoneamento da APA**, que determina o uso público e turístico;
- **Consultoria Especializada** para análise de mercado e formatação de produtos turísticos, alinhando o potencial local às melhores práticas de Turismo Responsável.

DIMENSÕES ESTRATÉGIAS

A estratégia de intervenção baseia-se em três pilares fundamentais para garantir a viabilidade do turismo a longo prazo

- **Dimensão Ambiental:** foca na mitigação de impactos da visitação. Inclui manejo de trilhas com técnicas anti-erosão e fechamento de atalhos, proibição de fogueiras para prevenção de incêndios e gestão de resíduos com a política de "Mínimo Impacto", evitando lixeiras.
- **Dimensão Social:** visa garantir pertencimento e segurança. Envolve diálogo contínuo com proprietários de terras para torná-los parceiros, instalação de sinalização e cadastro de visitantes para segurança, e educação patrimonial, incluindo a APA no roteiro pedagógico.
- **Dimensão Econômica:** busca fazer do turismo um vetor de desenvolvimento. Fomenta o agroturismo, incentivando a venda de produtos locais. Promove a profissionalização de condutores e guias, gerando oportunidades de trabalho. Estimula serviços de apoio como estacionamentos e pontos de bem-estar.

O plano adota o conceito de Turismo Responsável. Isso implica compromisso ativo com a conservação, minimizando impactos e contribuindo para o manejo da APA, garantindo benefícios diretos à comunidade local, além de focar na segurança e qualidade, formalizando serviços e assegurando a integridade dos visitantes.

ANÁLISE SWOT

O diagnóstico participativo sintetizado na Análise SWOT, revelou condições que moldaram os objetivos estratégicos, apontando uma forte assimetria entre os potenciais e as fragilidades estruturais:

Forças e Oportunidades:

A beleza cênica, o contexto histórico-cultural, o engajamento do Comitê Pró Elefante e a crescente demanda por turismo de natureza representam um cenário favorável para o crescimento. O plano deve capitalizar o parcerias institucionais e a busca por fomento e apoio interno e externo.

Fraquezas e Ameaças:

As fragilidades internas, como a sinalização e acessos deficientes, a baixa conectividade tecnológica e a informalidade dos serviços, exigem ações corretivas prioritárias. No ambiente externo, a especulação imobiliária rural e a descontinuidade de políticas públicas foram identificadas como riscos que demandam a institucionalização robusta do Plano.

DIRETRIZES ESTRATÉGICAS

A transição do diagnóstico ao planejamento requer premissas filosóficas. Missão, Visão e Valores estabelecem o propósito, destino e código de conduta ético para o desenvolvimento do turismo responsável na APA, guiando decisões e ações futuras.

MISSÃO:

"Fomentar e gerir o Turismo Responsável nas vertentes de ecoturismo, aventura, rural e cultural na APA da Pedra do Elefante, promovendo a conservação de seu patrimônio natural e cultural, gerando benefícios socioeconômicos sustentáveis para as comunidades e empreendimentos locais"

Esta formulação destaca o papel de gestão (não apenas fomento) e amarra a geração de benefícios diretamente à conservação ativa da unidade de conservação e à inclusão social, elementos centrais do turismo responsável para a APAPE e região.

VISÃO:

“Ser reconhecida, até 2029, como um destino capixaba de excelência em turismo de natureza responsável, pautado pela sustentabilidade, inovação e segurança, liderado por uma Instância de Governança Local (IGL) fortalecida e integrada, e com uma oferta de experiências turísticas formalizadas com alto valor agregado.”

Esta formulação é ambiciosa, mas realista, incorpora os principais Eixos Estratégicos definidos na metodologia, como a necessidade de governança fortalecida e o foco na qualidade das experiências.

VALORES:

- **Responsabilidade Ambiental:** Comprometimento inegociável com a conservação da biodiversidade e a minimização de impactos negativos das atividades turísticas na APAPE.
- **Transparência e Participação:** Condução dos processos decisórios de forma aberta, democrática e contínua, assegurando a voz e o engajamento dos parceiros locais através da IGL e comitê.
- **Inclusão e Equidade:** Distribuição justa e equitativa dos benefícios do turismo, priorizando o desenvolvimento comunitário e valorizando a cultura e o saber local.
- **Segurança e Qualidade:** Foco na excelência operacional, garantindo a segurança integral dos visitantes e a alta qualidade dos serviços e experiências oferecidas na região.

OBJETIVOS ESTRATÉGICOS

Os objetivos concretizam Missão e Visão, orientando alocação de recursos e ações, alinhados ao conceito de turismo responsável

OBJETIVO GERAL:

“Consolidar o Turismo Responsável na APA da Pedra do Elefante como uma atividade econômica sustentável e inclusiva, garantindo a excelência na oferta de experiências de turismo de natureza de forma responsável e segura, através do fortalecimento da governança local e a efetiva conservação do patrimônio natural e cultural da região.”

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Os Objetivos Específicos detalham o que é necessário para as ações estratégicas, projetos, metas e resultados a serem atingidos dos Eixos Estratégicos (Macroprogramas).

Eixo 1: Governança: Fortalecer e apoiar a Instância de Governança Local, ampliando sua capacidade técnica, atuação e decisória para assegurar a gestão integrada e o monitoramento contínuo da execução do Plano Estratégico.

Eixo 2: Fomento e Financiamento: Diversificar as fontes de fomento e financiamento para turismo na APA, estruturando mecanismos de captação de recursos públicos e privados que garantam a sustentabilidade financeira dos projetos, apoio aos empreendimentos e manutenção das infraestruturas turísticas.

Eixo 3: Qualificação e Capacitação: Promover a qualificação profissional contínua dos prestadores de serviços turísticos e da comunidade local, visando a elevação do padrão de atendimento, a formalização dos negócios e o domínio de técnicas especializadas para o Turismo Responsável nos segmentos Cultural, Ecoturismo e Aventura.

Eixo 4: Operação e Comercialização: Estruturar a cadeia de valor turística, formalizando os processos de operação, comercialização e distribuição dos circuitos e

roteiros, e garantindo a oferta de produtos e serviços que atendam aos critérios de segurança e qualidade exigidos pelo mercado

Eixo 5: Promoção e Divulgação: Desenvolver e implementar uma estratégia de marketing e comunicação digital unificada, visando posicionar a APA da Pedra do Elefante como um destino referência em Turismo Responsável no cenário regional, estadual e nacional para atrair um perfil de visitante alinhado aos valores de conservação.

Eixo 6: Segurança e Sustentabilidade: Garantir a integridade ambiental e a

segurança das atividades de visitação, implementando protocolos rigorosos de baixo impacto e de segurança, monitoramento de capacidade de carga e planos de contingência e emergência para os roteiros de aventura e ecoturismo.

Eixo 7: Inovação e Tecnologia: Incorporar soluções tecnológicas e inovadoras na gestão, promoção e comercialização do turismo da APA, na experiência do turista, utilizando ferramentas digitais para sinalização inteligente, reserva de serviços, coleta de dados (monitoramento) e otimização da conectividade.

MACROPROGRAMAS E PROJETOS ESTRATÉGICOS

MACROPROGRAMAS		FOCO E PROJETO-CHAVE
M1	Governança e Monitoramento	Estruturação da ICL e acompanhamento contínuo da execução, com a consolidação institucional e implementação do Sistema de Monitoramento de Desempenho na gestão.
M2	Fomento e Financiamento	Sustentabilidade financeira via captação de recursos em editais, reversão de multas e apoio privado, com o estudo de viabilidade para taxas de manutenção e uso.
M3	Qualificação e Capacitação	Capital humano e excelência do serviço, com capacitação de condutores e monitores locais e incentivo à formalização de empreendimentos turísticos e de serviços.
M4	Operação e Comercialização	Padronização da oferta e integração da cadeia, com manuais operacionais e integração da Cadeia de Valor para criação de novos produtos turísticos bem completos.
M5	Promoção e Divulgação	Posicionamento de mercado por meio da criação de identidade visual única (Branding) e estratégia de marketing digital, voltada ao conteúdo da região e serviços.
M6	Segurança e Sustentabilidade	Gestão de Riscos e Conservação, com elaboração e implementação do Plano e Sistema de Gestão de Riscos (PGRE e SCS) e estudo de Capacidade de Carga nos atrativos
M7	Inovação e Tecnologia	Experiência do visitante e gestão eficiente, com implantação de sinalização interpretativa, inteligente e expansão de conectividade e uso de tecnologias na APA.

DETALHAMENTO DOS MACROPROGRAMAS

A seguir, o modelo de Matriz de Ação por macroprogramas apresentada com o cronograma referencial (Semestre/Ano), com indicação de prioridade e metas sugeridas,

facilitando o acompanhamento tático da IGL e entidades responsáveis regionais de ações chave ou âncoras sugeridas para cada Macroprograma.

PRIORIDADE		PRAZO	AÇÕES	META SUGERIDA
M1	Crítica	JUN_2027	Fortalecimento e Reestruturação Interna da IGL	IGL reestruturada com 100% de seus documentos revisados, aprovados e em funcionamento.
	Alta	DEZ_2027	Implementação do sistema de monitoramento de desempenho	100% dos indicadores do Plano (Eixos 2-7) monitorados bimestralmente.
	Média	JUN_2027	Criação de um fórum periódico de acompanhamento, prestação de contas das ações e replanejamento.	Realização de 2 Fóruns anuais.
M2	Alta	DEZ_2028	Estruturação da captação de recursos em editais, fundos de apoio e linhas de crédito para turismo e serviços.	Aprovação e captação de R\$500.000,00 em financiamento externo (público ou privado) no triênio.
	Média	DEZ_2028	Desenvolvimento de modelos de investimento e/ou apoio privado para captação de patrocínio e apoio privado local e regionais.	Concretização de 2 parcerias de longo prazo com o setor privado local ou regional.
	Média	JUN_2027	Estudo de viabilidade para a implementação de "fundo" para turismo e visitação da APA (reversão de multas, taxas de manutenção e visitação).	Legislação para instituição do Fundo de Turismo e Visitação formalmente protocolada e em tramitação nos órgãos competentes
M3	Crítica	DEZ_2027	Capacitação de condutores de ecoturismo, elaboração de roteiros e primeiros socorros.	20 pessoas da comunidade capacitadas, ativas, certificadas em líder de turismo de aventura e em WFA ou WAFA
	Alta	DEZ_2027	Incentivo à formalização de empreendimentos e serviços turísticos.	Aumento de 40% no número de MEIs ou MEs, e inscrição no CADASTUR na cadeia do turismo da região da APAPE.
	Média	DEZ_2028	Programa de formação continuada em Turismo Responsável e atendimento.	Oferta anual de 4 módulos de treinamentos para empreendedores.
M4	Crítica	DEZ_2028	Desenvolvimento e implantação de manuais operacionais e padronização das Experiências Turísticas.	Elaboração de manuais operacionais segmentados para as sete ETs do PEPTURES, com fotografias profissionais
	Média	DEZ_2027	Mapeamento e Integração da cadeia de valor para oferta de novos pacotes integrados.	Criação de 3 novos pacotes (produtos) turísticos completos (hospedagem, guia/condutores e alimentação).
	Alta	DEZ_2028	Criação de um sistema ou central de reservas integrado para visitação e turismo na APAPE e empreendimentos.	Integração de 80% dos meios de hospedagem, prestadores de serviços formalizados à plataforma ou canal.

PRIORIDADE		PRAZO	AÇÕES	META SUGERIDA
M5	Alta	JUN_2027	Criação de uma identidade visual única (Branding) para o Turismo Responsável na APA.	Lançamento oficial de uma nova marca e guia de aplicação em 100% dos futuros materiais de divulgação virtuais e impressos da APA.
	Média	DEZ_2027	Implementação de estratégia de marketing digital (conteúdo, influenciadores e canais).	Aumento de 40% no engajamento nas plataformas digitais da região da Rede Pró Elefante.
	Alta	DEZ_2028	Participação estratégica em feiras e eventos regionais, estaduais e/ou nacionais.	Presença anual em pelo menos 1 evento de destaque (Ex: Abeta Summit, Feira ABAV, Salão do Turismo).
M6	Crítica	DEZ_2028	Elaboração e Implementação de SGS (Sistema de Gestão de Risco)	100% dos roteiros e experiências de ecoturismo e aventura mapeados com SGS implementado.
	Alta	JUN_2028	Implantação de um estudo e aplicação de um sistema de monitoramento da capacidade de carga da Visitação.	Definição e aplicação de limites de visitação para 3 pontos de maior fluxo e visitação na APA.
	Alta	DEZ_2029	Instalação de infraestrutura de baixo impacto	Instalação de 40% das estruturas previstas no Plano de Manejo da APA e PEPTURES.
M7	Média	DEZ_2027	Implantação de sinalização interpretativa inteligente (QR Codes e realidade virtual aumentada).	Implantação de 15 pontos de sinalização inteligente na sede do município, principais atrativos, serviços e experiências dos roteiros na APAPE.
	Média	DEZ_2029	Criação de uma plataforma para fornecer feedback do visitante, melhoria e coleta de dados.	Obter feedback de 60% dos visitantes registrados no ano.
	Média	DEZ_2029	Implementação de projeto de expansão de conectividade e interatividade nas áreas de operação e serviços na APA.	Cobertura de internet de alto desempenho e estável em 80% das áreas dos atrativos, acesso e serviços formalizados.

O Plano Estratégico do Turismo Responsável da APAPE, Triênio 2027-2029, consolida-se como instrumento indispensável de gestão, conciliando a conservação da Unidade de Conservação de Uso Sustentável com o desenvolvimento socioeconômico de Nova Venécia. A metodologia participativa adotada, sustentada em Diagnóstico Integrado, Sistema de Informação Geográfica e Consultoria Especializada, conferiu legitimidade às diretrizes, consolidadas em Missão, Visão e Valores que colocam a Instância de Governança Local como protagonista da gestão compartilhada e participativa do território.

A estruturação em sete Eixos Estratégicos, desdobrados em Macroprogramas com ações,

prioridades e metas mensuráveis evidenciam o caráter propositivo do Plano. Recomenda-se priorizar o fortalecimento da IGL e do Sistema de Gestão de Riscos, condições estruturantes para os demais eixos, enquanto a diversificação de fontes de financiamento e a qualificação profissional dos prestadores de serviços avançam de forma integrada, ampliando a segurança e a qualidade das experiências ofertadas.

O êxito do plano dependerá da institucionalização robusta frente às ameaças de especulação imobiliária e descontinuidade de políticas públicas, reafirmando o compromisso da região com um turismo responsável, seguro e gerador de benefícios socioeconômicos duradouros.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 15501: Turismo de aventura – Técnicas verticais – Requisitos para produto. Rio de Janeiro, 2011.

ABNT. Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR ISO 20611: Turismo de aventura – Boas práticas de sustentabilidade – Requisitos e recomendações. Rio de Janeiro, 2021.

AMADU, F. O. et al. Application of geographic information system in ecotourism: a global bibliometric analysis. *Cogent Social Sciences*, 2025.

BORGATTI, S. P.; FOSTER, P. C. The network paradigm in organizational research: a review and typology. *Journal of Management*, 2003.

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 6 – Sistema de Informações Turísticas do Programa. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de Regionalização do Turismo – Roteiros do Brasil: Módulo Operacional 7 – Roteirização Turística. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério do Turismo. Diagnóstico do turismo de aventura no Brasil. Belo Horizonte: Ed. dos Autores, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. Ecoturismo: marco conceitual. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. Manual do pesquisador – Inventário da oferta turística: instrumento de pesquisa. Brasília, dez. 2006.

BRASIL. Ministério do Turismo; SEBRAE. Tour da experiência: manual de orientação. Brasília, [2006?].

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo cultural: marcos conceituais. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de aventura: marcos conceituais. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de aventura: orientações básicas. 3. ed. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo rural: marcos conceituais. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de aventura: marcos conceituais. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo de aventura: orientações básicas. 3. ed. Brasília, 2010.

BRASIL. Ministério do Turismo. Turismo rural: marcos conceituais. Brasília, 2009.

BULAI, M.; CEHAN, A. Tendencies in the classification and hierarchization of tourism resources. *Studia UBB Geographia*, 2015.

BURTON, R. Thomas Cook: 150 years of popular tourism. London: John Murray, 1991.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CERTO, S. C. Administração estratégica: planejamento e implantação de estratégias. 3. ed. São Paulo: Pearson, 2012.

CHRISLIP, D. D. Colaboração e redes: como construir parcerias eficazes. São Paulo: Senac, 2003.

COHEN, E. A phenomenology of tourist experiences. *Sociology*, v. 13, n. 2, p. 179-201, 1979.

DIAS, R. Planejamento do turismo: desenvolvimento regional e global. São Paulo: Atlas, 2005.

ESPÍRITO SANTO. Decreto n. 794-R, de 30 de julho de 2001. Institui a Área de Proteção Ambiental da Pedra do Elefante, em Nova Venécia. Vitória, 2001.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria de Estado do Planejamento. Perfil da cidade de Nova Venécia. Vitória: FJSN, 1980.

FAPES. A natureza e o meio físico em Nova Venécia. In: *Geografia Nova Venécia*, cap. 1, 2 e 5. Nova Venécia, 2023.

FLEURY, A.; FLEURY, M. T. L. Gestão de redes: uma abordagem sistêmica. São Paulo: Atlas, 2001.

GARCIA, M. L. Turismo e desenvolvimento sustentável. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

GUARNIER, B. P. Potencialidades do geoturismo em Nova Venécia – ES. TCC (Graduação em Geografia) – IFES, Campus Nova Venécia, 2023.

IBGE. Enciclopédia dos municípios brasileiros. v. 22. Rio de Janeiro, 1959. p. 126-127.

IBGE. Nova Venécia, Espírito Santo. Cidades. Rio de Janeiro, [202-?]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/es/nova-venecia/panorama>. Acesso em: 12 maio 2025.

IEMA. Área de Proteção Ambiental Pedra do Elefante. Disponível em: https://iema.es.gov.br/APA_Pedra_Elefante. Acesso em: 18 jun. 2025.

IEMA. GEOIEMA – Coordenação de Geomática (CGEO). Disponível em: <http://geo.iema.es.gov.br/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

IJSN. Caminhos do campo: percepções das comunidades locais. Vitória, 2017.

INCAPER. Programa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Proater) 2020-2023. Vitória, 2020.

KIST, T. C. Avaliação de impactos ambientais em trilhas de caminhada: incentivando autonomia e sustentabilidade. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) – UPF, Passo Fundo, 2019.

LAWSON, B.; **DORST,** K. Design expertise. London: Routledge, 2013.

LIPNACK, J.; **STAMPS,** J. Redes e parcerias: como trabalhar em equipe e construir parcerias eficazes. São Paulo: Futura, 2001.

MELO, C.; **ARCHELA,** R. S. Avaliação dos impactos do uso público em trilhas: metodologia aplicada ao Parque Estadual Mata dos Godoy, PR. Londrina: UEL, 2014.

PEARCE, J. A.; **ROBINSON,** R. B. Administração estratégica: formulação, implementação e controle. 13. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2013.

PETROCCHI, M. Turismo: planejamento e gestão. São Paulo: Futura, 1998.

PIMENTEL, T. D.; **CARVALHO,** F. C. C. Autoavaliação do grau de desenvolvimento da oferta turística com base em seus recursos, atrativos e produtos. Revista Rosa dos Ventos, 2020.

PINE II, B. J.; **GILMORE,** J. H. The experience economy: work is theater & every business a stage. Updated ed. Boston: HBR Press, 2011.

PROVAN, K. G.; **FISH,** A.; **SYDOW,** J.

Interorganizational networks at the network level: a review of the empirical literature on whole networks. Journal of Management, 2007.

RODRIGUES, J. M.; **PIRES,** A. R. O turista 4.0: a transformação digital no turismo. Revista Portuguesa de Estudos Regionais, n. 53, p. 5-20, 2019.

SEAMA-ES. Decreto de criação da APA da Pedra do Elefante e seus instrumentos de gestão. SEBRAE-ES. Inventário da oferta turística do município de Nova Venécia. Vitória, 2005.

SERRA, J. C.; **BORGES,** M. Turismo responsável: um guia para os empreendedores. São Paulo: Senac, 2018.

SGB. GEOSSIT, Pedra do Elefante. **VIEIRA,** V. S. Disponível em: <https://www.sgb.gov.br/geossit/geossitios/ver/2235>. Acesso em: 28 abr. 2024.

SILVA, H. M. C. Avaliação de impactos ambientais negativos em trilhas ecológicas no Parque Estadual do Lajeado em Palmas-TO. Monografia (Graduação em Engenharia Ambiental) – UFT, Palmas, 2019.

📍 Santuário N. S. Peregrina | Nova Venécia | Espírito Santo | Brasil

REALIZAÇÃO



APOIO



EXECUÇÃO

